

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

ENSINO MÉDIO

2ª Edição



Este livro é público - está autorizada a sua reprodução total ou parcial.

Governo do Estado do Paraná
Roberto Requião

Secretaria de Estado da Educação
Mauricio Requião de Mello e Silva

Diretoria Geral
Ricardo Fernandes Bezerra

Superintendência da Educação
Yvelise Freitas de Souza Arco-Verde

Departamento de Ensino Médio
Mary Lane Hutner

Coordenação do Livro Didático Público
Jairo Marçal

Depósito legal na Fundação Biblioteca Nacional, conforme Decreto Federal n.1825/1907, de 20 de Dezembro de 1907.

É permitida a reprodução total ou parcial desta obra, desde que citada a fonte.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
Avenida Água Verde, 2140 - Telefone: (0XX) 41 3340-1500
e-mail: dem@seed.pr.gov.br
80240-900 CURITIBA - PARANÁ

Catálogo no Centro de Editoração, Documentação e Informação Técnica da SEED-PR

Língua Portuguesa e Literatura / vários autores. – Curitiba: SEED-PR, 2006. – p 208.

ISBN: 85-85380-38-1

1. Língua portuguesa. 2. Literatura. 3. Ensino médio. 3. Ensino de língua portuguesa. 4. Ensino de literatura. I. Folhas. II. Material de apoio pedagógico. III. Material de apoio teórico. IV. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação. V. Título.

CDU 806.90+373.5

2ª Edição
IMPRESSO NO BRASIL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Autores

Antonio Eduardo Leitão Navarro Lins
Carmen Rodrigues Fróes Pedrão
Luciana Cristina Vargas da Cruz
Maria de Fátima Navarro Lins Paul
Rosa Elena Bueno
Rosana Guandalin
Suely Marcolino Peres

Equipe técnico-pedagógica

Antônio Eduardo Leitão Navarro Lins
Donizete Aparecido Batista
Edilson José Krupek
Iris Mirian Miranda do Vale
Keila Vieira de Lima
Luciana Cristina Vargas da Cruz
Maria de Fátima Navarro Lins Paul
Mougly da Luz Queiroz
Solange Maria do Nascimento

Assessora do Departamento de Ensino Médio

Agnes Cordeiro de Carvalho

Coordenadora Administrativa do Livro Didático Público

Edna Amancio de Souza

Equipe Administrativa

Mariema Ribeiro
Sueli Tereza Szymanek

Técnicos Administrativos

Alexandre Oliveira Cristovam
Viviane Machado

Consultores

Altair Pivovar - UFPR
Cleverson Ribas Carneiro - UFPR

Consultor de direitos autorais

Alex Sander Hostyn Branchier

Leitura crítica

Alba Maria Perfeito - UEL

Revisão Textual

Antônio Eduardo Leitão Navarro Lins
Elizabeth Maria Hoffmann
Luciana Cristina Vargas da Cruz
Maria de Fátima Navarro Lins Paul

Projeto Gráfico e Capa

Eder Lima / Ícone Audiovisual Ltda

Editoração Eletrônica

Ícone Audiovisual Ltda

■ Carta do Secretário

Este Livro Didático Público chega às escolas da rede como resultado do trabalho coletivo de nossos educadores. Foi elaborado para atender à carência histórica de material didático no Ensino Médio, como uma iniciativa sem precedentes de valorização da prática pedagógica e dos saberes da professora e do professor, para criar um livro público, acessível, uma fonte densa e credenciada de acesso ao conhecimento.

A motivação dominante dessa experiência democrática teve origem na leitura justa das necessidades e anseios de nossos estudantes. Caminhamos fortalecidos pelo compromisso com a qualidade da educação pública e pelo reconhecimento do direito fundamental de todos os cidadãos de acesso à cultura, à informação e ao conhecimento.

Nesta caminhada, aprendemos e ensinamos que o livro didático não é mercadoria e o conhecimento produzido pela humanidade não pode ser apropriado particularmente, mediante exibição de títulos privados, leis de papel mal-escritas, feitas para proteger os vendilhões de um mercado editorial absurdamente concentrado e elitista.

Desafiados a abrir uma trilha própria para o estudo e a pesquisa, entregamos a vocês, professores e estudantes do Paraná, este material de ensino-aprendizagem, para suas consultas, reflexões e formação contínua. Comemoramos com vocês esta feliz e acertada realização, propondo, com este Livro Didático Público, a socialização do conhecimento e dos saberes.

Apropriem-se deste livro público, transformem e multipliquem as suas leituras.

Mauricio Requião de Mello e Silva
Secretário de Estado da Educação

■ Aos Estudantes

Agir no sentido mais geral do termo significa tomar iniciativa, iniciar, imprimir movimento a alguma coisa. Por constituírem um *initium*, por serem recém-chegados e iniciadores, em virtude do fato de terem nascido, os homens tomam iniciativa, são impelidos a agir. (...) O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. Desse alguém que é singular pode-se dizer, com certeza, que antes dele não havia ninguém. Se a ação, como início, corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais.

Hannah Arendt
A condição humana

Este é o seu livro didático público. Ele participará de sua trajetória pelo Ensino Médio e deverá ser um importante recurso para a sua formação.

Se fosse apenas um simples livro já seria valioso, pois os livros registram e perpetuam nossas conquistas, conhecimentos, descobertas, sonhos. Os livros documentam as mudanças históricas, são arquivos dos acertos e dos erros, materializam palavras em textos que exprimem, questionam e projetam a própria humanidade.

Mas este é um livro didático, caracteriza-se pelo ensinar e aprender. É a idéia mais comum a respeito de um livro didático. Porém, o Livro Didático Público é diferente. Ele foi escrito a partir de um conceito inovador de ensinar e de aprender. Com ele, como apoio didático, seu professor e você farão muito mais do que “seguir o livro”. Vocês ultrapassarão o livro. Serão convidados a interagir com ele e desafiados a estudar além do que ele traz em suas páginas.

Neste livro há uma preocupação em escrever textos que valorizem o conhecimento científico, filosófico e artístico, bem como a dimensão histórica das disciplinas de maneira contextualizada, ou seja, numa linguagem que aproxime esses saberes da sua realidade. É um livro diferente porque não tem a pretensão de esgotar conteúdos, mas discutir a realidade em diferentes perspectivas de análise; não quer apresentar dogmas, mas questionar para compreender. Além disso, os conteúdos abordados são alguns recortes possíveis dos conteúdos mais amplos que estruturam e identificam as disciplinas escolares. O conjunto desses elementos que constituem o processo de escrita deste livro denomina cada um dos textos que o compõem de “Folhas”.

Em cada Folhas vocês, estudantes, e seus professores poderão construir, reconstruir e atualizar conhecimentos das disciplinas e, nas veredas das outras disciplinas, entender melhor os conteúdos sobre os quais se debruçam em cada momento do aprendizado. Essa relação entre as disciplinas, que está em aprimoramento, assim como deve ser todo o processo de conhecimento, mostra que os saberes específicos de cada uma delas se aproximam, e navegam por todas, ainda que com concepções e recortes diferentes.

Outro aspecto diferenciador deste livro é a presença, ao longo do texto, de atividades que configuram a construção do conhecimento por meio do diálogo e da pesquisa, rompendo com a tradição de separar o espaço de aprendizado do espaço de fixação que, aliás, raramente é um espaço de discussão, pois, estando separado do discurso, desarticula o pensamento.

Este livro também é diferente porque seu processo de elaboração e distribuição foi concretizado integralmente na esfera pública: os Folhas que o compõem foram escritos por professores da rede estadual de ensino, que trabalharam em interação constante com os professores do Departamento de Ensino Médio, que também escreveram Folhas para o livro, e com a consultoria dos professores da rede de ensino superior que acreditaram nesse projeto.

Agora o livro está pronto. Você o tem nas mãos e ele é prova do valor e da capacidade de realização de uma política comprometida com o público. Use-o com intensidade, participe, procure respostas e arrisque-se a elaborar novas perguntas.

A qualidade de sua formação começa aí, na sua sala de aula, no trabalho coletivo que envolve você, seus colegas e seus professores.

Sumário

Rap da Língua Portuguesa.....	10
Apresentação	12

Conteúdo Estruturante: O Discurso como prática social: oralidade, leitura, escrita, literatura.

1 – Procura-se um Crime	17
2 – O Labirinto da Linguagem Jurídica	29
3 – Discursos da Negritude	43
4 – Pescando Significados.	55
5 – Sonhando com a Casa Própria.	65
6 – Palavras	77
7 – Sobre A Modernidade ou como ler um livro.....	89

8 –	A Máquina do Tempo	101
9 –	Estratégias de manifestar opinião	111
10 –	Quem conta um conto	123
11 –	Você é um Chato	137
12 –	Linguagem Científica e Linguagem Cotidiana – Maneiras de Dizer	149
13 –	Variação Lingüística	157
14 –	Múltiplas Significações	171
15 –	Mercado de Trabalho: Que Bicho é esse?	181
16 –	Vírgulas e Significado	191

Rap da Língua Portuguesa

(A linguagem em ritmo)

Leitura, escrita, literatura, oralidade
 A linguagem no ritmo da multiplicidade.
 Vem com a gente, galera, vem pra conhecer
 A linguagem em uso é o que vimos lhe trazer.

Na sala de aula era assim...
 Aluno e professor. A Língua? Regras sem fim...

— Ai, que texto grande!! Não consigo entender!!
 — Vale quanto, professor? Cai na prova?
 — Vou ter mesmo que ler?
 — Ai, que coisa chata! Não tem figura? Olha o tamanho da letra...
 — É em dupla, professor? Vou ter mesmo que fazer?

— Escreve direito, menino!
 — Não assassina o português!
 — Caneta na mão copiando a lição!
 — Sentado na cadeira!
 — Isso não é lugar de brincadeira!

Essas são idéias que precisam mudar!
 O livro didático público está aí pra inquietar
 Para formar sem fazer conformar
 Pois a realidade precisamos transformar.
 Se liga, meu irmão,
 No que vamos te dizer,
 Somos todos iguais
 E diferentes pra valer
 ‘Tamo’ na atividade!
 ‘Tamo’ aí pra aprender!

Este é o Rap da Língua Portuguesa
 Vem com a gente aprender
 Usar a língua com destreza
 Oralidade, leitura e escrita
 Desenvolver o pensar sem maldade
 Mas também sem ingenuidade.
 E tudo ler, do romance ao cordel.
 O que aceita o papel, ler.
 Com todos os tipos de textos, aprender.
 Experimentar da língua o potencial
 Que tal?
 É só entrar e abrir a janela-
 -texto que dá para o pensamento

E logo a imaginação acelera
 Aprimorando o movimento
 Do aprender.

Vem com a gente, galera, vem pra conhecer
 A proposta nova que vimos lhe trazer.
 Leitura, escrita, literatura e oralidade
 Para a construção de uma nova sociedade.

Você é a personagem principal
 Do texto e do contexto
 É só entrar e abrir a janela
 Para os mundos da linguagem.
 Ler é conhecer, pensar é refletir
 Todos modos de interagir.
 Interagir com o mundo e sua multiplicidade:
 O cinema, o trabalho, a TV, a música
 A linguagem e toda a sua variedade.
 E pra ficar mais bacana, a interdisciplinaridade.
 Interaja com os elementos
 Ampliando seus conhecimentos.

Usar a língua pra falar
 Usar a língua pra fiar
 Afiar todo o seu ser.
 Oralidade, leitura, escrita
 Ajudam a fazer quem somos
 Pois são as práticas com as quais lidamos.
 Nós crescemos com a língua que usamos.

Eu erro, tu erras, nós erramos.
 Errar não é pecado.
 É, na verdade, tentativa de aprendizado.

Preconceito lingüístico é roubada.
 Melhor errar do que não fazer nada!

Leitura, escrita, literatura, oralidade
 A linguagem no ritmo da multiplicidade.
 Vem com a gente, galera, vem pra conhecer
 A linguagem em uso é o que vimos lhe trazer.

Os autores

L
 Í
 N
 G
 U
 A

 P
 O
 R
 T
 U

 G
 U

 E

 S
 A

A
p
r
e
s
e
n
t
a
ç
ã
o

Este material foi feito para você, estudante do Ensino Médio da Rede Pública Estadual. É um convite para promover sua interação com o mundo. É, em grande parte, resultado da nossa experiência em sala de aula e de uma cuidadosa reflexão sobre as Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Ensino Médio. Assim, nas atividades propostas ao longo deste livro, procuramos contemplar as práticas da oralidade, da escrita e da leitura, sem nos esquecermos da literatura e sua especificidade.

Para que trabalhar oralidade na escola? Ora, além da sua fala cotidiana, são inúmeras as circunstâncias em que você precisa se expressar oralmente com um maior grau de formalidade: numa entrevista de seleção para um emprego, você não pode se expressar da mesma maneira como você fala com um amigo, em uma festa ou nos intervalos de aulas. Assim, também, manifestar opiniões em debates, troca e exposição de idéias em ambiente de trabalho, apresentações de seminários, transmitir informações, defesa de pontos de vista (argumentação) são situações que exigem mais formalidade. O próprio contar histórias ou narrar as próprias experiências, dependendo da situação, exigem cuidados com a clareza do que se está dizendo.

Além disso, o trabalho com a oralidade permite analisar a linguagem enquanto discurso falado, ensinando-nos, também, a ouvir e a ler. Ao tentarmos entender o que diz o locutor de um telejornal, estamos aprimorando nosso ouvir, a nossa compreensão acerca daquilo que foi dito; ao buscarmos a melhor maneira de recitar um poema, estamos trabalhando a oralidade no sentido de ler. A fala é um instrumento fundamental na defesa dos direitos, ela pode servir tanto para intimidar quanto para demonstrar poder perante o outro. O trabalho com a oralidade visa, assim, desenvolver o falar com fluência em diferentes situações, adequando a linguagem às circunstâncias (interlocutores, assunto, intenções), aproveitando os recursos expressivos da língua.

Para que trabalhar a escrita? Ora, é por meio da escrita que o homem registra toda a aventura humana, deixa sua marca registrada na história. Buscamos, neste livro, mostrar-lhe que há instâncias que requerem o uso da escrita com maior ou menor formalidade.

Escrever é inventar, a cada momento, a própria identidade, é dizer de si e do mundo, para si e para o mundo. Escrever é ordenar o pensamento; é buscar compreender-se e compreender o mundo.

Apoderar-se dessa forma de expressão da linguagem é direito de todos e dever da escola. Diante disso, procuramos propiciar a você experiência com a escrita de diferentes gêneros discursivos.

Leitura? Para quê? Para vivenciar experiências com essa diversidade textual: crônicas, piadas, poemas, causos populares, textos de opinião, reportagens, charges, histórias em quadrinhos, teatro, cordel, romances, contos, textos instrucionais, percebendo, em cada um deles, a presença de um sujeito histórico e de uma intenção. A leitura desses textos irá ajudá-lo, gradativamente, a ampliar seus horizontes, fazendo-o perceber as várias nuances no trato com as palavras, sempre envolto em intenções. É importante acrescentar, ainda, que as práticas de leitura devem lhe proporcionar tanto a construção do sentido do texto quanto a percepção das relações de poder inerentes a ele. A leitura, nessa perspectiva, não pode estar dissociada da vida. Nesse sentido, não é possível restringir a leitura ao que o autor quis dizer, mas aprimorar a reflexão: o importante é o que o texto diz a você, leitor, pois é a sua interação com o texto que vai atribuir sentidos à leitura. Um aluno, bom leitor, não se contenta com a seleção de textos feita pelo professor, ele mistura as suas leituras com aquelas que o professor solicitou. Dessa mistura é que advém os sentidos daquilo que se lê.

Procuramos, neste trabalho, mostrar que a língua é vida, está presente em todas as nossas relações sociais e abrange, além dos textos escritos e falados, a integração da linguagem verbal com as outras linguagens: as artes visuais, a música, o cinema, o teatro, a fotografia, o

A

p

r

e

s

e

n

t

a

ç

ã

o

vídeo, a televisão, o rádio, a publicidade, os quadrinhos, as charges, a multimídia e todas as formas infográficas ou qualquer outro meio linguageiro criado pelo homem.

Os textos presentes neste livro provêm de diferentes fontes. Alguns deles, como poemas, crônicas, contos, letras de músicas, charges, integram o patrimônio cultural da Língua Portuguesa.

É fundamental, portanto, que você compreenda toda a multiplicidade da linguagem, perceba que a língua não é somente de uso escolar, está presente em todos os momentos do seu cotidiano e é por meio dela que você se mantém plugado no mundo e, mais que isso, é nela e com ela que você se constitui, que você se constrói como pessoa. Lembremos, aqui, uma frase do poeta português Fernando Pessoa, quando disse: “Minha Pátria é a Língua Portuguesa.” Enfim, é nossa intenção explicitar que a linguagem, como disse o filósofo Hegel, é o universo no qual nascemos e é o suporte para todo o conhecimento.

Com esse olhar, buscamos desenvolver atividades que proporcionem experiências reais de uso da linguagem. Ao realizá-las, você se confrontará com diferentes práticas discursivas como falar, ler, gestualizar, representar e escrever. Ao optarmos por essa metodologia, pretendemos ampliar seu universo de informações e mobilizá-lo para a pesquisa, a investigação, o levantamento de hipóteses, num trabalho mais eficaz com a língua.

O trabalho com a linguagem, visto sob essa perspectiva, viabiliza a sua participação na história de forma mais ativa e transformadora, instrumentalizando-o para construir julgamentos coerentes, emitir opiniões, dialogar com outros textos e, assim, produzir sua própria forma de pensar e agir no mundo com e pela linguagem.

A fim de provocar uma reflexão mais aprofundada, os tópicos propostos sempre iniciam com uma questão mobilizadora, com um problema, com a finalidade de estimular ou instigar a busca de respostas, gerando uma atitude responsiva frente às situações-problema.

A partir dessa busca de respostas, você e seus colegas exercitam o uso da linguagem, compreendendo o propósito das práticas linguísticas e o contexto de sua produção. As atividades também têm o intuito de propor o exercício da Língua em uso, bem como a reflexão sobre esse exercício e as inúmeras possibilidades que ele oferece no sentido de potencializar o pensamento, aprimorando a expressão oral e escrita.

Na sua passagem pela escola, não tenha medo de errar. A escola é o espaço onde o erro pode e deve acontecer. É a partir dos seus erros, suas tentativas, seus acertos e desacertos com as estruturas dinâmicas da Língua, que demandam sua precisão e sua criatividade, que o professor desenhará o mapa daquilo que deve ser ensinado.

Considerando tudo o que foi exposto até aqui, é importante dizer que o trabalho com a linguagem não se esgota nas abordagens desenvolvidas neste livro. Cada capítulo é aberto às inúmeras intervenções, às múltiplas associações que o seu percurso de experiências como falante, escritor e leitor lhe permite realizar. Cada capítulo aponta um rumo, mas é preciso construir a estrada.

Nossa expectativa é que, ao interagir com este material, você perceba o quão fascinante é o mundo da linguagem.

Os autores

L
Í
N
G
U
A

P
O
R
T
U
G
U
E
S
A

PROCURADA

MOUNT



Essa dona
desapareceu e
não compareceu
ao julgamento

Nome : Joy Glasman

Idade : Indefinida

Crime : ajudar o filho em sua profissão

Pena : pagou 10 mil ainda não foi julgada

Quem souber o paradeiro, favor avisar

PROCURA-SE UM CRIME!

■ Carmen Rodrigues Fróes Pedrão¹,
Suely Marcolino Peres², Rosa Elena
Bueno³, Rosana Guandalin⁴, Maria de
Fátima Navarro Lins Paul⁵, Antônio
Eduardo Leitão Navarro Lins⁶.



Você está caminhando pela rua e se
depara com esse cartaz fixado em
um poste.

Dá para ajudar? Justifique.

Luz interior

Helena Kolody

O brilho da lâmpada
no interior da morada,
empalidece as estrelas.

¹Colégio Estadual Castro Alves - Cornélio Procopio - PR

²Colégio Estadual Olavo Bilac - Sarandi - PR

³Colégio Estadual Helena Kolody - Colombo - PR

⁴Colégio Estadual Narciso Mendes - Santa Isabel do Ivaí - PR

⁵Colégio Estadual Paulo Leminski - Curitiba - PR

⁶Colégio Estadual Paulo Leminski - Curitiba - PR



ATIVIDADE

- Com que intenção alguém – nesse caso, a polícia – espalha cartazes deste tipo pelas ruas de uma cidade?
- Avalie o cartaz com seus colegas, levando em conta a intenção.

O delegado da cidade de Mount Chasta, na Califórnia, constatou que a elaboração do cartaz não está adequada e não cumpre a função de auxiliar na identificação e localização da criminoso. Decidiu, então, para o bem da investigação, promover um concurso para que um novo cartaz fosse elaborado. Para isso, publicou o seguinte edital:

EDITAL

A Delegacia de Mount Chasta, tendo em vista os problemas constatados no cartaz de PROCURADA, expedido contra Joy Glassman, está realizando um concurso para a escolha de um cartaz substituto, obedecendo às seguintes condições:

1. Deverão participar do concurso todos os alunos da sala.
2. A entrega dos cartazes deverá ser feita no dia, na sala
3. Os cartazes deverão ser confeccionados em papel branco, tamanho A3.
4. Os cartazes podem conter cores.
5. Os trabalhos deverão ser individuais.
6. Na confecção dos novos cartazes, os participantes deverão sanar todos os problemas observados no cartaz original.
7. Uma vez que a foto da acusada sumiu da delegacia, os participantes deverão selecionar materiais (recursos) para a elaboração do novo retrato falado, a partir do boletim de ocorrência (B.O.). Para a sua elaboração, recomenda-se a leitura atenta do B.O., que contém o depoimento da acusada.
8. O retrato falado poderá ser executado com a colagem de recortes de revistas e jornais ou através de desenhos.
9. A escolha do cartaz substituto obedecerá os seguintes procedimentos:
 - 9.1 Participarão da comissão julgadora todos os alunos da turma.
 - 9.2 Os alunos organizar-se-ão em comissões de quatro alunos (valendo grupos de três ou cinco, conforme a necessidade).
 - 9.3 Cada comissão selecionará um cartaz e apresentará seu julgamento, por escrito, ao professor. Nesse julgamento, deverão constar as razões que levaram à escolha do cartaz selecionado e também as razões porque os demais cartazes foram recusados.
 - 9.4 Ao professor caberá fazer a leitura dos julgamentos e submeter os trabalhos classificados a um debate geral, para a escolha final.
10. Para a seleção dos cartazes, as comissões deverão levar em conta os seguintes critérios:

10.1 A preocupação estética (organização, impacto visual, limpeza).

10.2 A clareza das informações.

10.3 A adequação da linguagem aos propósitos do cartaz.



ATIVIDADE

- Nesta situação, você pode descobrir-se um excelente cartazista! Elabore um novo cartaz, de acordo com o edital.

Na confecção do cartaz, o item 10.1 do edital aborda a preocupação estética – recurso essencial para a composição do cartaz ou de um quadro.

Um exemplo desse recurso é a proporção, a relação das partes entre si e de cada parte com o todo. Um cartaz medindo 70cm x 50cm não poderia ter seu texto escrito com letras muito pequenas ou mostrar uma imagem muito pequena, pois o resultado seria desproporcional, ou seja, não haveria harmonia entre o suporte e o tamanho da letra ou da imagem.

No caso de um cartaz com a intenção do nosso, o tipo de letra também é importante: as pessoas precisam entender a mensagem. Assim, letras enfeitadas demais devem ser evitadas.

Outro elemento importante é o uso da cor. A cor pode provocar muitas sensações no observador e precisa ser usada com um certo cuidado, tendo em vista as intenções do cartaz. Muitas cores num mesmo espaço podem passar a sensação de poluição visual.

Um item interessante é a questão da centralização. Muitas vezes, podemos achar que num cartaz – como o de “procura-se” – o ideal seria colocar a imagem da procurada no centro geométrico do cartaz. Esta colocação, entretanto, não é a mais adequada. Devemos procurar o centro de interesse, ou seja, o local onde os olhos pousam em primeiro lugar.

Para evitar o peso visual de um cartaz, é preciso atentarmos para o fato que “em todas as formas visuais, a parte inferior significa, para nós, a base. É como se fosse a terra em que pisamos. Daí decorrem várias qualificações: imediatamente a margem inferior torna-se a linha de base. Em consequência disso, toda a área que a acompanha torna-se visualmente mais pesada. Assim, qualquer indicação visual que entrar na área baixa, ficará carregada de peso[...]” (Ostrower, 1999).

Essas indicações devem contribuir para que seu cartaz cumpra a intenção proposta.

amei em cheio

meio amei-o

meio não amei-o

(Paulo Leminski)

Para confeccionar o cartaz, você deverá ler atentamente o boletim de ocorrência:

DELEGACIA DE MOUNT CHASTA – BOLETIM DE OCORRÊNCIA – Nº.01 PÁG. 1/2

HISTÓRICO

Joy Glassman, presa em Mount Chasta (Califórnia) por ajudar a carreira de seu filho, Jason Robertson, foi solta após pagar fiança de US\$10 mil, mas aguarda julgamento e pode ser condenada a 20 anos de prisão.

PESSOA ENVOLVIDA

NOME: Joy Glassman

IDADE: 60 Anos

ENDEREÇO: 37 Forest Park Avenue

PROFISSÃO: Aposentada

TRAÇOS FÍSICOS

ALTURA: 1,60m

NARIZ: Não diz nada de especial

PESO: 60 kg

BOCA: De indiferença

OLHOS: Amendoados

ROSTO: Triangular

OLHAR: Furtivo

TESTA: Larga

SOBRANCELHAS: Convexas

QUEIXO: Retangular

ORELHAS: Bem proporcionadas

SINAIS PESSOAIS: Marca de queimadura no supercílio direito

CABELOS: Intencionalmente desalinhados

DEPOIMENTO DA ACUSADA

Mãe é Fogo

O que tenho a dizer da minha condenação? É injusta, ora. A sentença mais injusta já proferida nos Estados Unidos. O mínimo que posso dizer desse juiz é que não conhece coração de mãe. Então, ele não sabe que uma mãe tem de fazer tudo por seu filho? Será que a mãe desse senhor não se esforçou para que ele fosse juiz?

Bem, o meu Jason não queria ser juiz. Nem economista, nem professor. Quando decidi o que seria e me comunicou a sua decisão, fiquei desesperada. Mas ele falou com um entusiasmo tão inflamado sobre a profissão, que tive de ceder.

Depois de se formar com muitas honras, não foi difícil iniciar logo a tão sonhada carreira. Parecia muito feliz, mas um dia veio me procurar em prantos. – O que foi? – perguntei aflita. Jason soluçava tanto que nem podia falar. Finalmente se acalmou e falou numa voz sumida:

– Pouco trabalho...

De imediato compreendi seu drama. Mount Chasta é uma cidade pequena, não tinha muitas oportunidades a oferecer. Pior: todos os moradores dispensavam os serviços do meu filho. Não porque ele não fosse competente na profissão que escolhera, mas porque os habitantes de Mount Chasta eram todos muito cautelosos e previdentes. Chegava a ser algo patológico o temor deles.

Fiquei consternada. Mas de imediato resolvi: aquele era o momento em que meu filho precisava de mim e eu não falharia. Ele teria a minha ajuda pronta e incondicional. A ajuda que só uma mãe pode dar ao filho.

Mas... Ajudar em quê? Eu não podia andar pelas casas convencendo as pessoas a se tornarem menos cautelosas. O que eu podia fazer – e confesso que estremei quando a idéia me ocorreu – era arranjar uns ‘servicinhos’ para meu filho.

Não seria fácil. Ao contrário do meu filho, o meu talento para serviços dessa natureza era praticamente nulo. Primeiro, por absoluta inexperiência. Depois, porque eu tinha realmente muito medo.

A prova de fogo seria avaliar cuidadosamente todos os meus atos. As conseqüências não poderiam ser nem tão exageradas que submetessem meu filho a perigo, nem tão pequenas que ele as rejeitasse com desprezo. Tarefa espinhosa, portanto, mas o que não faz uma mãe disposta a ajudar o seu filho?

Devo dizer que me saí extremamente bem. Em todos os casos meu Jason brilhou, o que me encheu de entusiasmo. Comecei a pensar em coisas realmente grandes – a municipalidade, quem sabe a Casa Branca, quem sabe o Capitólio. Foi aí que me prenderam.

Uma injustiça, como falei. Mas minha missão ainda não está encerrada. Os carcereiros que se cuidem. Prisão alguma pode resistir aos propósitos ardentes de uma mãe.

■ Adaptado de Moacyr Scliar



ATIVIDADE

- Que análise você faz destas informações? Como elas poderão contribuir com você na elaboração do cartaz?
- O depoimento da acusada, que você acabou de ler no boletim de ocorrência, foi transposto de um fato real. A leitura atenta e cuidadosa deste depoimento fornecerá as pistas para que você descubra:
- A profissão de Jason.
- O crime da Sra. Glassman.

Agora, faça a leitura do conto “Uma vela para Dario”, do escritor paranaense Dalton Trevisan.



■ Vela

Uma vela para Dario

Dario vinha apressado, guarda-chuva no braço esquerdo e, assim que dobrou a esquina, diminuiu o passo até parar, encostando-se à parede de uma casa. Por ela escorregando, sentou-se na calçada, ainda úmida de chuva, e descansou na pedra o cachimbo.

Dois ou três passantes rodearam-no e indagaram se não se sentia bem. Dario abriu a boca, moveu os lábios, não se ouviu resposta. O senhor gordo, de branco, sugeriu que devia sofrer de ataque.

Ele reclinou-se mais um pouco, estendido agora na calçada, e o cachimbo tinha apagado. O rapaz de bigode pediu aos outros que se afastassem e o deixassem respirar. Abriu-lhe o paletó, o colarinho, a gravata e a cinta. Quando lhe retiraram os sapatos, Dario roncou feio e bolhas de espuma surgiram no canto da boca.

Cada pessoa que chegava erguia-se na ponta dos pés, embora não o pudesse ver. Os moradores da rua conversavam de uma porta à outra, as crianças foram despertadas e de pijama acudiram à janela. O senhor gordo repetia que Dario sentara-se na calçada, soprando ainda a fumaça do cachimbo e encostando o guarda-chuva na parede. Mas não se via guarda-chuva ou cachimbo ao seu lado.

A velhinha de cabeça grisalha gritou que ele estava morrendo. Um grupo o arrastou para o táxi da esquina. Já no carro a metade do corpo, protestou o motorista: quem pagaria a corrida? Concordaram chamar a ambulância. Dario conduzido de volta e recostado à parede – não tinha os sapatos nem o alfinete de pérola na gravata.

Alguém informou da farmácia na outra rua. Não carregaram Dario além da esquina; a farmácia no fim do quarteirão e, além do mais, muito pesado. Foi largado na porta de uma peixaria. Enxame de moscas lhe cobriu o rosto, sem que fizesse um gesto para espantá-las.

Ocupado o café próximo pelas pessoas que vieram apreciar o incidente e, agora, comendo e bebendo, gozavam as delícias da noite. Dario ficou torto como o deixaram, no degrau da peixaria, sem o relógio de pulso.

Um terceiro sugeriu que lhe examinassem os papéis, retirados - com vários objetos - de seus bolsos e alinhados sobre a camisa branca. Ficaram sabendo do nome, idade; sinal de nascença. O endereço na carteira era de outra cidade.

Registrou-se correria de mais de duzentos curiosos que, a essa hora, ocupavam toda a rua e as calçadas: era a polícia. O carro negro investiu a multidão. Várias pessoas tropeçaram no corpo de Dario, que foi pisoteado dezessete vezes.

O guarda aproximou-se do cadáver e não pôde identificá-lo — os bolsos vazios. Restava a aliança de ouro na mão esquerda, que ele próprio – quando vivo – só podia destacar imediatamente com sabonete. Ficou decidido que o caso era com o rabeção.

A última boca repetiu — Ele morreu, ele morreu. A gente começou a se dispersar. Dario levava duas horas para morrer, ninguém acreditou que estivesse no fim. Agora, aos que podiam vê-lo, tinha todo o ar de um defunto.

Um senhor piedoso despiu o paletó de Dario para lhe sustentar a cabeça. Cruzou as suas mãos no peito. Não pôde fechar os olhos nem a boca, onde a espuma tinha desaparecido. Apenas um homem morto e a multidão se espalhou, as mesas do café ficaram vazias. Na janela alguns moradores com almofadas para descansar os cotovelos.

Um menino de cor e descalço veio com uma vela, que acendeu ao lado do cadáver. Parecia morto há muitos anos, quase o retrato de um morto desbotado pela chuva.

Fecharam-se uma a uma as janelas e, três horas depois, lá estava Dario à espera do rabeção. A cabeça agora na pedra, sem o paletó, e o dedo sem a aliança. A vela tinha queimado até a metade e apagou-se às primeiras gotas da chuva, que voltava a cair.

■ (TREVISAN, 1979)



ATIVIDADE

Reúnam-se em grupos e discutam as seguintes questões, registrando por escrito as conclusões:

- O único personagem que tem nome é Dario. Quem é ele? É possível identificá-lo? Por quê?
- Que relação há entre o crime cometido pela senhora Joy Glassman e as ações descritas no conto de Dalton Trevisan? Entre estas ações, há as que podem ser consideradas criminosas? Quais? Que leis foram infringidas? O que motivou as pessoas a cometerem essas infrações?
- A Senhora Glassman pode ser condenada a 20 anos de prisão, conforme se verifica no Boletim de Ocorrência. E no caso de Dario, há alguma penalização prevista para este(s) crime(s)? Ela recairá sobre quem?
- Vocês já tiveram a oportunidade de desvendar o crime cometido pela senhora Joy Glassman. O que levou a Senhora Glassman a praticar o crime?

SUGESTÃO

Se você gostou desse conto do Dalton Trevisan, autor curitibano, há outros livros dele na biblioteca da sua escola:

- *111 Ais;
- *Cemitério de Elefantes;
- *Em Busca de Curitiba Perdida;
- *Novelas nada exemplares;
- *O Vampiro de Curitiba;
- *Vozes do Retrato.

“Construção”, uma conhecida música do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda, também narra uma ocorrência que poderia ser tida como criminosa. A seguir, você tem um fragmento da letra. Busque a letra integral e faça a leitura.

CONSTRUÇÃO

Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido
 Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima
 Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado



<http://www.canalciencia.ibict.br>

E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

[...]

E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público

[...]

E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado
 Morreu na contramão atrapalhando o sábado

■ Fonte: BUARQUE, Chico. <<http://www.chicoburque.com.br/construção/index.html>>



Escute a música.

Perceba como o ritmo e a melodia de cada verso se repetem durante toda a música. Esta repetição, daquilo que em música se chama “célula rítmica e melódica”, contribui para a representação da monotonia da colocação dos tijolos, um a um, num trabalho mecânico, repetitivo. Quando lemos/escutamos uma música com letra, é importante que não separemos uma da outra. Os elementos constitutivos deste tipo de música – letra, ritmo, melodia e harmonia – são um todo indissociável e são essenciais na construção de um sentido para o que se ouve.



ATIVIDADE

- No primeiro conto, os personagens são a Sra. Glassman e Jason, seu filho; no segundo conto, temos Dario. Na letra de Construção, embora seja uma narrativa, não há nome para o personagem. Qual a intenção deste “anonimato”?
- Quais elementos do texto identificam a profissão e a condição de vida do personagem?
- Que relação você estabelece entre “Construção” e o conto de Dalton Trevisan, a partir do verso “morreu na contramão atrapalhando o público”?
- Qual a diferença entre os textos, na maneira como eles tratam da morte? Qual a reação das pessoas ou o sentimento que a morte provoca?
- Que efeito de sentido se tem com a repetição da expressão “morreu na contramão”?
- Que palavras definem o cenário da ocorrência narrada em “Construção”?

Quando as pessoas refletem e discutem sobre ocorrências semelhantes às aquelas narradas nos três textos que lemos até agora, é comum se ouvirem comentários sobre a falta de ética.



ATIVIDADE

Responda: havia ética na conduta da Senhora Glassman, na atitude das pessoas que viram a morte de Dario e no contexto social da morte do trabalhador de “Construção”?

Para complementar sua resposta, leia o que Marilena Chauí, filósofa brasileira, fala sobre ética:

“Considerando que a humanidade dos humanos reside no fato de serem racionais, dotados de vontade livre, de capacidade para a comunicação e para a vida em sociedade, de capacidade para interagir com a Natureza e com o tempo, nossa cultura e sociedade nos definem como **sujeitos** do conhecimento e da ação, localizando a violência em tudo aquilo que reduz um sujeito à condição de objeto. Do ponto de vista ético, somos **pessoas** e não podemos ser tratados como coisas. Os valores éticos se oferecem, portanto, como expressão e garantia de nossa condição de sujeitos, proibindo moralmente o que nos transforme em coisa usada e manipulada por outros.

A ética é normativa exatamente por isso, suas normas visam impor limites e controles ao risco permanente da violência.

Os constituintes do campo ético

Para que haja conduta ética, é preciso que exista o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. A consciência moral não só conhece tais diferenças, mas também reconhece-se como capaz de julgar o valor dos atos e das condutas e de agir em conformidade com os valores morais, sendo por isso responsável por suas ações e seus sentimentos e pelas conseqüências do que faz e sente. Consciência e responsabilidade são condições indispensáveis da vida ética.” (CHAUÍ, 2000)



ATIVIDADE

- A letra de Chico Buarque utiliza-se de palavras que exemplificam, representam bem a última oração do primeiro parágrafo deste texto filosófico. Releia e identifique as escolhas que o autor fez e que materializam a “coisificação” do homem.

Para finalizar suas reflexões, crie um boletim de ocorrência que registre, a partir de um dos três textos, a morte da ética.

■ Referências Bibliográficas:

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

OSTROWER, F. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

SCLIAR, M. Mãe é fogo. In: **Folha de São Paulo**. Caderno Cotidiano. 10 ago. 1995.

TREVISAN, D. **Vinte Contos Menores**. Rio de Janeiro: Record, 1979.

■ Obras consultadas ONLINE

BUARQUE, C. **Construção**. Disponível em: <<http://www.chicoburque.com.br/construcao/index.html>> Acesso em: 18 out. 2005

Disponível em: <http://www.ufpel.edu.br/bvl/detalhe_livro.php?id_livro=1708#> Acesso em: 18 out. 2005



ANOTAÇÕES



■ Sir Sidney Nolan. O Julgamento, 1970-1. Pintura sobre papel, 47.9 x 63.0 cm. Tate Gallery, Londres, Inglaterra. <http://www.tate.org.uk>

O LABIRINTO DA LINGUAGEM JURÍDICA

■ Suely Marcolino Peres¹



Leitura



Escrita



Oralidade

CONTRATO DESCUMPRIDO

Preso romeno processa Deus por não salvá-lo do diabo

Um preso romeno está processando Deus por falhar em salvá-lo do Diabo. O prisioneiro, chamado Pavel M., acusa Deus de traição, abuso e tráfico de influência, segundo a imprensa local. As informações são do site Espaço Vital.

Segundo a notícia, o homem alega que “o batismo é um contrato entre ele e Deus”. E que Deus teria a obrigação de manter o Diabo longe, assim como os problemas trazidos por ele. A reclamação foi enviada para a Corte de Timisoara, na Romênia, e foi encaminhada para o procurador-geral.

Profissionais do Direito já disseram que o processo será arquivado porque “não é possível chamar Deus para depor”. O romeno cumpre 20 anos de prisão por assassinato. Segundo o preso, Deus mora no céu, mas pode ser representado, na Terra, pela Igreja Ortodoxa Romena.

■ Revista Consultor Jurídico, 20 de outubro de 2005

*P*avel está certo? Por quê?

noite sem sono
o cachorro late
um sonho sem dono

(Paulo Leminski)

Essa notícia, sobre o processo que Pavel M. abriu contra Deus, foi retirada de seu contexto original, onde foi veiculada em inglês.



ATIVIDADE

- Leia, abaixo, o texto original, com a ajuda de um dicionário, e registre que informações foram omitidas na tradução para o Português. Essas informações colaboram para uma compreensão melhor da notícia? Em que aspectos?

Prisoner sues God

A Romanian prisoner is suing God for failing to save him from the Devil. The inmate, named as Pavel M. in media reports, accused God of “cheating, abuse and traffic of influence”. His complaint reads: “I, the undersigned Pavel M., currently jailed at Timisoara Penitentiary serving a 20 years sentence for murder, request legal action against God, resident in Heaven, and represented here by the Romanian Orthodox Church, for committing the following crimes: cheating, concealment, abuse against people’s interest, taking bribe and traffic of influence”.

The inmate argued that his baptism was an contract between him and God who was supposed to keep the Devil away and keep him out of trouble.

He added: “God even claimed and received from me various goods and prayers in exchange for forgiveness and the promise that I would be rid of problems and have a better life. But on the contrary I was, left in Devil’s hands.”

The complaint was sent to the Timisoara Court of Justice and forwarded to the prosecutor’s office. But prosecutors said it would probably be dropped and they were unable to subpoena God to court.

■ http://www.ananova.com/news/story/sm_1576068.html

O denunciante alega que “o batismo é um contrato entre ele e Deus”. Veja o que diz a Igreja Ortodoxa a respeito do batismo:



“Os cristãos ortodoxos mais observadores concebem o batismo não apenas como um mero ritual ou evento social, mas como um renascimento espiritual. Participam deste feliz evento espiritual os pais – primeiros mestres da fé e da moral e os primeiros modelos de fé a quem Deus Todo-Poderoso confiou o dom da vida –, o Padrinho (ou, de acordo com o costume local, os padrinhos), que exerce também o papel de modelo de fé e moral durante o amadurecimento físico e espiritual do(a) afilhado(a).”

■ (http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/fe_ortodoxa/subsidios_pastorais2.htm. Acesso em: 19 abril 2006)

“No batismo, o ser humano purifica-se das impurezas do pecado, liberta-se da escravidão das paixões e renasce para uma vida espiritual. O batismo é de tamanha força espiritual que se realiza apenas uma vez, apesar de que, após o batismo, a vida do ser humano poderá não corresponder a uma elevada vocação cristã. Sobre este ponto de vista, o batismo pode se assemelhar a uma lamparina espiritual, acesa pelo Espírito Santo no coração do ser humano. A chama desta lamparina pode ora aumentar, ora diminuir, mas nunca será totalmente extinguida. Nosso objetivo mais importante é aumentar esta chama sagrada em uma brilhante labareda.”

■ (Bispo Alexandre. http://www.fatheralexander.org/booklets/portuguese/bautism_p.htm. Acesso em 19 abril 2006)



ATIVIDADE

- O batismo caracteriza mesmo um contrato? Esse texto doutrinário sobre o batismo ortodoxo dá argumentos a Pavel para afirmar que Deus quebrou o contrato que tinha com ele?
- Quais são os elementos de um contrato? Consulte o Código Civil Brasileiro.
- Após a consulta, analise se houve mesmo um contrato entre Pavel e Deus.

As situações sociais e a conduta dos seres humanos, como a de Pavel M., por exemplo, são regidas pelo Código Civil. O Código Civil é um instrumento que está à disposição do cidadão para garantir a defesa e a cobrança dos direitos mais essenciais, como proteção do nome, da vida privada e da sua imagem pessoal, que são considerados direitos intransmissíveis e irrenunciáveis. Também regulamenta a adoção, a responsabilidade civil dos pais em relação aos filhos e a emancipação. Além disso, aborda questões que tratam desde o nascimento até a maioridade civil; do casamento religioso à união estável; da responsabilidade e danos a terceiros aos direitos de moradia; além de normas sobre os contratos mais usuais, como locação, prestação de serviços, fiança e seguro. Mas não pára por aí: o Código Civil prevê condutas mesmo após a morte, a fim de preservar a última vontade e fixar o destino dos bens.

O Código Civil teve origem na França, quando Napoleão, no intuito de regular toda a vida privada dos cidadãos, editou, em 1803, o Código Civil que permanece em vigor até hoje. No caso do Brasil, quando houve a Independência, não se editou de imediato um Código Civil, permanecendo em vigor a legislação portuguesa.

O Brasil teve dois códigos civis. O primeiro foi editado em 01/01/1916 e permaneceu em vigor até 2002, quando foi editado o novo Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406, de 10/01/2002). Esse novo Código abandonou o sistema francês (Código Mercantil napoleônico, de 1808) que adotava a clássica divisão das sociedades em mercantil e civil, passando a adotar o sistema jurídico mais moderno, inspirado no Código Civil italiano, de 1942.



ATIVIDADE

- Com base nas discussões feitas até aqui, elabore as cláusulas contratuais cujo descumprimento teria provocado o rompimento do contrato entre Pavel e Deus e, conseqüentemente, permitido a abertura do processo.

No fio de bigode

“Tão grande é o defeito de confiar em todos, como o de não confiar em ninguém” – Sêneca

“Fio de bigode vale mais do que um contrato” – Você já ouviu essa expressão?

Se você ainda não ouviu, certamente seus pais e seus avós já ouviram.



PESQUISA

- Pesquise o significado da expressão “no fio de bigode”. Converse a respeito com pessoas idosas. Traga a conclusão para compartilhar com os colegas da sala.

O contrato, atualmente, é considerado o meio mais seguro de se estabelecerem relações jurídicas. O progresso, as inovações tecnológicas e as necessidades socioeconômicas forjaram o nascimento de várias espécies de contratos, algumas difíceis de serem regulamentadas, representando o rico e imprevisível cotidiano das relações humanas.

Como Pavel M., milhares de pessoas realizam acordos diariamente e, pelo que podemos perceber, todos são acordos efetuados com base no papel assinado. A história que você lerá, a seguir, aborda um desses acordos firmados no papel e traz uma questão inusitada. O texto é de Luis Fernando Veríssimo.

A Cláusula do Elevador

Porque eram precavidos, porque queriam que sua união desse certo, e principalmente porque eram advogados, fizeram um contrato nupcial. Um instrumento particular, só entre os dois, separado das formalidades usuais de um casamento civil. Nele estariam explicitados os deveres e os compromissos de cada um até que a morte ou o descumprimento de qualquer uma das cláusulas os separasse.

Passaram boa parte do noivado preparando o documento. Tudo correu bem até chegarem à cláusula que tratava da fidelidade. Ele ponderou, chamando-a de “cara colega” entre risadas (estavam na cama), que a obrigação de ser fiel deveria constar no contrato, claro, desde que a cláusula correspondente permitisse uma certa flexibilidade.

– Vejo que o nobre causídico advoga em sem-vergonhice própria – brincou ela, cutucando-o.

– Não, não, disse ele. – Só acho que devemos levar em consideração as hipóteses heterodoxas. As eventualidades aleatórias. As circunstâncias atenuantes. Em outras palavras, as oportunidades imperdíveis. E exemplificou:

– Digamos que eu fique preso num elevador com a Luana Piovani.

– Sei.

– Só eu e ela.

– Certo.

– Depois de 10, 15 minutos, ela diz “Calor, né?” e desabotoa a blusa. Mais dez minutos e ela tira toda a roupa. Mais cinco minutos e ela diz “Não adiantou” e começa a abrir o zíper da minha calça...

– Sim.

– O contrato deveria prever que, em casos assim, eu estaria automaticamente liberado dos seus termos restritivos.

Ela concordou, em tese, mas argumentou que a licença pleiteada deveria ser mais específica, rechaçando a sugestão dele de que o inciso expiatório se referisse genericamente à “Luana Piovani ou similar”. Depois de alguma discussão, ficou decidido que ele estaria automaticamente liberado da obrigação contratual de ser fiel a ela no caso de ficar preso num elevador com a Patrícia Pillar, a Luma de Oliveira, ou uma das duas (ou as duas) moças do “Tchan”, além da Luana Piovani, se o socorro demorasse mais de 20 minutos.

Isto estabelecido, ela disse:

– No meu caso, deixa ver...

– Como, no seu caso???

– No caso de eu ficar presa num elevador com alguém.

– Defina “alguém”.

– Sei lá. O Maurício Mattar. O Antônio Fagundes. O Vampeta.

– O Vampeta não!

– É só um exemplo.

– Não pode ser brasileiro!

– Ah, é? Ah, é?

Foi a primeira briga deles. Ele se considerava um homem moderno e um escravo da justiça, mas aquilo era demais. Não conseguia imaginar ela presa num elevador com um homem irresistível, ainda mais com a absolvição pelo adultério garantida em contrato.

Sugeriu o Richard Gere. Ela não era louca pelo Richard Gere? O Richard Gere ele admitia. Ela achou muito engraçado. As chances de ela



ficar presa num elevador com o Richard Gere eram muito menores do que as chances dele de ficar preso com a Luana Piovani, que morava no Brasil, ora, faça-me o favor.

- Então o Julio Iglesias.
- O quê?!
- O Julio Iglesias vem muito ao Brasil.
- Eu tenho horror do Julio Iglesias!
- Bom, se você vai começar a escolher...

Finalmente, chegaram a um acordo. Ele ainda relutou, mas no fim se viu sem nenhuma objeção convincente. Ela estaria liberada de ser fiel a ele se um dia ficasse presa num elevador com o Chico Buarque. Mas só com o Chico Buarque. E só se o socorro demorasse mais de uma hora!

■ (O Estado de São Paulo – Domingo, 07 de março de 1999 – Caderno Cultura).



ATIVIDADE

- “Cláusula do Elevador” é uma crônica de humor. Que recursos foram utilizados pelo autor para provocar a graça?
- Com relação ao texto, defina hipótese heterodoxa, eventualidades aleatórias, circunstâncias atenuantes e inciso expiatório.
- O contrato final pode ser considerado justo? Discuta com a turma.

Leia, agora, o poema de Vinícius de Moraes, que trata do mesmo assunto da crônica de Veríssimo: a fidelidade.

SONETO DE FIDELIDADE

De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.



ATIVIDADE

- O *Soneto de Fidelidade e a Cláusula do Elevador* tratam a fidelidade da mesma forma? Justifique.
- Pode-se dizer que há um contrato de fidelidade no poema?

SUGESTÃO

- Se você quiser conhecer outros sonetos do mesmo autor, vá até a biblioteca da escola e pegue o “Livro dos Sonetos”, de Vinícius de Moraes. Muitos dos sonetos desse livro já foram musicados por compositores diversos, entre eles, Tom Jobim. Que tal escolher um dos sonetos desse livro e tentar transformá-lo em música?

Há, também, na biblioteca da sua escola, dois livros que estão, de certa maneira, relacionados com ‘contrato’: “Grande sertão: veredas”, de João Guimarães Rosa; e “Senhora”, de José de Alencar. O primeiro relaciona-se com o processo que Pavel M. move contra Deus; o segundo, com o contrato narrado no texto “Cláusula do Elevador”.

- Você é capaz de justificar esta afirmação?

Após a leitura dos livros acima, responda às seguintes questões:

- Riobaldo é pactário ou não?
- Escreva um texto manifestando sua opinião sobre o comportamento de Aurélia Camargo e Fernando Seixas no contrato celebrado entre eles, como narra a história de José de Alencar.

Retomando a crônica de Veríssimo, para que aquela situação ficasse resolvida, teria que ser feito um contrato que estabelecesse as condições de flexibilização da fidelidade.



ATIVIDADE

- Imagine que você é o advogado contratado para redigir esse contrato. Logo abaixo, você tem o início de um contrato nupcial e as cláusulas que faltam ser redigidas. Mãos à obra.

Contrato Nupcial

Contrato de fidelidade conjugal que entre si fazem _____, advogado, residente à rua _____, inscrito no CPF sob o nº _____, portador do RG _____, e _____, advogada, residente à rua _____, inscrita no CPF sob o nº _____, portadora do RG _____, doravante denominados **CÔNJUGES**.

As partes acima identificadas têm, entre si, justo e acertado o presente contrato de fidelidade, que se regerá pelas cláusulas seguintes e pelas condições descritas no presente documento.

Cláusula I - Do objeto

Pelo presente instrumento particular, os **CÔNJUGES** firmam a obrigação da fidelidade, deveres e compromissos de cada um no matrimônio até que a morte ou o descumprimento de qualquer uma das cláusulas os separe. Os cônjuges concordam em se manterem fiéis, em estrita observância ao estabelecido nos termos desse contrato.

Cláusula II – Da fidelidade dele

Cláusula III – Da fidelidade dela

DISPOSIÇÕES GERAIS — Com as condições de fidelidade assim ajustadas, lidas e achadas conformes, o presente contrato é firmado pelas partes.

Local e data:

CÔNJUGE MASCULINO

CÔNJUGE FEMININO



ATIVIDADE

- Qual seria o teor dessas cláusulas, se o texto de base fosse o soneto da Fidelidade?
- Após algum tempo, a mulher sentiu-se extremamente prejudicada. Por que ela se sentiu prejudicada? Que parte do contrato nupcial mostra isso?

Buscando solucionar esse problema, ela tomou por base o previsto no Título V (Dos contratos em geral), Capítulo I (Disposições gerais), Seção I (Preliminares) do Código Civil:

Art. 421. A liberdade de contratar será exercida em razão e nos limites da função social do contrato.

Art. 422. Os contratantes são obrigados a guardar, assim na conclusão do contrato, como em sua execução, os princípios de probidade e boa-fé.

Assim, decidiu fazer uma petição ao juiz solicitando revisão das cláusulas contratuais.



ATIVIDADE

- Como você ainda é o advogado do casal, elabore o texto do pedido e complete a petição.

Para atender ao pedido da cliente, utilize, além dos artigos citados do Código Civil, as seguintes orientações do Código de Defesa do Consumidor:

Que tipos de cláusulas não são válidas nos contratos?

■ Fonte: Procon

O Código de Defesa do Consumidor garante o equilíbrio dos direitos e obrigações na assinatura de qualquer tipo de contrato. Assim, não são permitidas cláusulas que:

- Diminuem a responsabilidade de uma das partes no caso de dano a outra;
- Proibam contratante e contratado de devolver o produto, reaver a quantia já paga quando o produto ou serviço apresentar defeito ou rever as cláusulas contratuais;
- Coloquem uma das partes em desvantagem exagerada;
- Estabeleçam obrigatoriedade somente para uma das partes apresentar provas no processo judicial;
- Possibilitem ao fornecedor modificar UNILATERALMENTE o contrato;
- Proibam recorrer diretamente a um órgão de proteção ao consumidor ou à justiça, sem antes recorrer a outra parte ou a quem ela determinar;
- Possibilitem a uma das partes modificar qualquer parte do contrato, sem autorização da outra.

PETIÇÃO PELA IGUALDADE NAS CONDIÇÕES DE FLEXIBILIZAÇÃO DE FIDELIDADE EM CASAMENTO CIVIL

Excelentíssimo Senhor Doutor Juiz da 34ª Vara Cível.

Processo nº 000.02.194111-4

_____, brasileira, casada, advogada, portadora da Cédula de Identidade RG _____, inscrita no CPF/MF sob o nº _____, residente à rua _____, vem à presença de Vossa Excelência requerer _____

_____, o que caracteriza desigualdade de direitos.

Considerando o art. 1.566, do Código Civil, que, acerca da fidelidade recíproca e respeito e consideração mútuos, afirma que _____

_____a requerente solicita sua intervenção para que _____

_____, garantindo, assim, a igualdade de direitos prevista na Constituição Federal e no Código Civil brasileiro.

_____, ____ de _____ de _____.

Você deve ter sentido que há peculiaridades na escrita e na leitura de textos da área jurídica.



ATIVIDADE

De que maneira essas peculiaridades podem afetar o cotidiano das pessoas?

Sobre essas peculiaridades, leia o texto a seguir:

Entender ou venerar

Dinah Silveira de Queiroz

O chefe do pobre contínuo, de que trata esta crônica, esmagava a vida chamando chávenas às xícaras e botelhas às garrafas. Dizem até que em casa, sua mulher, além das pesadas preocupações de dona de casa, tinha mais um encargo, e duríssimo. O de traduzir a língua do marido para as empregadas. [...]

O contínuo tinha um processo no Foro. Uma demanda com uma parenta que se meteu no quartinho de sua casa e mandava todos os dias os filhos fazerem caretas e fiaus na hora da saída do primo para o trabalho. E o contínuo, que suspirava para se ver livre da parenta, perdeu a questão. Perdeu mas não se conformou. Queixou-se ao Diretor, mas este era pela mulher e por seus moleques e contra o Opressor, representado pelo contínuo. Então, explicou porque ele não poderia ganhar: “É mister que a estrutura social hodierna busque influxo salutar emanado do poder judiciante...” Com o desenvolver do assunto, o Diretor foi se emocionando: “Seria frustrar os anelos dos deserdados das opíparas cornucópias das graças plutocráticas!” Quando acabou aquele discurso, o contínuo estava achatado, confuso, não era mais senhor de seus próprios pensamentos:

“Entendeu?”, perguntou o Diretor, usando, afinal, língua de gente. O contínuo começou a suar. Então aquele homem superior, dando prova de confiança, fazia só para seus ouvidos

tão bela arumação de palavras difíceis e ele, em sua ignorância, não podia corresponder a tanta nobreza de alma? Ficou envergonhado. Mas... não havia de ser nada... Prontamente respondeu, fazendo uma espécie de reverência, bem à altura de tamanha elegância. Deu um pulinho sobre o pé esquerdo, baixou a cabeça: “Entender o que o senhor disse... não entendi, não, seu doutor. Mas pode estar certo de que eu venero. Venero tudo o que o senhor falou”.





ATIVIDADE

- Tendo por base as indicações do texto, trace o perfil psicológico do Diretor. Depois, compare o resultado com o dos colegas: houve semelhanças? Por quê?
- Traduza, em “língua de gente”, as expressões do texto que o contínuo “venerou”.
- Cite outros exemplos em que as pessoas, ou você mesmo, “veneram” alguns discursos que não entendem.

Agora que você já teve contato com alguns termos da linguagem jurídica, veja outros exemplos que fazem parte do glossário dos tribunais:

Abroquelar: Fundamentar

Apelo Extremo: Recurso extraordinário

Areópago: Tribunal

Autarquia Ancilar: Instituto Nacional de Previdência Social

Cártula Chéquica: Folha de talão de cheques

Com Espenque no Artigo: Com base no artigo

Com Fincas no Artigo: Com base no artigo

Com Supedâneo no Artigo: Com base no artigo

Consorte Supérstite: Viúvo(a)

Digesto Obreiro: Consolidação das leis do trabalho

Diploma Provisório: Medida provisória

Ergástulo Público: Cadeia

Estipêndio Funcional: Salário

Estribado no Artigo: Com base no artigo

Egrégio Pretório Supremo: Supremo Tribunal Federal

Excelso Sodalício: Supremo Tribunal Federal

Exordial: Peça ou petição inicial

Fulcro: Fundamento

Indigitado: Réu

Peça Incoativa: Peça ou petição inicial

Peça Increpatória: Denúncia

Peça-ovo: Peça ou petição inicial

Peça vestibular: Peça ou petição inicial

Petição de Intróito: Peça ou petição inicial

Pretório Excelso: Supremo tribunal Federal

Proeminal Delatória: Denúncia

Prologal: Peça ou petição inicial

Remédio Heróico: Mandado de segurança

Vistor: Perito



<http://www.mp.rs.gov.br/imprensa/noticias/id4781.htm>

Pavão doente

Morre no céu

O Sol poente.

(Millôr Fernandes)

Com o auxílio desse glossário, responda às questões sobre o texto abaixo:

“O vetusto vernáculo manejado no âmbito dos excelsos pretórios, inaugurado a partir da peça ab ovo, contaminando as súplicas do petitório, não repercute na cognoscência dos freqüentadores do átrio forense. (...) Hodiernamente, no mesmo diapasão, elencam-se os empreendimentos in iudicium specialis, curiosamente primando pelo rebuscamento, ao revés do perseguido em sua prima gênese. (...) Portanto, o hercúleo despendimento de esforços para o desaforamento do ‘juridiquês’ deve contemplar igualmente a Magistratura, o ínclito Parquet, os doutos patronos das partes, os corpos discentes e docentes do Magistério das ciências jurídicas.”



ATIVIDADE

- Trata-se de um texto de crítica ou de defesa em relação à linguagem dos advogados e juízes? Justifique.
- Qual a sugestão que o texto faz?

Você certamente já ouviu dizer que a linguagem deve ser usada de forma adequada e criativa, para que o texto produza o significado desejado ou esperado.

Para produzir significado no campo jurídico, a linguagem deve aproximar a sociedade da justiça; no campo da medicina, a linguagem deve favorecer a aproximação da sociedade com a saúde, e assim em todas as áreas da atividade social.

Esse último texto, lido com a ajuda do glossário, chama a linguagem jurídica de juridiquês. Existe, também, o economês, muito presente em nosso cotidiano, especialmente em jornais escritos ou falados.



ATIVIDADE

- Traga alguns recortes de jornal com exemplo de economês ou outros exemplos de linguagens específicas que afetam nosso dia-a-dia.

■ Referências Bibliográficas:

MORAES, V. **Antologia Poética**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1960, p.96.

VERISSÍMO, L. F. A Cláusula do Elevador. **Jornal O Estado de São Paulo, Caderno Cultura**. Domingo, 07 de mar. de 1999

■ Obras consultadas ONLINE

http://www.justica.gov.br/sal/codigo_civil/indice.htm. Acesso em: 26 nov. 2005.

Revista Consultor Jurídico. Disponível em: <<http://conjur.estadao.com.br/static/text/38860,1>> Acesso em: 20 out. 2005

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/codigocivil/> Acesso em: 20 nov. 2005.

Disponível em: <http://www.justica.gov.br/sal/codigo_civil/indice.htm> Acesso em: 26 nov. 2005

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2003/codigo/>> Acesso em: 20 nov. 2005



ANOTAÇÕES



www.moma.org

■ Jacob Lawrence. O trabalho infantil e a ausência da educação foram razões para as pessoas desejarem abandonar seus locais de origem, 1940-41. Têmpera de gesso sobre painel, 30,5 x 45,7 cm. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque, Estados Unidos.

DISCURSOS DA NEGRITUDE

■ Rosa Elena Bueno¹



Leitura



Escrita



Oralidade

A que tipo de escravidão referem-se esses textos?

PRECISA-SE alugar um preto ou preta que saiba cozinhar e o mais arranjo de uma casa de família; na rua das Flores n.13.

VENDE-SE uma preta de vinte annos de idade, sadia e que cozinha, lava e engomma. Não se põe duvida em vender-se à prazo, sendo o comprador abonado ou dando garantia; nesta typographia se dira quem a venda.

FUGIO á Ponciano José de Araujo, morador em Guarapuava, no dia 13 de fevereiro de 1852, o escravo de nome Sebastião, creoulo, côr fula, estatura regular, reforçado do corpo, barba serrada, falla grossa; suppõe-se que tenha mudado de nome por assim o ter feito uma vez que andou fugido. Desappareceu quando se dirigia a esta cidade com uma tropa abandonando-a no mato da Ferraria; e desconfia-se que ande para os lados do Assungui, Ribeira, ou Morretes. Quem o apprehender, ou delle der noticia n'esta typographia, ou ao sr. Cypiano da Silveira Brasil, em Guarapuava, será gratificado.

PRECISA-SE de motorista particular. Exige-se 2º grau completo, inglês e espanhol, domínio de internet. Para candidatar-se à vaga, são necessários dois anos de experiência e boa aparência. Maiores informações, ligar: (63) 99953-9090.

Quando procuramos, no dicionário, o significado da palavra texto, vemos que há várias definições. Entre elas, o significado que se refere à origem da palavra. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa diz que a palavra tem origem no latim e significa: “tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar, construir sobrepondo ou entrelaçando (...) compor ou organizar o pensamento (...)”.

Pensando nesta possibilidade de entrelaçamentos de idéias na malha textual, que envolve fios discursivos de origens diferentes no tempo, adequados a funções diferentes e pertencentes a ramos de conhecimento diversos (literatura, história, sociologia, etc.), vamos analisar como o tema da negritude foi sendo tecido desde a época do Brasil colonial até chegar aos dias atuais.



ATIVIDADE

Dentre os anúncios que você leu, três foram publicados num jornal curitibano, intitulado “O dezenove de dezembro”, respectivamente nos dias 29 de julho, 8 de abril e 30 de setembro de 1854.

- Quais são eles?
- Quais os aspectos presentes nesses três anúncios que permitem diferenciá-los do anúncio atual?

Agora vejamos como você pode mexer nos fios da nossa trama a partir de um poema de Jorge de Lima, poeta alagoano:

ESSA NEGRA FULÔ

Ora, se deu que chegou
(isso já faz muito tempo)
no bangüê dum meu avô
uma negra bonitinha,
chamada negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
– Vai forrar a minha cama,
pentear os meus cabelos,
vem ajudar a tirar
A minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô
ficou logo pra mucama,
para vigiar a Sinhá
pra engomar pro Sinhô!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!
(Era a fala da Sinhá)
Vem me ajudar, ó Fulô,
vem abanar o meu corpo
que eu estou suada, Fulô!
vem coçar minha coceira,
vem me catar cafuné,
vem balançar minha rede,
vem me contar uma história,
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

“Era um dia uma princesa
que vivia num castelo
que possuía um vestido
com os peixinhos do mar.
Entrou na perna dum pato
Saiu na perna dum pinto
o Rei-Sinhô me mandou
que vos contasse mais cinco.”

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Vai botar para dormir
esses meninos, Fulô!
“Minha mãe me penteou
minha madrasta me enterrou
pelos figos da figueira
que o Sabiá beliscou.”

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Fulô? Ó Fulô?
(Era a fala da Sinhá
chamando a Negra Fulô.)
Cadê meu frasco de cheiro
Que teu Sinhô me mandou?

– Ah! Foi você que roubou!
Ah! Foi você que roubou!

O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.
A negra tirou a roupa.
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô.)

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê meu lenço de rendas
cadê meu cinto, meu broche,
cadê o meu terço de ouro
que teu Sinhô me mandou?
Ah! foi você que roubou!
Ah! foi você que roubou!

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.

Essa negra Fulô!
Essa negra Fulô!

Ó Fulô? Ó Fulô?
Cadê, cadê teu Sinhô
que nosso Senhor me mandou?
Ah! Foi você que roubou,
foi você, negra Fulô?

Essa negra Fulô!

■ Jorge de Lima



ATIVIDADE

- O que confere ao texto de Jorge de Lima seu caráter poético?

Observe que o eu-lírico (narrador do poema) começa relatando a história da negra Fulô com as seguintes palavras: “Ora se deu...” Esta forma de iniciar seu texto lembra outras narrativas populares que têm como início “Era um vez...”, “Certo dia...”, “Um dia...”, denunciando o vínculo do poema com a tradição das narrativas orais. Se você observar como as pessoas iniciam sua história, quando querem contar um “causo”, verá que elas se utilizam de expressões semelhantes. Aliás, Negra Fulô nada mais é que um “causo” contado em forma de poema!

Para contar a história da negra Fulô, Jorge de Lima, dentre os inúmeros recursos que a língua oferece, selecionou a forma da poesia escrita em versos heptassílabos ou redondilha maior. Você sabe o que são versos heptassílabos ou redondilha maior? Para saber o que é isso, precisamos fazer a escansão dos versos do poema. Escandir o poema significa, na verdade, verificar o número de sílabas métricas existentes em cada verso. Observe os dois primeiros versos:

O / ra/ se/ deu/ que/ che / GOU
(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7)

Is / so / já / faz/ mui /to / TEM/ po
(1) (2) (3) (4) (5) (6) (7)

Repare que a maioria dos versos do poema tem sete sílabas. Se você quiser, pode conferir. Não se esqueça que, para verificar as sílabas métricas de um poema, conta-se apenas até a última sílaba tônica, desconsiderando-se a(s) restante(s). Versos com esta medida (sete sílabas métricas) recebem, na teoria literária, o nome de redondilha maior. Essa escolha que o autor faz em relação ao tamanho dos versos, aliada às rimas, à divisão em estrofes e às repetições que aparecem como um refrão, constitui-se num trabalho de linguagem que diferencia a poesia dos demais tipos de textos.

Como se trata de um texto vinculado à tradição oral, a maneira como pronunciamos as palavras podem alterar o significado do texto.



ATIVIDADE

- Concentre-se nos seguintes versos do texto: “Ó Fulô! Ó Fulô!”, pronunciando as palavras de acordo com as seguintes situações:
 - Chamando Fulô;
 - Bravo com Fulô;
 - Encantado com as belezas de Fulô.
- Estas formas (chamando, bravo e encantado) de se dirigir à negra Fulô dão conta de todos os sentidos propostos pelo texto? Ou seria necessário acrescentar mais alguma? Em que momentos no texto elas apareceriam?



ATIVIDADE

- O poema nos conta uma história. Que história é essa?
- Que relação se estabelece entre Fulô e as demais personagens que participam do enredo poético?
- Quais eram as atribuições de Fulô?
- Como explicar a mudança do ponto de exclamação para o ponto de interrogação nas falas da Sinhá chamando Fulô, que aparecem em todo o poema?
- Como este autor alagoano articula, no poema, a questão da negritude?
- Como o poema da Negra Fulô aborda a mestiçagem de que fala Lezama Lima?

A escravidão é um fato da nossa história colonial. Esse momento histórico não é tema exclusivamente do discurso poético. Também os historiadores, os sociólogos e os estudiosos da cultura, com os textos mais adequados ao seu domínio, debruçaram-se sobre o tema.

Lezama Lima, escritor cubano, em seu livro “A expressão americana”, ao falar da heterogeneidade de nossa formação, afirma que a mestiçagem é nosso signo cultural, ou seja, nossa cultura, nosso jeito de ser traz a marca dos diferentes povos que nos formaram.

No meio cultural em que você vive, na sua religião, no modo das pessoas se vestirem, alimentarem-se, há marcas indicativas dessa mistura que nos constitui. Por exemplo:

- na música: o samba, rap, hip-hop, blues, jazz, pagode;
- na religião: santos do devocionário católico que são a máscara de deuses surgidos na África;
- costumes: o uso da rede para descanso, culinária, capoeira, entre outros.

A leitura de vários textos, de vários autores e épocas diferentes permite ver como se constitui a nossa identidade cultural. Lendo-os, vemos como se estende uma colcha de vozes, fios de imagens que, reunidas, mostram aquilo que somos.



■ <http://www.oddshall.org/Classes/capoeira.html>

Os pensadores da tradição do Modernismo costumam falar da mestiçagem cultural utilizando a expressão “antropofagia” ou “canibalismo”. Quando o índio comia carne humana, tratava-se de uma ingestão ritual. Os índios não comiam a carne de qualquer um, mas a do guerreiro que se destacava na luta por sua valentia. Eles acreditavam que, dessa forma, passariam a ter parte do heroísmo daquele cuja carne era ingerida. O mesmo fez o povo brasileiro com a cultura que veio de fora. Danças típicas, como a quadrilha e o carimbó, tiveram sua origem nos salões nobres da Europa, mas aqui foram modificadas com o tempero índio e negro, transformando-se completamente, algo típico do Brasil.

O sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, do início do século XX, fala sobre essas influências e assimilações mútuas no seu livro *Casa Grande Senzala*. Neste livro, ele se preocupa em dar um panorama de nossa identidade cultural a partir do estudo das influências, exercidas sobre nós, principalmente pelos elementos indígenas, negros e portugueses. No capítulo IV de seu livro – “ O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro” –, ele afirma:



“Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho-de-pé de uma coceira tão boa. Da que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama de vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi nosso primeiro companheiro de brinquedo.

Já houve quem insinuasse a possibilidade de se desenvolver das relações íntimas da criança branca com ama-de-leite negra muito do pendor sexual que se nota pelas mulheres de cor no filho-família dos países escravocratas.” (FREYRE, 1978)



ATIVIDADE

- Na abordagem da negritude, quais as diferenças e semelhanças de posicionamento entre o poema da Negra Fulô e esse fragmento de Gilberto Freyre?

Gilberto Freire foi um entre tantos autores que escreveu sobre a escravidão. Não foi o único a colaborar neste texto que estamos tecendo acerca da negritude. No final deste Folhas, você terá outros nomes da literatura para aprender mais sobre o assunto.

O pendor sexual a que se refere Gilberto Freyre, e que, no poema Negra Fulô, aparece na opção feita pelo Sinhô ao trocar a Sinhá pela Fulô, também se faz presente no poema Negra, do poeta brasileiro Lêdo Ivo. A leitura desse poema ajuda a ampliar nosso tecido sobre a negritude.

NEGRA

No escuro da noite	cova de sussurros
minha mão encontra	pente de ouro negro
uma urna negra	num cofre de espuma
uma fuma úmida	flor de Alexandria
o negror da vida	negro bosque branco
branca de desejo	de cal e de cio
um deserto negro	minha pátria negra
negro como um rio	bela e soberana
de sal e de pluma	na alvura da noite
sulco de coral	que bebe na fonte
num leito de cânfora	de calor e frio.

■ (Lêdo Ivo)

A nuvem atenua

O cansaço das pessoas

Olharem a lua.

Bashô/Millôr

Com que grandeza

Ele se elevou

Às maiores baixezas!

(Millôr Fernandes)



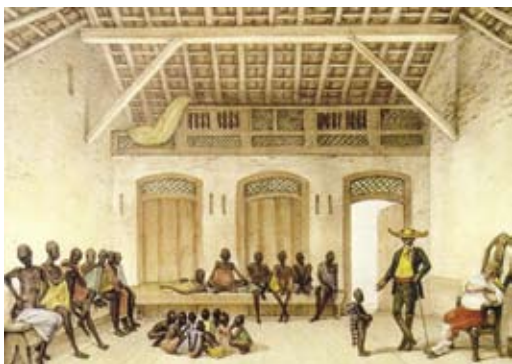
ATIVIDADE

- Ao contrário do poema de Jorge de Lima, Lêdo Ivo escolheu a forma da redondilha menor. Você é capaz de explicá-la?

Repare que os textos poéticos têm a capacidade de jogar com as palavras, dando-lhes novos sentidos além daquele sentido lexical dando-lhes novos sentidos além daqueles mais comuns.

- Para entender o que queremos dizer, propomos a você que pesquise, num dicionário, a título de exemplo, os significados da palavra pátria e confronte os significados lexicais, que o dicionário traz, com o novo significado que aparece no texto do poema. Faça o mesmo com outras palavras do poema.

- O poema de Lêdo Ivo toca as margens do erotismo em relação à mulher negra. Identifique, no poema de Jorge de Lima, trechos que erotizam a mulher negra.
- É possível identificar a mesma erotização em Gilberto Freire. Identifique os trechos e analise quais recursos discursivos ele utiliza. Por que ele não é tão explícito quanto Lêdo Ivo?



■ DEBRET. **Mercado da rua Valongo.** In: A viagem pitoresca e histórica do Brasil. Litografia. Biblioteca Municipal de São Paulo, 1834.

Do enfoque sociológico, passemos agora para o enfoque da história. A historiadora Hebe M. Mattos de Castro, no seu texto intitulado “Laços de Família e Direitos no Final da Escravidão,” nos dá conta de que no curso das idéias universais apresentadas pelo iluminismo, com seus ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, o sistema escravista foi sendo, aos poucos, posto em xeque. Assim, as primeiras medidas, tomadas antes da abolição, foram as leis do ventre-livre e da proibição do tráfico negreiro. Esta última desempenhou papel importante no movimento negro que reclamava a liberdade. Ao impedir o tráfico negreiro de novos escravos da África para o Brasil, a proibição do tráfico estimulou internamente a mobilidade dos crioulos, que passaram a cumprir com o papel destinado ao preto nas lavouras. Como os crioulos já dominavam a língua portuguesa e tinham um conhecimento maior das nuances do sistema, ao mudarem seu ambiente de trabalho, foram se politizando, não ainda no sentido de questionar a legitimidade do vínculo escravista, mas ao comparar um cativo com outro, reivindicando para si alguns direitos, tais como: não ser açoitado, participar das festividades religiosas, não ser separado de sua família, entre outros.

Esses fatores, aliados às pressões abolicionistas de cunho republicano e liberal, associados, ainda, ao medo que os proprietários de escravos tinham de um levante negro iminente, fizeram com que ocorresse um processo de alforria em massa. Em face das inúmeras fugas de escravos, os senhores fazendeiros pensavam que, alforriando os seus negros, os segurariam no trabalho pelo vínculo da gratidão. A lei áurea, promulgada pela princesa Isabel em 13 de maio de 1888, só veio legalizar uma situação que já era fato consumado. A liberdade chegara. Mas será que chegou mesmo? É a historiadora do texto que estamos analisando quem afirma que “costuma-se alegar que aos libertos nada foi concedido além da liberdade. Nem terras, nem instrução, nem qualquer reparação ou compensação pelos anos de cativo. Eles foram entregues à própria sorte”.

Prisão

Helena Kolody

Puseste a gaiola
Suspensa de um ramo em flor,
Num dia de sol.



ATIVIDADE

- Quais conseqüências se podem observar, ainda hoje, decorrentes desse abandono de que fala a historiadora?

O texto a seguir talvez ajude a refletir sobre a questão.

A última crônica

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do acidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem mais nada para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo das paredes de espelhos. A compostura da humildade, na contenção dos gestos e palavras, deixa-se acrescentar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás na cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sob a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho – um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa a um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos, e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia de bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “parabéns pra você, parabéns, pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura – ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai no colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido – vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu queria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso. (Fernando Sabino)



ATIVIDADE

- O texto fala em “recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida”. Que expressões do texto evidenciam a dignidade do pai de família retratado pela crônica?
- O que motiva o constrangimento, a perturbação do pai de família, na última cena relatada na crônica?
- Qual a estrutura familiar evidenciada pela crônica?
- Como Fernando Sabino articula a questão da negritude?

Atualmente, por influência do movimento negro que se organiza na reivindicação de seus direitos, surgem políticas afirmativas que visam à reparação da injustiça do quadro histórico da escravidão. Uma das ações afirmativas dessa política é o estabelecimento de cotas para o ingresso dos afrodescendentes no ensino superior.

Há quem conteste. Veja o que disse Magno de Aguiar Maranhão, um membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro no jornal “O Estado do Paraná” de 18/10/2000:

[...] “A falta de oportunidades, a extrema dificuldade em aumentar a qualidade de vida não são provações reservadas a essa ou àquela raça. Embora se possa argumentar que há mais pobres negros do que brancos, parece que o grande desafio hoje é o combate à pobreza em si, ao desemprego, ao esfacelamento da rede pública de ensino que atinge milhões de brasileiros das mais variadas ascendências. Vencido esse combate, todos serão beneficiados – especialmente os negros, quando reclamam mais chances de inserção social.” [...]

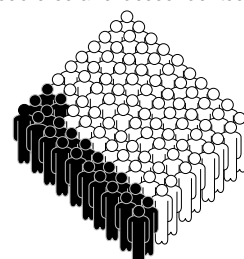


ATIVIDADE

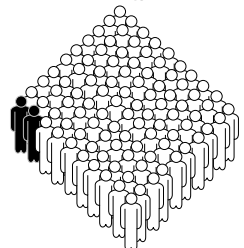
- Qual o posicionamento de Maranhão a respeito da exclusão?
- Qual a relação entre esse posicionamento e aquele da historiadora Hebe M. Mattos Castro?
- Comente a afirmação de Magno Maranhão, utilizando-se das informações dos gráficos a seguir.

A CARA DA DISCRIMINAÇÃO

O censo 2000 do IBGE revelou que a população negra em todo o país continua tendo mais dificuldade de acesso à educação e ao emprego do que os brancos. Veja alguns dos mais importantes dados sobre os afro-descendentes na região metropolitana de Curitiba



Na região metropolitana
22% da população é negra.



Entre os calouros da UFPR
1,7% são negros.

Para ampliar a reflexão sobre o assunto, realizem, em grupos, um trabalho de pesquisa abordando os temas:



ATIVIDADE

- Quais as contribuições dos afrodescendentes para a língua portuguesa e a cultura brasileira?
- História da África – a que nações pertenciam os negros trazidos para cá como escravos?
- O resultado da pesquisa deverá ser apresentado na forma de seminário.

Se você quiser saber mais sobre o assunto, leia, por exemplo, os seguintes textos da literatura brasileira e ocidental:

- A poesia de Castro Alves - este poeta foi a voz de maior expressão na luta pelo abolicionismo.
- “A escrava Isaura” - Bernardo Guimarães.
- “A Cabana do pai Tomaz” – Harriet Elizabeth Stowe.
- “Coração das Trevas” - Joseph Conrad.
- “A canção de Salomão” e “O olho mais azul” – Toni Morrison.
- “As vinhas da Ira” - John Steinbeck.

Essas são apenas algumas indicações de leitura. Há muito mais obras interessantes para ler sobre nosso tema.

Referências Bibliográficas:

CASTRO, H. M. Mattos. Laços de Família e Direitos no Final da Escravidão. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe. **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

IVO, L. **A Noite Misteriosa**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

LIMA, J. Novos Poemas. **Poemas escolhidos; Poemas Negros**. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997

LIMA, J. L. **A Expressão Americana**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SABINO, F. **A Companheira de Viagem**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1965, p.174.



■ Sir Sidney Nolan. O aprendiz de Peter Grimes, 1977. Técnica Mista. 91.4 x 121.9 cm. Tate Gallery, Londres, Inglaterra. www.tate.org.uk

PESCANDO SIGNIFICADOS

■ Carmen Rodrigues Fróes Pedrão ¹



Leia, com atenção, o texto de Gilberto Dimenstein, intitulado *Pescador de Ti*

Sentados à beira do rio, dois pescadores seguram suas varas à espera de um peixe.

De repente, gritos de crianças trincam o silêncio. Assustam-se. Olham para frente, olham para trás. Nada. Os berros continuam e vêm de onde menos se espera. A correnteza trazia duas crianças, pedindo socorro. Os pescadores pulam na água. Mal conseguem salvá-las, com muito esforço. Eles ouvem mais berros e notam mais quatro crianças debatendo-se na água. Desta vez, apenas duas são resgatadas. Aturdidos, os dois ouvem uma gritaria ainda maior. Dessa vez, oito seres vindo correnteza abaixo.

Um dos pescadores vira as costas ao rio e começa a ir embora. O amigo exclama:

– Você está louco, não vai me ajudar?

Sem deter o passo, ele responde:

– Faça o que puder. Vou tentar descobrir quem está jogando as crianças no rio.

Quem são os responsáveis pelas crianças jogadas no rio? Onde eles estão?

Cada pessoa, ao ler um texto, passa por uma experiência, mobiliza saberes e desejos, move o pensamento e se transforma ao mesmo tempo em que transforma ao texto. Nem sempre as sensações e as imagens criadas por um leitor, a sua leitura, conferem com as criadas por outros leitores. Vamos ver como se desenvolve essa experiência no grupo de vocês?

Primeiro: tentem visualizar a cena, ou seja, construam o cenário.



ATIVIDADE

- Onde pode estar localizado esse rio?
- Como é o rio, suas margens, seu aspecto?
- Como são, fisicamente, os pescadores?
- E a condição financeira deles: será que são ricos ou são pobres?
- O que estará acontecendo? De onde vêm as crianças?

Vá registrando suas idéias e compare-as com as de seus colegas.

Com certeza, vocês elaboraram respostas bem diferentes, embora relativas a um mesmo fragmento de texto. Essa multiplicidade de respostas, ou de leituras, é própria do ato de ler. Isso acontece porque o sentido de um texto não está limitado unicamente às intenções do autor do texto ou às palavras que ele apresenta, mas, sobretudo, à capacidade do leitor de atribuir-lhes significados. Um texto sempre propõe um diálogo com o leitor. Um texto só existe como diálogo.

Agora que já sabemos que um texto comporta múltiplos olhares e que necessita mesmo desses olhares para existir, podemos voltar ao texto do Gilberto Dimenstein para concluir a leitura:

Esta antiga lenda indiana retrata como nos sentimos no Brasil. Temos poucos braços para tantos afogados. Mal salvamos um, vários descem rio abaixo, numa corrente incessante de apelos e mãos estendidas. Somos obrigados a cair na água e, ao mesmo tempo, sair à procura de quem joga as crianças.

Incrível como os homens às margens do rio conseguem conviver com os berros. E até dormir sem sobressaltos. É como se não ouvissem. Se o pior cego é aquele que não quer ver, o pior surdo é aquele que não quer escutar.

[...]

Tão fácil agarrar uma estrela, refletida no brilho de quem salvamos por falta de ar.

Veio da Índia a frase do célebre poeta Rabindranath Tagore sobre por que existiam as crianças. “São a eterna esperança de Deus nos Homens.”

É preciso mesmo infinita paciência, renovada a cada nascimento, para que se possa conviver com a apatia cúmplice. Por sorte temos pescadores que, dia após dia, mostram como as crianças sobrevivem nos homens. E como é doloroso o parto de um homem precoce no corpo de um menino.

A voz de Milton Nascimento é a própria síntese do menino perdido no adulto; e do adulto perdido no menino. É a síntese de quem se viu obrigado a pular na água para pescar a si mesmo. E nunca se esqueceu e, por isso, não consegue tirar de seus ouvidos a sensação de que crianças na água pedindo socorro são a última voz de quem quase nunca tem voz. (Gilberto Dimenstein)



ATIVIDADE

- O que se pode entender por “apatia cúmplice”?
- Como poderíamos explicar a imagem do “parto de um homem precoce no corpo de um menino”?
- De que forma encontramos, hoje, meninos perdidos em adultos?

Antes de continuarmos nossa conversa sobre o texto *Pescador de Ti*, convém dizer que a interpretação de um texto não é controlável pelo seu autor, embora ele, ao escrevê-lo, tivesse uma intenção para tal, um objetivo. Mais, um texto pressupõe até um público, um leitor ou uma comunidade de leitores, ao qual esse texto se dirige, já que, como se disse, o texto só existe como diálogo. Um texto também corre sempre o risco de cair nas mãos de leitores para os quais ele não fora originalmente destinado. É o caso do texto de Rabindranath Tagore, lido pelos leitores de Dimenstein. É o caso do próprio texto “Pescador de Ti”, inicialmente dirigido às pessoas compradoras do disco Amigo, de Milton Nascimento.

Em 1981, o disco *Caçador de mim*, de Milton Nascimento, trazia a música que deu título ao disco. Anos depois (1994/1995), Gilberto Dimenstein escreveu o texto *Pescador de Ti*, para a capa de outro cd, *Amigo*, também de Milton Nascimento. O jogo de palavras ‘caçador de mim’ e ‘pescador de ti’ mostra que existe um diálogo entre os textos. É o que chamamos intertextualidade, assunto abordado em outros Folhas deste nosso livro.

Rabindranath Tagore, por sua vez, é um escritor indiano que nasceu em Calcutá, em 1861, e morreu em Bengala, em 1941. Depois de educação tradicional na Índia, completou a formação na Inglaterra entre os anos de 1878 e 1880. Começou sua carreira poética com volumes em língua bengali. Em 1931, recebeu o prêmio Nobel de literatura. Desde então, traduziu seus livros para o inglês, a fim de lhes garantir maior difusão. Em suas poesias, Tagore oferece ao mundo

A nuvem atenua

O cansaço das pessoas

Olharem a lua.

Bashô/Millôr

uma mensagem humanitária e universalista. Seu mais famoso volume de poesias é *Gitânjali* (Oferenda Poética). Fundou, em 1901, uma escola de filosofia Santiniketan, que, em 1921, foi transformada em universidade.



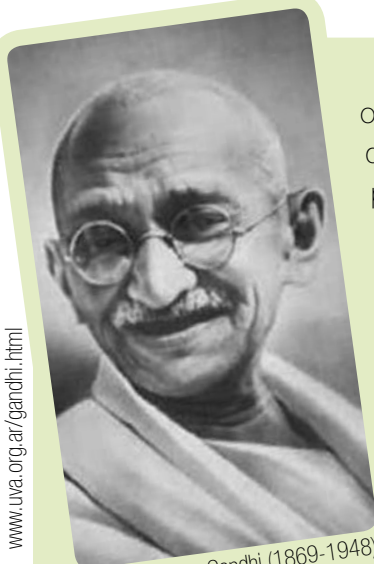
ATIVIDADE

Para alcançar os objetivos que tinha em vista, Gilberto Dimenstein, ao escrever o texto *Pescador de Ti*, segmentou-o em três blocos de parágrafos.

- Qual é a intenção do texto de Dimenstein? Você é capaz de identificar os blocos, situá-los no texto e explicitar a sua função?
- Mas, afinal, o que é o rio? Quem são os afogados? E os pescadores?
- Em relação à ação dos pescadores, qual pode ser considerada afetiva e qual a política?
- Qual dessas ações é privilegiada no texto de Dimenstein?
- E para você, qual a atitude mais adequada? O que você faria no lugar dos pescadores?

Na época de Tagore, a Índia vivia um processo de descolonização contrapondo-se ao colonialismo, ao racismo e ao imperialismo representados pela Inglaterra. No final da primeira guerra mundial, o Partido do Congresso, fundado em 1885, com uma postura nacionalista contrária ao domínio inglês, fortaleceu-se sob a liderança de Mahatma Gandhi, que iniciou os movimentos populares de desobediência civil, que optavam pela não violência. Tagore e Gandhi foram contemporâneos.

Leia um trecho de um dos discursos de Gandhi:



■ Mahatma Gandhi (1869-1948)

“A primeira coisa, portanto, é dizer-vos a vós mesmos: ‘Não aceitarei mais o papel de escravo. Não obedecerei às ordens como tais, mas desobedecerei quando estiverem em conflito com minha consciência’. O assim chamado patrão poderá surrar-vos e tentar forçar-vos a servi-lo. Direis: ‘Não, não vos servirei por vosso dinheiro ou sob ameaça.’ Vossa prontidão em sofrer acenderá a tocha da liberdade que não pode jamais ser apagada.

O domínio britânico empobrecerá milhões de criaturas, por um sistema de exploração progressiva, bem como por meio de uma administração militar e civil ruinosamente dispendiosa, que o país nunca poderá suportar. Ele nos reduziu, politicamente, à servidão. Ele minou os fundamentos da nossa cultura. No entanto, embora eu o considere uma maldição, não pretendo lesar um único inglês, nem qualquer interesse legítimo que ele possa ter na Índia.” Gandhi (*apud* VIEIRA, 1984, p.4)



ATIVIDADE

- Há semelhanças entre a história da Índia pré-independente e o Brasil do século XXI? Eram as mesmas crianças, no rio, no tempo da Índia de Tagore e Gandhi e no do Brasil atual? E a solução de Gandhi surtiu efeito?
- Como impedir que crianças sejam jogadas na água? É possível mudar o curso desse rio?

Leia, na seqüência, um fragmento da letra de uma canção interpretada por Milton Nascimento. Pesquisem e tragam para a sala a letra inteira. Se vocês puderem escutar a música, a atividade ficará bem mais interessante:

CAÇADOR DE MIM

[...]

A vida me fez assim

Doce ou atroz

Manso ou feroz

Eu, caçador de mim

[...]

Nada a temer senão o correr da luta

Nada a fazer senão esquecer o medo

Abrir o peito a força, numa procura

Fugir às armadilhas da mata escura

[...]

Vou descobrir

O que me faz sentir

Eu, caçador de mim.

■ (Composição: Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão)



ATIVIDADE

- Como a letra dessa canção de Milton Nascimento pode dialogar com o texto de Gilberto Dimenstein e os outros textos já lidos por vocês ao longo deste capítulo?
- O jogo de palavras “caçador de mim” e “pescador de ti” remetem a que atividades humanas?
- Que efeito de sentido se consegue com a utilização das palavras manso, feroz, atroz, luta, medo, armadilhas, mata escura?
- Dividam a turma em equipes e selecionem outras músicas de Milton Nascimento a serem apresentadas e discutidas com a turma. Cada equipe deverá, ao apresentar a música escolhida, verificar como a sua letra pode dialogar com os textos já lidos durante as atividades deste capítulo, bem como informar à sala se as respectivas letras confirmam ou não a leitura que Gilberto Dimenstein fez no último parágrafo do seu texto.
- Quais os temas prediletos de Milton Nascimento, de acordo com as músicas escolhidas pelas equipes?

Agora, para encerrarmos este capítulo, como forma de conhecermos um pouco mais sobre esse intérprete e compositor carioca, leia uma pequena biografia dele.



Nascido no Rio de Janeiro, em 26 de outubro de 1942, e levado para Três Pontas, em Minas Gerais, com um ano e meio, Milton Nascimento cresceu tocando seus instrumentos em conjuntos de bailes mineiros. Filho adotivo de Josino Brito Campos (bancário, professor de matemática e técnico de eletrônica) e de Lília Silva Campos (professora de música), usa o sobrenome de sua mãe biológica, Maria do Carmo Nascimento (empregada doméstica).

Suas primeiras notas musicais foram tiradas de um acordeão, que ganhou de aniversário. Vieram depois o violão e o piano. Aos 13 anos de idade, Milton já mostrava seu talento em bailes ao lado de seu vizinho Wagner Tiso.

Adolescente, ao mesmo tempo que trabalhava como disk-jockey, locutor e diretor na Rádio Três Pontas, formou o conjunto Luar de Prata, que contava com a presença do maestro Wagner Tiso.

Bituca, apelido de Milton na década de 60, começou no jazz, formando, com Wagner Tiso e Paulinho Braga, o Berimbau Trio. O autor de *Os Sonhos não Envelhecem*, Márcio Borges, hoje com 54 anos, afirma, no início do livro, que os integrantes do Clube da Esquina eram meninos sonhadores numa época em que os governos militares, a partir de 1964, sufocavam os anseios e pretensões de sua geração.

Atualmente, é considerado, tanto no Brasil quanto no exterior, um dos maiores cantores da música brasileira. Em 1998, ganhou o Grammy na categoria World Music com seu disco “Nascimento”.



ATIVIDADE

- Que relações podem se estabelecer entre as informações deste texto biográfico e o texto Pescador de Ti, de Gilberto Dimenstein?
- Na seqüência, leia um fragmento de entrevista dada por Milton Nascimento à revista Raça.

Para tornar a leitura uma oportunidade de exercitar o seu pensamento, atenção redobrada: você lerá só as respostas e, por elas, deverá deduzir a pergunta.

RAÇA -

MILTON - *Me considero o cara mais feliz da face da Terra. Porque eu sou o único negro na família, meus pais e meus irmãos são brancos.*

RAÇA -

MILTON - *Ao contrário. Acho que pela educação que eles me deram, pelo carinho e por tudo que me ensinaram, eu não seria quem eu sou se não tivesse sido esse filho adotivo. Devo tudo a eles. Desde esse negócio de amizade. Às vezes, eles davam aos amigos o que não tinham. E dentro da minha casa nunca houve problema em matéria de cor, nem de nada.*

RAÇA -

MILTON - *Fora, já tinha alguns problemas. Pelo fato de eu ser criado por uma família branca, a população negra achava que eu era rico, um negrinho rico e metido. Era um preconceito às avessas e muita gente se afastava de mim por causa disso. E gente branca também. Eu não entrava no clube dos brancos, mas meus irmãos iam. Mas nunca disse nada em casa. Na época em que fiz o ginásio, fui o primeiro aluno, cheio de medalhas, mas não pude participar do baile. Aí é que a minha família percebeu e saiu todo mundo do clube.*

RAÇA -

MILTON - *A gente deve abranger tudo. Então eu trabalhei com a Missa dos Quilombos, com os índios, seringueiros e crianças carentes, porque o artista é que tem o microfone na mão e tem que falar de tudo ao mesmo tempo. Se não for assim, episódios como a morte dos meninos da Candelária caem no esquecimento.*

RAÇA -

MILTON - *Por causa da sensibilidade, o artista vê as coisas na frente dos outros. Então, acho que temos que acordar as pessoas, tanto para a tristeza quanto para a alegria. Isso para mim é ordem. Se não tiver isso, não tem nada.*

RAÇA -

MILTON - *A timidez vem do fato de eu querer guardar para mim as coisas que eu sofri e que só consigo botar para fora depois que faço uma música. Essa é a única diferença entre o Bituca e o Milton. Mas as pessoas também são tímidas comigo. Muita gente legal poderia estar perto de mim e aí vem e pede um autógrafa. A pessoa vai embora feliz, mas podia ter se tornado minha amiga. E disso eu sinto falta.*

■ Fonte: Revista Raça (Online). Dez. 1997.

Para aqueles que esperam a sociedade ideal, eis aqui um modelo de como esta sociedade poderia ser:



[...] Mas, justamente porque vivendo em sociedade é que a pessoa humana pode satisfazer suas necessidades, é preciso que a sociedade seja organizada de tal modo que sirva, realmente, para esse fim. E não basta que a vida social permita apenas a satisfação de algumas necessidades da pessoa humana ou de todas as necessidades de apenas algumas pessoas. A sociedade organizada com justiça é aquela em que se procura fazer com que todas as pessoas possam satisfazer todas as suas necessidades, é aquela em que todos, desde o momento em que nascem, têm as mesmas oportunidades, aquela em que os benefícios e encargos são repartidos igualmente entre todos.

Para que essa repartição se faça com justiça, é preciso que todos procurem conhecer seus direitos e exijam que eles sejam respeitados, como também devem conhecer e cumprir seus deveres e suas responsabilidades sociais. (DALLARI, 1985. pag.6)



ATIVIDADE

- Relacione a charge com o texto de Dallari.
- Que forma de sociedade é apontada por Dallari? Quais soluções ela propõe para os problemas apontados por Dimenstein?
- A sociedade descrita por Dallari foi baseada em algum modelo de sociedade que você conhece? Comente a existência ou não dessa sociedade.

Veja só quantos textos diferentes nós lemos para construirmos um sentido, um significado para um texto inicial. É desta forma que vamos ampliando nossa leitura e nossa visão de mundo. Um texto dialoga com outro, um texto chama outro e quase sempre é necessário fazer outras leituras para complementarmos a primeira. É assim que vamos tecendo uma rede de leituras.



■ Andrew Wyeth. Mundo de Christina, 1948. Têmpera de gesso sobre painel, 81.9 x 121.3 cm. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque, Estados Unidos. www.moma.org

SONHANDO COM A CASA PRÓPRIA

■ Rosana Guandalin¹



Leitura



Escrita

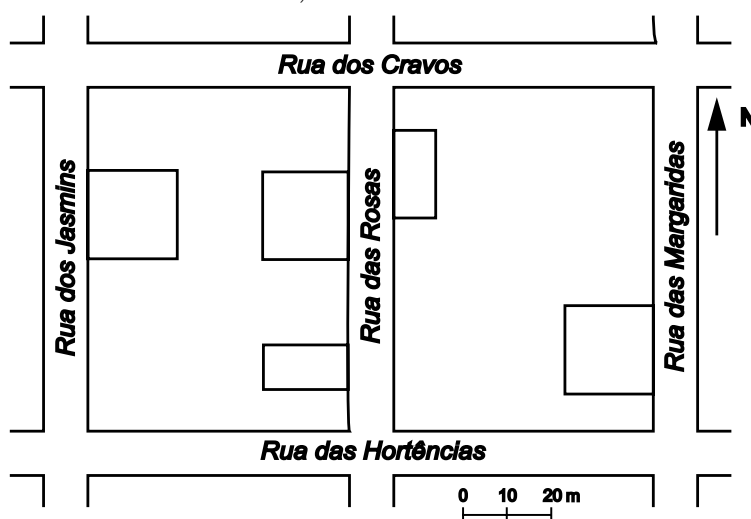


Oralidade

Ao folhear as páginas de classificados de um jornal, você tem a sua atenção atraída por um dos anúncios.

VILA DAS FLORES
Vende-se terreno plano medindo 200 m ² . Frente voltada para o sol no período da manhã. Fácil acesso.
Telefone: 3673-3443

Indo ao endereço indicado, você se depara com a planta a seguir, onde estão destacados os terrenos ainda não vendidos, numerados de I a V.



■ (Adaptado. ENEM, 2004)

A qual dos terrenos que aparecem na planta o anúncio faz referência?
Que informações o anúncio traz?
Faltam informações? Quais?

MEMÓRIA

Na longínqua tarde
ledas conversas de seda
saudades saudades...

(Delores Pires)



www.galeon.com/johns

Quando falamos de lugar para morar, estamos falando de um lugar específico no espaço que alguém vai habitar e chamar de seu. Uma das principais preocupações dos seres humanos ao longo da história da civilização, ainda hoje a “casa própria” é o fator primordial do sonho de independência da maioria das pessoas.

Tal sonho, se levarmos em conta os ensinamentos de Marx (Karl Marx, filósofo alemão que viveu entre 1818 e 1883), nem sempre existiu. Traçando-nos um panorama das sociedades primitivas, Marx constata que nem sempre existiu o conceito de propriedade privada da terra, tal qual o conhecemos hoje. Os povos primitivos dividiam coletivamente a posse e o uso do território que ficava circunscrito ao domínio da tribo. O uso, portanto, era público. Apenas os instrumentos que estes homens primitivos usavam para a caça e para a pesca eram considerados pessoais e privados. Mas, com o desenvolvimento dessas sociedades, no decorrer do tempo, surgiu a cerca, impondo limites: “daqui para cá é meu, você deve respeitar os limites impostos pela cerca”. A cerca definiu, junto com o conceito de proprietário, o conceito de não-proprietário. Esta delimitação de uma parcela do território, como sendo de uso pessoal, consiste num processo de apropriação para si daquilo que antes era considerado de uso coletivo.

Com a cerca surgiram as primeiras confusões entre proprietários e não-proprietários, entre os donos das terra e os sem terra. Estes últimos logo passaram a reivindicar instâncias em que vissem garantidos a sua posse neste bem tão necessário para um viver com dignidade. Das lutas corporais onde prevalecia a vontade do mais forte até o surgimento do Estado como mediador dos conflitos entre desiguais, um bom tempo correu.

Hoje, no Brasil, os ecos daquele conflito primitivo aparecem no artigo 5º da nossa Constituição Federal:

“XXII – é garantido o direito de propriedade.

XIII – a propriedade atenderá a sua função social”.

**ATIVIDADE**

- Como entender esta função social da propriedade, a partir da leitura a respeito das idéias de Marx e do artigo 5º da Constituição?

A Constituição, ao garantir o direito à propriedade, condiciona-o, no entanto, à sua função social. Antes de conferir o título de propriedade a um cidadão, faz-se necessário verificar se este título concedido não fere o direito de outras pessoas. Como conciliar, então, a existência de

latifúndios que, em extensão, são maiores que muitos países da Europa reunidos, com a existência dos sem terra? Como conciliar a existência de grandes proprietários de imóveis urbanos com a existência dos sem teto, de cidadãos que se recolhem, mal abrigados, debaixo de pontes?

Tais questionamentos nos trazem outros da ordem da política e da ética (ambos no domínio do conhecimento filosófico): Como fazer para que a letra da lei deixe de ser uma ficção? Como transformar o sonho de muitos em realidade?

Nessa questão da propriedade, ressalta uma distinção que sempre foi problemática, desde os tempos mais antigos, mas que se agrava nos grandes centros urbanos: a distinção entre o que é público e o que é privado. Acerca dessa matéria, leia o texto a seguir e confronte-o com as idéias de Marx, já comentadas:

Os conceitos de “público” e “privado” podem ser interpretados como a tradução em termos espaciais de “coletivo” e “individual”.

Num sentido mais absoluto, podemos dizer: pública é uma área acessível a todos a qualquer momento; a responsabilidade por sua manutenção é assumida coletivamente. Privada é uma área cujo acesso é determinado por um pequeno grupo ou por uma pessoa, que tem a responsabilidade de mantê-la.

Esta oposição extrema entre o público e o privado – como a oposição entre o coletivo e o individual – resultou num clichê, e é tão sem matizes e falsa como a suposta oposição entre o geral e o específico, o objetivo e o subjetivo. Tais oposições são sintomas da desintegração das relações humanas básicas. Todo mundo quer ser aceito, quer se inserir, quer ter um lugar seu. Todo comportamento na sociedade em geral é, na verdade, determinado por papéis, nos quais a personalidade de cada indivíduo é afirmada pelo que os outros vêem nele. No nosso mundo, experimentamos uma polarização entre a individualidade exagerada, de um lado, e a coletividade exagerada, de outro. Coloca-se excessiva ênfase nestes dois pólos, embora não exista uma única relação humana que se concentre exclusivamente em um indivíduo ou em um grupo, ou mesmo que se concentre de modo exclusivo em todos os outros, ou seja, no “mundo externo”. É sempre uma questão de pessoas e grupos em inter-relação e compromisso mútuo, ou seja, é sempre uma questão de coletividade e indivíduo, um em face do outro. (HERTZBERGER, H. Lições de arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 12.)

Antes de você ler esse texto do Hertzberger, você já havia lido, no parágrafo anterior, considerações sobre o público e o privado a partir das considerações filosóficas de Marx.

Poesia mínima

Helena Kolody

Pintou estrelas no muro
e teve o céu
ao alcance das mãos.



ATIVIDADE

- Que diferenças de ponto de vista Marx e Hertzberger apresentam sobre a relação existente entre o público e o privado?
- Com qual dos dois textos você concorda? Por quê?

Conhecedores da força que o desejo da casa própria exerce sobre as pessoas, as agências de publicidade fazem de tudo para explorar, nas propagandas e nos anúncios, todos os ícones desse desejo. Mas, um anúncio não é feito apenas da exploração de desejos. É preciso mais.

Leia, agora, a seguinte crônica de Carlos Drummond de Andrade, e observe o que, para o autor, é um bom anúncio.

Anúncio de João Alves

Figura o anúncio no jornal que o amigo me mandou, e está assim redigido:

À procura de uma besta

A partir de 6 de outubro do ano cadente, sumiu-me uma besta vermelho-escura com os seguintes característicos: calçada e ferrada de todos os membros locomotores, um pequeno quisto na base da orelha direita e crina dividida em duas seções em consequência de um golpe, cuja extensão pode alcançar de 4 a 6 centímetros, produzido por jumento. Essa besta, muito domiciliada nas cercanias deste comércio, é muito mansa e boa de sela, e tudo me induz ao cálculo de que foi roubada, assim que não são falhas todas as indagações.

Quem, pois, apreendê-la em qualquer parte e a fizer entregue aqui ou pelo menos notícia exata ministrar, será razoavelmente remunerado.

Itambé do Mato Dentro, 19 de novembro de 1899.

(a) João Alves Júnior

55 anos depois, prezado João Alves Júnior, tua besta vermelho-escura, mesmo que tenha aparecido, já é pó no pó. E tu mesmo, se não estou enganado, repousas suavemente no pequeno cemitério do Itambé. Mas teu anúncio continua modelo no gênero, senão para ser imitado, ao menos como objeto de admiração literária.

Reparo antes de tudo na limpeza de tua linguagem. Não escreveste apressada e toscamente, como seria de esperar de tua condição rural. Pressa, não a tiveste, pois o animal desapareceu a 6 de outubro e só a 19 de novembro recorreste à “Cidade de Itabira”. Antes, procedeste a indagações. Falharam. Formulaste depois o raciocínio: houve roubo. Só então pegaste da pena e traçaste um belo e nítido retrato da besta.

Não disseste que todos os seus cascos estavam ferrados; preferiste dizê-lo “de todos os seus membros locomotores”. Nem esqueceste esse pequeno quisto na orelha e essa divisão da crina em duas seções, que teu zelo naturalista e histórico atribuiu com segurança a um jumento.

Por ser muito domiciliada nas cercanias deste comércio, isto é, do povoado e sua feirinha semanal, inferiste que não teria fugido, mas antes foi roubada. Contudo, não o afirmas em tom peremptório: “tudo me induz a esse cálculo”. Revelas a prudência mineira que não avança (ou

não avançava) aquilo que não seja a evidência mesma. É cálculo, raciocínio, operação mental e desapaixonada como qualquer outra, e não denúncia formal.

Finalmente – deixando de lado outras excelências de tua prosa útil – a declaração positiva: quem a apreender ou pelo menos “notícia exata ministrar”, será “razoavelmente remunerado”. Não prometes recompensa tentadora; não fazes praça de generosidade ou largueza; acenas com o razoável, com a justa medida das coisas, que deve prevalecer mesmo no caso de bestas perdidas e entregues.

Já é muito tarde para sairmos à procura de tua besta, meu caro João Alves do Itambé; entretanto essa criação volta a existir, porque soubeste descrevê-la com decoro e propriedade, num dia remoto, e o jornal a guardou e alguém hoje a descobre, e muitos outros são informados da ocorrência. Se lesses os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficarias triste. Já não há essa precisão de termos e essa graça no dizer, nem essa moderação nem essa atitude crítica. Não há, sobretudo, esse amor à tarefa bem feita, que se pode manifestar até mesmo num anúncio de besta sumida. (Carlos Drummond de Andrade)



ATIVIDADE

- Na crônica, o autor diz que o anúncio de João Alves “continua modelo no gênero”. Quais são as características que Drummond mais prezou no anúncio?
- Um dos aspectos que Drummond elogiou no anúncio de João Alves foi o comedimento. Discuta o sentido desse termo com os colegas e como essa característica é tratada nas estratégias publicitárias.

Agora que você conhece algumas características do gênero ANÚNCIO, vamos conhecer um tipo especial de anúncio, num texto que pode ser apenas uma lenda e que circulou durante algum tempo na *internet*:

O dono de um sítio disse a Olavo Bilac: “Estou precisando vender o meu sítio, que o senhor tão bem conhece. Será que o senhor poderia redigir o anúncio para o jornal?”

Olavo Bilac apanhou o papel e escreveu: “Vende-se encantadora propriedade, onde cantam os pássaros ao amanhecer no extenso arvoredo, cortada por cristalinas e arejantes águas de um ribeirão. A casa é banhada pelo sol nascente, oferece a sombra tranqüila das tardes, na varanda”.

Algum tempo depois, Bilac encontra o homem para quem redigira o anúncio e lhe pergunta se vendera o sítio. O dono então lhe diz: “_____”.



ATIVIDADE

- Qual teria sido a resposta do dono do sítio?
- Leia a seguir uma pequena biografia de Olavo Bilac e justifique por que o autor deste texto atribui ao poeta o papel de destaque na pequena narrativa.



<http://www.11m.eb.mil.br>

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac nasceu no Rio de Janeiro em 1865 e faleceu no mesmo local em 1918.

Olavo Bilac é o poeta mais popular do Parnasianismo, destaca-se pelo devotamento ao culto da palavra e ao estudo da língua portuguesa. Os recursos estilísticos que mais emprega são: a repetição de palavras, o polissíndeto e o assíndeto (separados ou conjugados), suas metáforas e comparações são claras.

As estrelas têm presença marcante em seus versos, ora aparecem como confidentes, ora como testemunhas ou conecedoras do mistério da vida.

A criança, também, recebe atenção, dedica-lhe quadras infantis em que o mundo juvenil aparece idealizado, destituído de misérias, ressaltando o aspecto doméstico, patriótico e nobre. Por isso, acaba sendo aclamado “o poeta da criança”. Outros temas prediletos são a guerra e a pátria. O patriotismo é cantado ternamente, a ponto de assumir a forma de propaganda do progresso e bem estar nacional.

Seus versos contêm uma poesia pobre em imagens, mas rica em sentimento, voluptuosidade e morbidez, o que parece justificar sua fulgurante consagração. Poesias (1888), seu primeiro livro, traz o poema Profissão de Fé, esmero em metrificação, servindo de exemplo do verso parnasiano.

Entramos, agora, no campo da propaganda.



ATIVIDADE

- Que diferenças podem ser estabelecidas entre anúncio e propaganda quanto às respectivas intenções?



PESQUISA

- Selecione, em veículos diversos (jornais, revistas, folhetos), exemplos de textos que possam ser caracterizados apenas como anúncios.
- “Se lesse os anúncios de objetos e animais perdidos, na imprensa de hoje, ficaria triste”. Pesquise em jornais de sua cidade e traga para a aula anúncios de objetos ou animais perdidos. Como são esses anúncios? De que forma procuram fazer com que o leitor crie algum tipo de envolvimento com o animal perdido?

Com relação à linguagem da propaganda, o que se destaca é a intenção de **persuadir**, de **convencer**, seja do modo que for. Para isso, o emissor da mensagem lança mão de todos os recursos disponíveis, não só os da linguagem escrita.



ATIVIDADE

- Reelabore o anúncio do imóvel do exercício feito no início desta atividade, transformando-o numa propaganda. Você não vai inventar nada que não exista no imóvel: vai apenas apresentar as características do terreno de modo diferente, enfatizando as vantagens que elas possam apresentar, associando-as com as imagens que os futuros compradores prezam. O visual também deverá ser melhor explorado.
- Selecione três propagandas da mídia escrita: uma que você considere boa, uma média e uma ruim, justificando essa classificação.
- Em conjunto com a turma, selecione propagandas televisivas e eleja a mais bem elaborada, destacando os pontos em que se baseou a decisão.
- Quando se fala em propaganda, lembramos de slogans. Slogan é uma expressão concisa, fácil de lembrar, utilizada em campanhas políticas, de publicidade, de propaganda, para lançar um produto, marca, etc. (Houaiss). Nos exemplos abaixo, tente completar as frases **b** e **c** e identifique os produtos a que se referem os quatro slogans:
 - a- “Nunca foi tão fácil tirar o doce da criança”.
 - b- “_____ com respeito. É provável que ele seja mais velho que você”.
 - c- “Cabem 18 crianças, lógico, se o _____ for surdo”.
 - d- “Nossos clientes nunca voltaram para reclamar”.

Voltando à discussão dos espaços públicos e privados, elabore um slogan para atrair a adesão da comunidade em uma campanha que a escola esteja promovendo.

Por exemplo: nas localidades em que há muitos cães na rua, idealizar uma campanha para que as pessoas dispensem mais cuidado a eles e os mantenham confinados aos respectivos quintais, evitando a reprodução indiscriminada e o abandono dos filhotes na rua.

Vocês podem pensar em outra campanha.

Agora você lerá um texto em que os artifícios da propaganda foram empregados com muita eficiência para os fins desejados.



ATIVIDADE

- Antes de começar a ler o texto por inteiro, troque com os colegas impressões sobre as expectativas de leitura, a partir apenas do título e do primeiro parágrafo: o que vocês acham que vai acontecer?

No Retiro da Figueira

Sempre achei que era bom demais. O lugar, principalmente. O lugar era... era maravilhoso. Bem como dizia o prospecto: maravilhoso. Arborizado, tranqüilo, um dos últimos locais – dizia o anúncio – onde você pode ouvir um bem-te-vi cantar. Verdade: na primeira vez que fomos lá ouvimos o bem-te-vi. E também constatamos que as casas eram sólidas e bonitas, exatamente como o prospecto as descrevia: estilo moderno, sólidas e bonitas. Vimos os gramados, os parques, os pôneis, o pequeno lago. Vimos o campo de aviação. Vimos a majestosa figueira que dava nome ao condomínio: Retiro da Figueira.

Mas o que mais agradou à minha mulher foi a segurança. Durante todo o trajeto de volta à cidade – e eram uns bons cinqüenta minutos – ela falou, entusiasmada, da cerca eletrificada, das torres de vigia, dos holofotes, do sistema de alarmes – e sobretudo dos guardas, oito guardas, homens fortes, decididos – mas amáveis, educados. Aliás, quem nos recebeu naquela visita, e na seguinte, foi o chefe deles, um senhor tão inteligente e culto que logo pensei: “Ah, mas ele deve ser formado em alguma universidade”. De fato: no decorrer da conversa ele mencionou – mas de maneira casual – que era formado em Direito. O que só fez aumentar o entusiasmo de minha mulher.

Ela andava muito assustada ultimamente. Os assaltos violentos se sucediam na vizinhança; trancas e porteiros eletrônicos já não detinham os criminosos. Todos os dias sabíamos de alguém roubado e espancado; e quando uma amiga nossa foi violentada por dois marginais, minha mulher decidiu – tínhamos de mudar de bairro. Tínhamos de procurar um lugar seguro.

Foi então que enfiaram o prospecto colorido sob nossa porta. Às vezes penso que se morássemos num edifício mais seguro, o portador daquela mensagem publicitária nunca teria chegado a nós, e, talvez... Mas isso agora são apenas suposições. De qualquer modo, minha mulher ficou encantada com o Retiro da Figueira. Meus filhos estavam vidrados nos pôneis. E eu acabava de ser promovido na firma. As coisas todas se encadearam, e o que começou com um prospecto sendo enfiado sob a porta transformou-se – como dizia o texto – num novo estilo de vida.

Não fomos os primeiros a comprar casa no Retiro da Figueira. Pelo contrário: entre nossa primeira visita e a segunda – uma semana após – a maior parte das trinta residências já tinha sido vendida. O chefe dos guardas me apresentou a alguns dos compradores. Gostei deles: gente como eu, diretores de empresa, profissionais liberais, dois fazendeiros. Todos tinham vindo pelo prospecto. E quase todos tinham se decidido pelo lugar por causa da segurança.

Naquela semana descobri que o prospecto tinha sido enviado apenas a uma quantia limitada de pessoas. Na minha firma, por exemplo, só eu o tinha recebido. Minha mulher atribuiu o fato a uma seleção cuidadosa de futuros moradores – e viu nisso mais um motivo de satisfação. Quanto a mim, estava achando tudo muito bom. Bom demais.

Mudamo-nos. A vida lá era realmente um encanto. Os bem-te-vis eram pontuais: às sete da manhã começavam seu afinado concerto. Os pôneis eram mansos, as aléias ensaibradas estavam sempre limpas. A brisa agitava as árvores do parque – cento e doze, bem como dizia o prospecto. Por outro lado, o sistema de alarmes era impecável. Os guardas compareciam periodicamente à nossa casa para ver se estava tudo bem – sempre gentis, sempre sorridentes. O chefe deles era uma pessoa particularmente interessada: organizava festas e torneios, preocupava-se com nosso bem-estar. Fez uma lista dos parentes e amigos dos moradores – para qualquer emergência, explicou, com um sorriso tranquilizador. O primeiro mês decorreu – tal como prometido no prospecto – num clima de sonho. De sonho mesmo. Uma manhã de domingo, muito cedo – lembro-me de que os bem-te-vis ainda não tinham começado a cantar – soou a sirene de alarme. Nunca tinha tocado antes, de modo que ficamos um pouco assustados – um pouco, não muito. Mas sabíamos o que fazer: nos dirigimos, em ordem, ao salão de festas, perto do lago. Quase todos ainda de roupão ou pijama.

O chefe dos guardas estava lá, ladeado por seus homens, todos armados de fuzis. Fez-nos sentar, ofereceu café. Depois, sempre pedindo desculpas pelo transtorno, explicou o motivo da reunião: é que havia marginais nos matos ao redor do retiro e ele, avisado pela polícia, decidira pedir que não saíssemos naquele domingo.

– Afinal – disse, em tom de gracejo – está um belo domingo, os pôneis estão aí mesmo, as quadras de tênis...

Era mesmo um homem muito simpático. Ninguém chegou a ficar verdadeiramente contrariado.

Contrariados ficaram alguns no dia seguinte, quando a sirene tomou a soar de madrugada. Reunimo-nos de novo no salão de festas, uns resmungando que era segunda-feira, dia de trabalho. Sempre sorrindo, o chefe dos guardas pediu desculpas novamente e disse que infelizmente não poderíamos sair – os marginais continuavam nos matos. Gente perigosa; entre eles, dois assassinos foragidos. À pergunta de um irado cirurgião, o chefe dos guardas respondeu que, mesmo de carro, não poderíamos sair; os bandidos poderiam bloquear a estreita estrada do Retiro.

– E vocês, por que não nos acompanham? – perguntou o cirurgião.

– E quem vai cuidar das famílias de vocês? – disse o chefe dos guardas, sempre sorrindo.

Ficamos retidos naquele dia e no seguinte. Foi aí que a polícia cercou o local: dezenas de viaturas com homens armados, alguns com máscaras contra gases. De nossas janelas nós os víamos e reconhecíamos: o chefe dos guardas estava com a razão.

Passávamos o tempo jogando cartas, passeando ou simplesmente não fazendo nada. Alguns estavam até gostando. Eu não. Pode parecer presunção dizer isto agora, mas eu não estava gostando nada daquilo.

Foi no quarto dia que o avião desceu no campo de pouso. Um jatinho. Corremos para lá.

Um homem desceu e entregou uma maleta ao chefe dos guardas. Depois olhou para nós – amedrontado, pareceu-me – e saiu pelo portão da entrada, quase correndo.

O chefe dos guardas fez sinal para que não nos aproximássemos. Entrou no avião. Deixou a porta aberta, e assim pudemos ver que examinava o conteúdo da maleta. Fechou-a, chegou à porta e fez um sinal. Os guardas vieram correndo, entraram todos no jatinho. A porta se fechou, o avião decolou e sumiu...

■ (Moacyr Scliar)



ATIVIDADE

- Quantas vezes o narrador diz que as coisas que viam aconteciam “exatamente como dizia o prospecto”? Qual o efeito dessa repetição?
- Por que o chefe de polícia fez uma relação dos parentes e amigos dos moradores?
- Em que passagens o narrador expressa desconfiança? De que forma isso fica claro na sua fala?
- O que você imagina que aconteceu? Anote sua opinião no caderno, com os respectivos argumentos destacados do texto.
- Além do tema tratado, esse conto nos permite uma reflexão sobre quais outros temas?
- Quais as características físicas do condomínio Retiro da Figueira?
- Quais características convenceram os compradores pelo aspecto racional?
- O que os convenceu pelo apelo à distinção social?
- Como você faria a narrativa do final do conto? Depois de escrevê-la e apresentá-la aos seus colegas de turma, confira o desfecho que o autor deu ao texto.

Mas não é só na publicidade que se faz uso de recursos para persuadir o leitor. As manchetes de jornais e os títulos de livros e histórias são bons exemplos, entre outros, de tentativa de chamar a atenção de um futuro leitor/comprador.



ATIVIDADE

Agora, você vai exercer sua habilidade de convencer as pessoas através da linguagem. Pense em uma história, algum acontecimento que tenha se passado com você ou com algum conhecido, e crie um título chamativo para ela. Ninguém pode saber qual é a história. Os títulos serão apresentados em uma relação e a história, cujo título chamar mais a atenção, será lida em sala”. Lembre-se de que o título cria expectativas no leitor, que espera encontrar no texto tudo o que o título prometeu. Caso contrário, o título será considerado ruim. Título ruim é como mau político: não cumpre o que promete.



■ Dante Gabriel Rossetti. Pandora, 1869. Giz sobre papel. Coleção da Organização Faringdon, Parque de Buscot, Oxfordshire, Reino Unido.
<http://www.abcgallery.com/R/rossetti/rossetti35.html>

PALAVRAS

■ Luciana Cristina Vargas Cruz¹, Maria de Fátima Navarro Lins Paul²



“S e recebo um presente dado com carinho por pessoa de quem não gosto – como se chama o que sinto?”

(Clarice Lispector)

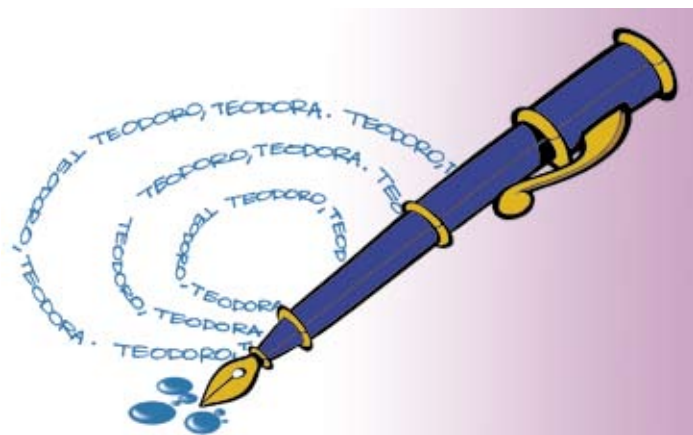
vôo

Livre, de tardinha
passeia no ar e vagueia
alegre andorinha.

(Delores Pires)

¹Colégio Estadual Eurides Brandão - Curitiba - PR

²Colégio Estadual Paulo Leminski - Curitiba - PR



NEOLOGISMO

Beijo pouco, falo menos ainda.
 Mas invento palavras
 Que traduzem a ternura mais funda
 E mais cotidiana.
 Inventei, por exemplo, o verbo teadorar.
 Intransitivo:
 Teadoro, Teodora.

■ Manuel Bandeira



ATIVIDADE

- Por que, em algumas situações, surge a necessidade de se criar palavras?
- Explique a relação entre o verbo “teadorar” e o substantivo “teadora”.
- O eu-lírico diz que inventa palavras, as quais “traduzem a ternura mais funda e mais cotidiana”. Qual é o sentido dessa expressão?

Manuel Bandeira, em seu poema, inventa a palavra: TEADORAR. E traz, sobre ela, duas informações: é um **verbo** e é **intransitivo**.

- Como foi construída a palavra *Teadorar*?
- Por que o poema diz que *Teadorar* é um verbo intransitivo?
- Após essas respostas, você pensa que o amor é intransitivo ou transitivo?

O poema de Manoel de Barros também fala sobre “verbo” e “invenções”, de uma forma muito criativa. Leia.

UMA DIDÁTICA DA INVENÇÃO, VII

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá
 onde a criança diz: Eu escuto a cor
 dos passarinhos.
 (...) se a criança muda a função de um verbo, ele delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz
 de fazer nascimentos.
 O verbo tem que pegar delírio.

■ (Manoel de Barros)



ATIVIDADE

- “Uma didática da invenção” – qual é a relação desse título com o texto? E com o poema de Manuel Bandeira?
- “No descomeço era o verbo”. Esse trecho dialoga com outro texto (ou seja, há uma intertextualidade). Qual é esse outro texto? O que há em comum entre eles?
- Quais os sentidos da palavra verbo no poema de Manoel de Barros?
- Qual é o significado da palavra “delírio” nesse contexto?
- No poema, onde se encontra o “delírio do verbo”? Justifique-o.
- Leia: “Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer nascimentos”. Como a poesia faz nascimentos?

Os dois poemas “inventam moda” com as palavras. Essa invenção é possível porque as palavras têm história, elas são criadas, podem evoluir e, também, sofrer transformações. Muitas vezes, algumas até desaparecem. Isso significa que a língua é viva, é dinâmica, e está em contínuo movimento!

Você já ouviu falar sobre formação de palavras? (Veja o Folhas *Você é um chato?*.)

Há um processo para formar palavras a partir de outras já existentes. Mas, além desse processo de formação, também existem processos de enriquecimento do vocabulário. Entre eles, há o **neologismo**, o processo que permite criar novas palavras ou atribuir significados diferentes para palavras que já existem. O verbo TEADORAR é um neologismo, criado poeticamente por Manuel Bandeira.

Também há o **empréstimo lingüístico**, esse processo surge através do contato entre culturas diferentes. O nosso vocabulário, e de outras línguas, incorpora palavras provindas de língua estrangeira; essas palavras, normalmente, são “aportuguesadas”, por exemplo: bife, futebol, abajur (são tão freqüentes em nosso cotidiano que já as vemos como palavras da língua portuguesa). Notamos mais o estrangeirismo nas palavras que mantêm a mesma grafia original, como: shopping center, show, etc.

Sobre as palavras, há muitas perguntas, nem todas com respostas: Qual é a origem das palavras? Por que as coisas têm o nome que têm?

A filosofia nos ajuda a pensar sobre essas questões. Marilena Chauí, filósofa brasileira, fala sobre esse tema em seu livro *Convite à Filosofia*.

A girafa, calada,
Lá de cima vê tudo
E não diz nada.

(Millôr Fernandes)

A origem da linguagem

Uma primeira divergência sobre o assunto surgiu na Grécia: a linguagem é natural aos homens (existe por natureza) ou é uma convenção social? Se a linguagem for natural, as palavras possuem um sentido próprio e necessário; se for convencional, são decisões consensuais da sociedade e, nesse caso, são arbitrárias, isto é, a sociedade poderia ter escolhido outras palavras para designar as coisas. Essa discussão levou, séculos mais tarde, à seguinte conclusão: a linguagem como capacidade de expressão dos seres humanos é natural, isto é, os humanos nascem com uma aparelhagem física, anatômica, nervosa e cerebral que lhes permite expressarem-se pela palavra; mas as línguas são convencionais, isto é, surgem de condições históricas, geográficas, econômicas e políticas determinadas, ou, em outros termos, são fatos culturais [...].

Perguntar pela origem da linguagem levou a quatro tipos de respostas:

1. a linguagem nasce por imitação, isto é, os humanos imitam, pela voz, os sons da Natureza (dos animais, dos rios, das cascatas e dos mares, do trovão e do vulcão, dos ventos, etc.). A origem da linguagem seria, portanto, a onomatopéia ou imitação dos sons animais e naturais;

2. a linguagem nasce por imitação dos gestos, isto é, nasce como uma espécie de pantomima ou encenação, na qual o gesto indica um sentido. Pouco a pouco, o gesto passou a ser acompanhado de sons e estes se tornaram gradualmente palavras, substituindo os gestos;

3. a linguagem nasce da necessidade: a fome, a sede, a necessidade de abrigar-se e proteger-se, a necessidade de reunir-se em grupo para defender-se das intempéries, dos animais e de outros homens mais fortes levaram à criação de palavras, formando um vocabulário elementar e rudimentar, que, gradativamente, tornou-se mais complexo e transformou-se numa língua;

4. a linguagem nasce das emoções, particularmente do grito (medo, surpresa ou alegria), do choro (dor, medo, compaixão) e do riso (prazer, bem-estar, felicidade). Citando novamente Rousseau em seu *Ensaio sobre a origem das línguas*:

Não é a fome ou a sede, mas o amor ou o ódio, a piedade, a cólera, que aos primeiros homens lhes arrancaram as primeiras vozes... Eis porque as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas antes de serem simples e metódicas.

Assim, a linguagem, nascendo das paixões, foi primeiro linguagem figurada e por isso surgiu como poesia e canto, tornando-se prosa muito depois; e as vogais nasceram antes das consoantes. Assim como a pintura nasceu antes da escrita, assim também os homens primeiro cantaram seus sentimentos e só muito depois exprimiram seus pensamentos.

Essas teorias não são excludentes. É muito possível que a linguagem tenha nascido de todas essas fontes ou modos de expressão [...]. (CHAUI, 2003, p.150-151)



ATIVIDADE

- Como o texto responde à questão: por que as coisas têm o nome que têm?
- O texto dá uma resposta definitiva sobre a origem da linguagem? Fundamente sua resposta com elementos do texto.

- O primeiro item afirma que a origem da linguagem seria a onomatopéia. Busque exemplos de onomatopéias na Língua Portuguesa.

Tanto os poemas apresentados neste Folhas quanto o texto de Chauí falam da necessidade humana de nomear as “coisas”, que vem desde que o homem se reconhece homem. Veja o que diz o texto bíblico:

¹⁹Tendo, pois, o Senhor Deus formado da Terra todos os animais dos campos, e todas as aves dos céus, levou-os ao homem, para ver como ele os havia de chamar; e todo o nome que o homem pôs aos animais vivos, esse é o seu verdadeiro nome. ²⁰O homem pôs nomes a todos os animais, a todas as aves dos céus e a todos os animais dos campos; [...] (Gênesis 2; 19-20)



ATIVIDADE

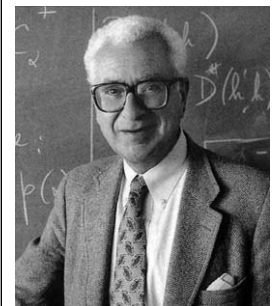
Qual é o fato relacionado à origem das palavras que o texto Bíblico não contempla neste fragmento de Gênesis?

A necessidade de nomear existe em todas as áreas do conhecimento, da atividade humana. E os nomes dados são sempre uma convenção, são sempre arbitrários. Veja o que aconteceu na Física:

Murray Geel-Mann, físico norte-americano, dedicou grande parte de sua vida ao estudo das partículas subatômicas. No período pós segunda guerra mundial, o desenvolvimento da Física atômica, nuclear e molecular levou à descoberta de tal quantidade de partículas, que físicos da época compararam essa profusão de corpúsculos e de funções a um zoológico de partículas.

Para Geel-Mann, o mundo das partículas subatômicas e suas particularidades eram um jogo de quebra-cabeça com experimentos revelando um número cada vez maior de partículas elementares, que precisavam ser descritas e nomeadas.

A idéia de Gell-Mann era que se os átomos diferenciam-se pelas combinações de apenas três partículas – prótons, elétrons e nêutrons –, a mesma coisa deveria acontecer com as centenas de partículas que haviam sido descobertas: “Gell-Mann sugeriu que essas partículas eram, na verdade, resultado de combinações de apenas seis outras (esse é o número atual), que ele chamou de quarks. Ou seja, as partículas fundamentais são os seis quarks e não as centenas de outras que foram observadas” (ROSENFELD, 2003, p 13-14).



■ Gell Mann

www.ictp.trieste.it

Em cima da neve
Mesmo o corvo esta manhã
Pousou bem de leve.

Bashô



Mas, por que o nome *Quark*?
 Veja, agora, como Gell-Mann deu o nome às partículas que ele estudou:

“Ele havia primeiramente pensado no nome *quirks*, que em inglês significa algo peculiar, fora do comum. Porém, folheando um livro do escritor irlandês James Joyce, que inventava muitas palavras, deparou com os versos ‘*Three quarks for Muster Mark*’, de que ninguém realmente sabe o significado exato. O fato de serem três como no tripleto, e o som parecido com *quirks*, levou Gell-Mann a adotar o nome *quarks* para denotar as três partículas”. (ROSENFELD, 2003, p 87-88)



ATIVIDADE

- Gell-Mann deu o nome de *GLUON* à partícula que mantém os quarks colados uns aos outros. Procurem a origem dessa palavra, a comparação que Gell-Mann fez para criá-la.
- Escolham alguns nomes que surgiram a partir da evolução das ciências e busquem a origem desses nomes.

Sugestão: Esse assunto também está abordado no Folhas *As Quatro Interações Fundamentais*, do livro didático de Física.

O fato de as línguas serem convencionais, conforme vimos no texto de Filosofia, e a necessidade dessa convenção para que as pessoas possam interagir, comunicar-se, foi abordado de outra maneira por Ruth Rocha, conhecida autora de livros infanto-juvenis, que tem um personagem criança chamado Marcelo, o qual cismou com os nomes das coisas:

Marcelo, marmelo, martelo

[...]

“Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda. Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer dizer nada. E traveseiro? Devia se chamar cabeceiro, lógico! Também, agora, eu só vou falar assim.

[...]

O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

- Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome porque, senão, ninguém se entende...

- Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?

[...]

Até que um dia...

[...] Marcelo entrou em casa correndo:

- Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!
- O quê, menino? Não estou entendendo nada!
- A moradeira, papai, embrasou...
- Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!
- Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!

Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada (...)." (Ruth Rocha, 1976)



ATIVIDADE

- O que seu João não entendia?
- Proposta de produção: criem, em duplas, uma situação humorística em que a invenção de palavras impeça a comunicação. Socializem a produção numa atividade de contação de histórias.

Vocês já leram, neste Folhas, a expressão “classes de palavras”. O verbo é uma delas. Outra classe é aquela das palavras que expressam emoções, lembra? Há, também, uma classe específica que, segundo as gramáticas, engloba as palavras que usamos para nomear os seres em geral: substantivo.



DEBATE

- Somente a classe do substantivo é capaz de nomear as “coisas”? Discuta com seus colegas e registre as conclusões.

Substantivos nomeiam. Será apenas isso?

Título _____

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeira, xícaras e pires, prato, bule, talheres, guardanapos. Quadros. Pasta, carro.

[...]

Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras, cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.
(Adaptado de Ricardo Ramos)



ATIVIDADE

- Qual a peculiaridade desse texto?
- É possível extrair sentido desse texto, apesar de utilizar somente o substantivo?
- O texto acima foi elaborado utilizando apenas uma classe gramatical, o substantivo. Em Língua Portuguesa, as palavras são divididas em 10 classes. Pesquise-as na gramática. Com qual delas podemos elaborar um texto similar?
- Siga o estilo que o texto apresenta no início e no final e complete-o.
- Dê um título ao texto.

Há teorias que dizem que as palavras servem para designar coisas. Mas nem todas as palavras se referem a coisas, nem todas as coisas podem ser postas em palavras.

Um dos dicionários da Língua Portuguesa, o Dicionário Houaiss, apresenta mais de 228 mil verbetes, ou seja, palavras da nossa língua. No entanto...

[...]Uma pessoa de quem não se gosta mais e que não gosta mais da gente – como se chama essa mágoa e esse rancor? Estar ocupada, e de repente parar por ter sido tomada por uma desocupação beata, milagrosa, sorridente e idiota – como se chama o que se sentiu? O único modo de chamar é perguntar: como se chama? Até hoje só consegui nomear com a própria pergunta. Qual é o nome? E esse nome é o nome? (Clarice Lispector)



ATIVIDADE

- Crie termos para aquilo que a autora não consegue nomear.
- Pense outras situações, para as quais não se encontram palavras adequadas e tente nomeá-las.

Leia, ainda, o poema de Alice Ruiz.

Tem palavra

tem palavra
 que não é de dizer
 nem por bem
 nem por mal
 tem palavra
 que não é de comer
 que não dá pra viver
 com ela
 tem palavra
 que não se conta
 nem prum animal
 tem palavra
 louca pra ser dita
 feia bonita
 e não se fala
 tem palavra
 pra quem não cala
 pra quem tem palavra
 tem palavra
 que a gente tem
 e na hora H
 falta

■ Alice Ruiz



ATIVIDADE

- Aponte a relação que existe entre o poema de Alice Ruiz e o fragmento de Clarice Lispector.
- Dê exemplos de:
 - palavras que não são de dizer nem por bem nem por mal;
 - palavras que não são de comer;
 - palavras que não dá para viver com elas;
 - palavras que não se conta nem para um animal;

- palavras loucas para serem ditas, e não se fala;
- palavras que, na hora H, faltam;
- palavras de quem não cala.
- Há outras palavras de que você sentiu falta e acrescentaria ao poema?
- Verifique a que classes de palavras pertencem os exemplos dados.
- Como você explica, nesse texto, a falta do título, da pontuação, de letras maiúsculas, o uso de palavras exclusivas da oralidade?

A língua, como vimos nesse Folhas, é dinâmica, é viva. É na interação que ela se constitui, é na interação que os usuários, os falantes vão criando novas palavras, que nascem da necessidade de se dizer algo, de se fazer compreender. Dessa forma, criam-se hipóteses, mergulhando em semelhanças, para suprir lacunas que vão sendo encontradas.

Quando a criança diz que “meu tio hoje estava inconversível”, é fácil compreender que ela criou a palavra para preencher um “furo”, pela necessidade de preencher um espaço.



ATIVIDADE

- Como atividade final, reúnam-se em grupos e organizem uma listagem de palavras não dicionarizadas, ou seja, que ainda não estejam contempladas nos dicionários oficiais. Essas palavras serão coletadas em jornais, anúncios publicitários, placas em geral, calendários, letreros, programas de rádio e televisão, conversas familiares, enfim, em todos os locais e situações onde palavras são utilizadas.
- As palavras coletadas deverão ser organizadas alfabeticamente, com indicação da classe de palavras à qual pertencem, e apresentar um significado (ou mais).

Após a entrega de todos os trabalhos, a turma poderá organizar um dicionário, de volume único, encaderná-lo e colocá-lo na biblioteca da escola.



paineis.org/Livro.jpg



■ J. M. W. Turner. Chuva, vapor e velocidade, 1844. Óleo sobre tela, 91 x 122 cm. Royal Academy, Londres, Inglaterra.

SOBRE A *MODERNIDADE* OU COMO LER UM LIVRO

■ Antônio Eduardo Leitão Navarro Lins¹



Você já ouviu a palavra MODERNIDADE? Tem noção do que ela significa? Sabe como a MODERNIDADE pode influenciar você? Você usa óculos? Quais são os seus óculos?

MAR PORTUGUEZ

Teu “Mar Portuguez”
tão nosso, tão verde e azul,
Fernando Pessoa!

(Delores Pires)

ACENTUAÇÃO

Em torno de si
o guarda-chuva coloca
os pingos nos ii.

(Delores Pires)

Neste Folhas, você encontrará oportunidade de pensar um pouco sobre sua própria vida, seus desejos, seu modo de ver o mundo e as coisas do mundo, sua sensibilidade e sua autonomia de pensamento. Tudo isso sobre o que você pensará é altamente influenciado pelo modo de ser e agir humanos sobre a Terra. Eu vou chamar este modo de ser e de agir humanos, tal qual ele acontece hoje, de MODERNIDADE.

Se você usar óculos de lentes vermelhas, você verá o mundo vermelho. E se os óculos forem verdes, então você verá tudo verde. Os óculos de um Matemático são os números; um Físico usa esses óculos para ver a estrutura do universo. Os óculos de um Cristão são a sua fé. Os meus óculos de ver o mundo chamam-se Literatura, mas poderiam chamar-se de língua humana, não só a Língua Portuguesa. É que os meus óculos são os livros. Geralmente as lentes dos meus óculos são designadas por alguma palavra que tenha no final o sufixo -ismo: Romantismo ou Realismo, Surrealismo ou Dadaísmo, Cubismo... Geralmente, mas nem sempre. Às vezes, as lentes dos meus óculos também são chamadas de Barroco ou Literatura de Informação ou, ainda, quando eu uso os óculos para olhar a sociedade, Sociologia. Se eu os uso para olhar o pensamento, Filosofia. E assim por diante. Mas os nomes que as pessoas dão às lentes dos meus óculos não importam, importa que os livros permitem que nós caminhemos por vários tipos de saberes. E eles permitem, também, que nós, sem sairmos do presente, revejamos os saberes do passado e projetemos os do futuro. É através dos meus óculos, os livros, que eu vou olhar para a MODERNIDADE.

**ATIVIDADE**

Você já leu algum livro? Lembra-se de algum que tenha gostado? O que você fez durante a leitura? Como a leitura o modificou?

Antes de falar para você sobre essa tal MODERNIDADE, deixe eu lhe contar como se faz uso de uns óculos como os meus.

Eu estou diante de um livro como diante de um lago. Diante de um lago, ora eu vejo a superfície tão cristalina que parece um espelho; outras, agitada pelas ondulações que o vento provoca. Eu olho para a superfície do lago e sei que a superfície não é o lago todo. Às vezes a superfície me engana. Porque é uma superfície transparente e, quando eu mergulho no lago, vejo tudo opaco, nada nítido. E somente tateando vou sentindo os contornos de uma pedra ou galho ou concha depositados no fundo, escondidos pela água. Quando a superfície é tranqüila, no fundo pode haver um turbilhão. Mas pode suceder o contrário. Só saberá quem mergulha.

Antes de mergulhar no lago-livro, eu sempre me deparo com a sua superfície. A superfície, neste caso, é a história contada, a estrutura básica do enredo. Assim, a superfície de “Quincas Borba”, de Machado de Assis, é a história do amor não correspondido de Rubião por Sophia, mulher de seu amigo Cristiano Palha. Já o livro “A Cidade e as Serras”, do português Eça de Queiroz, tem como superfície a transformação do cidadão Jacinto, infeliz, entediado e franzino, num camponês feliz e saudável. Essa transformação se realiza quando ele se muda da cidade (Paris) para o campo (Tormes, povoado das serras de Portugal). Olhando a superfície desse livro, eu posso até afirmar que o personagem faz o caminho inverso daquele proposto pela MODERNIDADE: ele saiu da cidade e foi para o campo, libertando-se, assim, de todo o peso do viver moderno que o oprimia e o infelicitava. Esse peso todo é representado no livro de Eça pelo progresso tecnológico e pelos maus hábitos e falsas relações que o modo de vida nas cidades impõe aos seus cidadãos. Na superfície do lago-livro de Eça está a MODERNIDADE mesma, explícita, questionada, demonstrada em algumas de suas contradições. Mas estamos ainda na superfície do lago. E um bom leitor não se contenta com olhar o lago de fora. Ele tem necessidade de mergulhar no lago para sondar suas profundezas.

Quem mergulha num lago pode estar mergulhando por puro prazer ou por ofício de procurar algo que, se sabe, pode estar oculto sob a água. Eu, mergulhando, sinto prazer nos dois casos. Eu fiz um mergulho no lago-livro de Eça procurando ali traços de MODERNIDADE. E descobri que o modo de vida burguês de Jacinto, morando na cidade, beneficiando-se e entristecendo-se a um tempo, com o desenvolvimento da indústria e da técnica, só foi possível através da transformação de outros modos de viver que lhe foram anteriores. Repare na seguinte passagem do livro:

“Seu avô, aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o D. Galião, descendo uma tarde pela travessa da Trabuqueta, rente dum muro de quintal que uma parreira toldava, escorregou numa casca de laranja e desabou no lajedo. Da portinhola da horta saía nesse momento um homem moreno, escanhoado, de grosso casaco de baetão verde e botas altas de picador, que, galhofando e com uma força fácil, levantou o enorme Jacinto – até lhe apanhou a bengala de castão de ouro que rolara para o lixo. Depois, demorando nele os olhos pestanudos e pretos:

– Oh! Jacinto Galião, que andas tu aqui, a estas horas, a rebolar pelas pedras?

E Jacinto, aturdido e deslumbrado, reconheceu o Sr. Infante D. Miguel!

(...) E quando soube que o Sr. D. Miguel, com dois velhos baús amarrados sobre um macho, tomara o caminho de Sines e do final desterro – Jacinto Galião correu pela casa, fechou todas as janelas como num luto, berrando furiosamente:

– Também cá não fico! Também cá não fico! ”

Arco-íris

Helena Kolody

Arco-íris no céu.

Está sorrindo o menino

que há pouco chorou.

O modo de ser burguês, moderno, de Jacinto é o resultado de transformações sociais e humanas anteriores a ele. Debaixo da superfície do seu *lago-livro*, Eça nos mostra as mudanças que a MODERNIDADE provocou transformando o modo de ser medieval e monárquico (D. Galião e o Infante D. Miguel), substituindo-os pela agitação urbana e industrial que ganhou espaço com o desenvolvimento das cidades. Jacinto se bate, dividido entre os benefícios e malefícios decorrentes dessa mudança.

Também o velho Machado, de Quincas Borba, oculta um traço de MODERNIDADE sob a superfície do seu lago. Trata-se da passagem em que Rubião imagina as solenidades de seu casamento:

“Antes de cuidar da noiva, cuidou do casamento. N’aquele dia e nos outros, compôs de cabeça as pompas matrimoniais, os coches – se ainda os houvesse antigos e ricos, quais ele via gravados nos livros de usos passados. Oh! grandes e soberbos coches! Como ele gostava de ir esperar o Imperador, nos dias de grande gala, à porta do paço da cidade, para ver chegar o préstito imperial, especialmente o coche de Sua Majestade, vastas proporções, fortes molas, finas e velhas pinturas, quatro ou cinco parselhas guiadas por um cocheiro grave e digno! Outros vinham, menores em grandeza, mas ainda assim tão grandes que enchiam os olhos.

Um d’esses outros, ou ainda um menor podia servir-lhe às bodas, se toda a sociedade não estivesse já nivelada pelo vulgar cupê”.

Nessa passagem, o narrador de “*Quincas Borba*” percebe um dos efeitos da produção em série de bens, produção industrial. Os coches, carruagens amplas e espaçosas, provavelmente fabricadas sob encomenda, puxadas por vários cavalos, deram lugar ao cupê, menor, puxado por dois cavalos apenas e produzido em série. Das palavras do narrador se deduz que a produção em série pela indústria nivela, vulgariza. E isso aponta, também, para as diferentes classes de consumo. Nesse ponto da leitura, eu me lembrei de um outro texto que me coloca um pouco à frente na linha da MODERNIDADE, que aponta para a evolução dos meios de transportes. Trata-se do poema *Trem de Ferro*, de Manuel Bandeira:

TREM DE FERRO

Café com pão
Café com pão
Café com pão

Virge Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
Café com pão
Agora sim
Voa, fumaça
Corre, cerca

Ai seu fogueira
 Bota fogo
 Na fomalha
 Que eu preciso
 Muita força
 Muita força
 Muita força

Oô...
 Foge, bicho
 Foge, povo
 Passa ponte
 Passa poste
 Passa pasto
 Passa boi
 Passa boiada
 Passa galho
 De ingazeira
 Debruçada
 No riacho
 Que vontade
 De cantar

Oô...
 Quando me prendero
 No canaviá
 Cada pé de cana
 Era um oficiá
 Oô...
 Menina bonita
 Do vestido verde
 Me dá tua boca
 Pra matá minha sede
 Oô...
 Vou mimbora vou mimbora
 Não gosto daqui
 Nasci no sertão
 Sou de Ouricuri
 Oô...

Vou depressa
 Vou correndo
 Vou na toda
 Que só levo
 Pouca gente
 Pouca gente
 Pouca gente...

(Manuel Bandeira)

MOMENTO

Chuva de verão
 bate à janela e com ela
 vem a solidão...

(Delores Pires)

Deixei a sombra em casa
 E me queimei por aí
 Como uma brasa.

(Millôr Fernandes)

Eu acabei de mostrar para você como faço quando estou diante de um *lago-livro*. Primeiro eu olho para a sua superfície, depois eu mergulho nele. Durante o meu mergulho, eu posso estar procurando algo específico (no meu caso, traços de MODERNIDADE) ou posso ir simplesmente achando idéias ao acaso, lembranças de outros textos que eu li, de outros mergulhos em outros lagos, como foi o caso dessa lembrança que eu tive do poema de Manuel Bandeira.



ATIVIDADE

- Mas, será que após ver como eu faço uso dos meus óculos, você já tem alguma idéia formada sobre o que é MODERNIDADE? As pistas que eu já lhe dei permitem a você formular alguma idéia sobre esse assunto?

Já que estamos falando de MODERNIDADE, você sabia que ler um livro é uma atitude moderna? É, porque antes da invenção da imprensa por Gutemberg, em 1452, as idéias circulavam predominantemente através da linguagem oral. As poucas pessoas letradas, geralmente um padre, liam seus textos e depois repassavam as idéias neles contidas para seus públicos, geralmente fiéis atentos ao sermão do pregador. Essa era praticamente a única forma da maioria iletrada participar do pensamento humano. Também a circulação das idéias era restrita antes da invenção da imprensa. Os textos eram escritos em couro de animal ou num rolo vegetal chamado pergaminho e copiados pelos padres que tentavam, assim, evitar que o pensamento dos antigos desaparecesse por causa do apodrecimento do material em que estavam escritos. Tais padres ficaram conhecidos como monges copistas. Mesmo logo depois da invenção da imprensa, os primeiros livros tinham um formato diferente dos nossos livros, eram bem maiores e de difícil manuseio.

Embora tenha havido, desde aquela época até hoje, um sensível aumento no número de pessoas letradas, esse número ainda deixa a desejar. Muitas pessoas ainda são analfabetas. Além disso, há muitas pessoas alfabetizadas que não lêem. E não basta ser alfabetizado para ser letrado. Veja só, mesmo sem o livro ter chegado em todos os lugares onde poderia chegar, ele já está se transformando. Está trocando as páginas de papel pelas telinhas dos computadores. Coisas da MODERNIDADE.

A MODERNIDADE mesmo, ninguém sabe ao certo quando começou. Nem ninguém sabe como terminará, embora, olhando-se para os rastros de destruição que ela vai deixando, possa-se fazer uma previsão não muito otimista. Ela é um impulso ativo para a transformação geral e mudança, que vem desde o tempo dos descobrimentos, passando pelas revoluções que destronaram as realezas, também pelas revoluções industriais e tecnológicas, pela urbanização das cidades, chegando aos dias de hoje em que, ao ter ao pé de si todo o Planeta Terra,

mapeado, rastreado, o homem volta-se para o espaço. Camões, um poeta de Portugal, lá pelos idos de 1500, já apontava essa tendência de mudança:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem (se algum houve), as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E, em mim, converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se a cada dia,
Outra mudança faz, de mor espanto,
Que não se muda já como soía.

Camões

Voltemos, ainda, ao livro de Eça de Queiroz, antes de terminar esta aula. Observe o seguinte fragmento em que o narrador mostra as idéias de Jacinto, antes de mudar-se para Tormes:

“Ora nesse tempo Jacinto concebera uma idéia... Este Príncipe concebera a idéia de que ‘o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado’. E por homem civilizado o meu camarada entendia aquele que, robustecendo a sua força pensante com todas as noções adquiridas desde Aristóteles, e multiplicando a potência corporal dos seus órgãos com todos os mecanismos inventados desde Terâmenes, criador da roda, se torna um magnífico Adão, quase onipotente, quase onisciente, e apto portanto a recolher dentro de uma sociedade e nos limites do Progresso (tal como ele se comportava em 1875) todos os gozos e todos os proveitos que resultam de Saber e de Poder (...). O nosso inventivo Jorge Carlande, reduzira a teoria de Jacinto, para lhe facilitar a circulação e lhe condensar o brilho, a uma forma algébrica:

$$\begin{array}{l} \text{Suma ciência} \\ \quad \times \quad = \text{Suma Felicidade} \\ \text{Suma potência} \end{array}$$

Eça de Queiroz

Vem cá passarinho
E vamos brincar nós dois
Que não temos ninho.
Issa.

rio do mistério
que seria de mim
se me levassem a sério?
(Paulo Leminski)

Este processo de mudança que chamamos MODERNIDADE foi movido pelos mais diversos motivos e desejos humanos, um deles é a esperança utópica de melhorar a própria espécie. A palavra MODERNIDADE está umbilicalmente ligada a outras duas palavras: civilização e progresso. Progresso, por sua vez, pressupõe evolução, melhoria.

Se você vivesse antes do surgimento da indústria têxtil e precisasse de roupas, você mesmo teria que fazê-las, ou então procurar um alfaiate para fazê-las sob medida. Produção artesanal, personificada. Agora, não. Você, quando precisa de calças, vai à loja. A loja, por sua vez, não compra as calças de um alfaiate. Ela as compra de uma indústria que fabrica calças em série. Produção industrial. O alfaiate, antes senhor do próprio negócio, virou empregado da fábrica ao alienar sua força de trabalho.

Todos os benefícios advindos da MODERNIDADE têm contrapartida em eventos que põem à prova a razão do ser humano. Esses eventos são conseqüência da ação modificadora do homem moderno. As fábricas trouxeram o desenvolvimento geral e o emprego. Mas trouxeram também o esgotamento dos recursos naturais, a degradação ambiental e a concentração de renda. Quer outro exemplo? A evolução dos meios de transportes e de comunicação aproxima e facilita a comunicação entre os seres humanos, mas também os uniformiza como as novas ovelhas do rebanho global. Antes, levava-se alguns dias para ir até o Rio Grande do Sul ou até o Nordeste, por exemplo. Sofria-se muito nessas viagens, feitas a pé ou em lombo de animais, por estradas esburacadas e poeirentas ou pela beira da praia. E, quando o viajante chegava, encontrava diferenças no modo de vestir, de comer, de lidar com as preocupações da vida. O traje do gaúcho, botas, bombacha, pálio; as roupas de couro do sertanejo, as saias rendadas das baianas. Hoje se vai ao Rio Grande do Sul ou ao Nordeste em poucas horas, de avião. E se encontra um povo vestido igual a nós, comendo no shopping center, conversando sobre futebol ou coisas que passam na televisão.

Alguém disse que a MODERNIDADE é como um trem que anda em desabalada carreira fora dos trilhos. Sem direção definida, um viajante deste trem vê sempre novas paisagens, mas vê também o rastro de destruição que este trem, correndo fora dos trilhos, deixa em sua passagem.

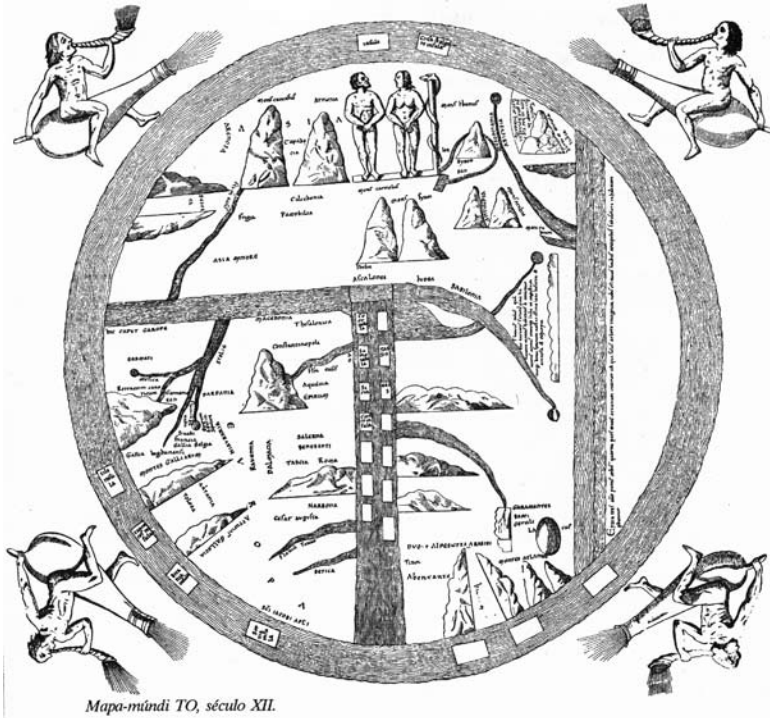
Agora é com você. Nas páginas seguintes, há alguns desafios propostos à sua ação criativa.



ATIVIDADE

- Vá até a biblioteca de sua escola e peça para consultar um Atlas atualizado. Observe, atentamente, no Atlas, o Mapa Mundi. Repare na distribuição dos continentes e nos desenhos que eles formam.

- Compare o Mapa Mundi consultado com os dois mapas mostrados a seguir. Converse com seus amigos sobre as diferenças entre eles. Quais transformações humanas estão por trás das diferenças entre os mapas? Quais as coisas boas que você percebe atrás dessas transformações? Quem se beneficiou delas? Quem saiu prejudicado?



Mapa-múndi TO, século XII.

- DREYER-EIMBCKE, Oswald. O descobrimento da Terra - História e histórias da aventura cartográfica



- O TESOURO dos mapas: A Cartografia na formação do Brasil: Exposição da Coleção Cartográfica do Instituto Cultural Banco Santos: CD-ROM. São Paulo: Banco Santos, 2002.

Noite

1993

Helena Kolody

Luar nos cabelos.

Constelações na memória.

Orvalho no olhar.

MUDANÇA

Cheia de neblina
a cidade, em verdade
foge da rotina.

(Delores Pires)

Agora leia os dois textos a seguir:

O Cão e o Frasco.

Meu belo cão, meu bom cão, meu querido totó, aproxime-se e venha respirar um excelente perfume comprado no melhor perfumista da cidade.

E o cão, mexendo o rabo, o que é, acho, nesses pobres seres, o sinal correspondente ao riso e ao sorriso, aproxima-se e curiosamente poussa o úmido nariz no frasco aberto; depois, subitamente recuando de pavor, late para mim, à guisa de reprovação

Ah, miserável cão, se lhe tivesse oferecido um embrulho de excrementos o teria farejado com delícia e talvez devorado. Assim, até você, indigno companheiro de minha triste vida, se parece com o público, a quem nunca se devem apresentar perfumes delicados que o exasperem, mas somente imundícies cuidadosamente escolhidas. (Charles Baudelaire)

A educação

Nos arredores da Universidade de Stanford, conheci outra universidade, não tão grande, que dá cursos de obediência. Os alunos, cães de todas as raças, cores e tamanhos, aprendem a não ser cães. Quando latem, a professora os castiga com um beliscão no focinho ou com um doloroso tirão na coleira de agulhões de aço. Quando calam, a professora lhes recompensa o silêncio com guloseimas. Assim se ensina o esquecimento de latir. (Eduardo Galeano)

**ATIVIDADE**

Esses dois textos fazem referência a que modificações trazidas pela MODERNIDADE? Faça um texto refletindo sobre esta questão. Mostre-o ao seu professor e converse com seus amigos sobre as idéias que você teve a partir das leituras.

■ Referências Bibliográficas:

ASSIS, M. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1946.

BANDEIRA, M. **Estrela da Vida Inteira**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1974.

BAUDELAIRE, C. **O Spleen de Paris**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____. **O Mal Estar da Pós Modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

CAMÕES, L. V. **Redondilhas, canções e sonetos**. Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 1980.

DREYER-EIMBCKE, O. **O descobrimento da Terra** - História e histórias da aventura cartográfica. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1992.

GALEANO, E. **De pernas pro ar** - A escola do mundo ao avesso. Porto Alegre: L&PM, 1999.

QUEIROZ, E. **A cidade e as serras**. São Paulo: Hedra, 2000.



A MÁQUINA DO TEMPO

■ Carmen Rodrigues Fróes Pedrão¹



Leitura



Escrita



Oralidade

É possível viajar no tempo? Quais os meios de que dispomos para tal?

Morta no chão

A sombra

É uma comparação.

(Millôr Fernandes)



Um passeio pelo tempo poderá nos levar a antigas concepções de mundo e nos mostrará como essas visões primeiras se transformaram na nossa atual perspectiva de olhar para o mundo, ancorados nos conhecimentos da ciência.

Os primeiros seres humanos, como nós, sentiram a necessidade de entender o mundo em que habitavam, a sua origem, o porquê da existência das coisas e dos fenômenos cotidianos. Ao contrário de nós, no entanto, eles não dispunham dos meios avançados de observação de que dispomos hoje. Eles contavam apenas com os sentidos do seu corpo, notadamente a visão, e usavam muito a imaginação. Podemos afirmar que as primeiras explicações para a existência do mundo e de seu funcionamento eram de natureza mitológica. Você sabe o que é mito ou visão mitológica de mundo? As atividades propostas, na seqüência, têm como objetivo ajudá-lo a responder a essa questão.

www.saturnismo.com



PESQUISA

- Pesquise num dicionário os significados das palavras mito e mitologia.
- Leia os seguintes textos:
 - da Bíblia, leia Gên 1 até 2, 1-4 // Jó 38, 1-41.
 - do livro *As mais belas lendas da mitologia*, de José Feron, Émile Genest e Marguerit Desmurger, que está na biblioteca da sua escola, leia o capítulo intitulado “Urano e Cibele, Titã, Crono e Réia”.
- O que essas distintas visões têm em comum? Como a Terra aparece nelas?

Esses são apenas alguns exemplos de textos míticos. Podemos dizer que o pensamento mitológico foi uma das primeiras formas de pensar do ser humano. Mas, o aprimoramento das suas capacidades de observação, a invenção de novos aparelhos e o surgimento de novas técnicas, aos poucos, foram efetuando uma transformação nessa forma de pensar, tornando-a racional. O pensamento mítico cedeu lugar ao pensamento racional, científico.

Se, para os antigos, a Terra era plana, era o centro do universo com o Sol girando em seu redor, nós adquirimos a noção de nossa pequenez: habitamos um planeta rotundo, entre outros existentes no

nosso sistema solar. Sabemos que estamos numa viagem galáctica constante em torno do sol. E todo o sistema solar, com o Sol, a Terra, a lua e os outros planetas viajam juntos rumo ao ápex, à estrela Vega, da Constelação de Lira. Sabemos que o Sol é a estrela principal do nosso sistema planetário, mas sabemos que também existem outros sóis, em outras galáxias em movimento. E no espaço sideral, talvez infinito, saímos de uma noção de mundo circunscrita à nossa existência e passamos a ter uma noção de um universo mais amplo, mais vasto e complexo, que se espalha pelo espaço sob os influxos da colossal explosão inicial que a Física chama de Big Bang.

Há quem diga que algumas das luzes dessa explosão, após uma viagem no tempo/espaço, estejam sendo vistas por nós, habitantes da Terra, somente agora.



■ Big Bang

www.bibelleite.org



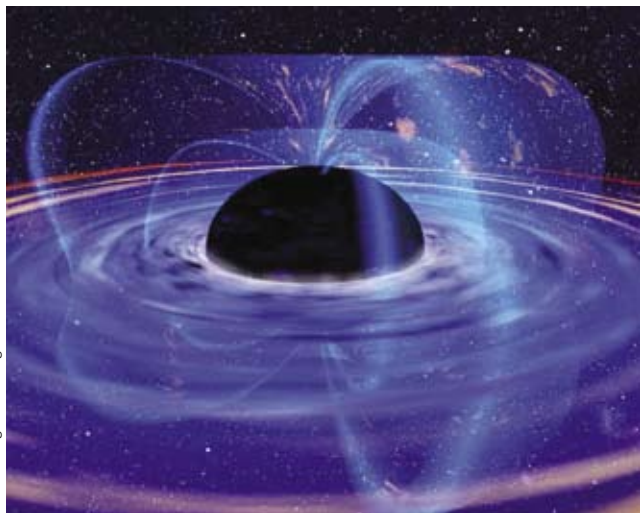
ATIVIDADE

A propósito, há no livro didático de Filosofia um capítulo que talvez possa ajudá-lo a entender melhor essa transformação: “Do Mito à Filosofia”.

Também o livro chamado *O Mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder, que está na biblioteca da escola, traz interessantes conhecimentos a respeito desta transformação, do ponto de vista da filosofia.

- Leia os capítulos referentes ao Renascimento e ao Barroco e anote em seu caderno um resumo da visão do universo a partir de Newton. Seu pensamento se enquadra dentro da mitologia ou da ciência? Quais princípios, segundo ele, explicariam a universalidade dos fenômenos? O que prende a lua na órbita da Terra e a Terra na órbita do Sol?

Na esteira dessas teorizações da Física, chegou-se ao conceito de ‘buraco negro’. Imagine um corpo celeste muito, muito grande, um corpo de grande massa. Esse corpo seria um atrator potencial de corpos com massa menor que a sua, e mesmo de corpos sem massa, que se precipitariam em sua direção. E cada um deles, ao cair, integraria a sua massa naquele gigante que o atraiu. A massa desse corpo atrator seria continuamente aumentada, potencializando, cada vez mais, o seu poder de atração. Isso, indefinidamente, até o ponto em que esse gigante atingisse uma massa tal que, através de uma força gravitacional incomensurável, começasse a atrair para dentro de si as suas próprias beiradas. O gigante começaria a encolher... a gravidade a aumentar mais e mais... quanto mais corpos celestes se precipitassem em sua direção, maior seria a sua massa e menor o seu tamanho.



■ Buraco Negro

Esses corpos existem e com uma gravidade tão grande que nem a luz pode escapar de sua força de atração, daí o nome de buraco negro.

No livro didático de Física, há um Folhas, intitulado Gravitação, que traz informações mais detalhadas sobre os buracos negros. O desenho a seguir é uma representação, feita pela Nasa, de um buraco negro.

O termo *buraco* não tem o sentido usual, mas traduz a propriedade de que os eventos em seu interior não são vistos por observadores externos. E essa característica acentua a carga de mistério que ronda esse assunto.

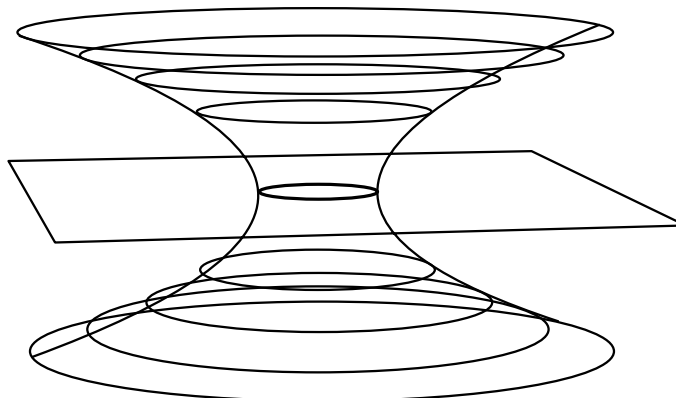
Bem, vocês podem se perguntar, e o que isso tem a ver com viagens no tempo? Nós ainda não chegamos a essa possibilidade, mas a ciência tem seus caminhos... Leia o texto que segue, a respeito de uma extensão do buraco negro:

Uma das muitas hipóteses da Física que causam perplexidade é a do Buraco de Verme.

A especulação científica sobre o buraco de verme foi proposta por Albert Einstein e Nathan Rosen em 1935, como uma extensão do conceito de buracos negros. A teoria básica é que uma série de pontos, que mudam constantemente de posição, conectam diferentes partes do Universo permitindo viagens de um lugar do espaço-tempo para outro sem as limitações comuns do espaço. Uma maneira de idealizá-lo é pensar no espaço como um interminável queijo suíço dotados de contínuos buracos formados com túneis que se interconectam. A tese estabelece a possibilidade de uma viagem para fora da nossa região local de espaço-tempo para outra região do mesmo universo. Ou ainda uma possível conexão que pode existir entre o nosso universo e um outro universo. Essa conexão é chamada de ponte Einstein-Rose.

■ <http://www.geocities.com/pinetjx/11.htm>

Há um desenho que esquematiza o buraco de verme:





ATIVIDADE

“E a coisa mais bela que o homem pode experimentar é o mistério. É esta a emoção fundamental que está na raiz de toda ciência e arte. O homem que desconhece esse encanto, incapaz de sentir admiração e estupefação, esse já está, por assim dizer, morto, e tem os olhos extintos. (...)”

Einstein

- Se você tivesse a chance de passar agora por um buraco desses, para que tempo gostaria de viajar? Por quê?
- E se você fosse parar em um outro universo, como ele seria?

Selecione uma das perguntas acima e utilize a força do seu conhecimento e da sua imaginação para produzir um texto que esboce uma resposta.

Se os buracos de verme permitem viagens no tempo, é coisa que ainda não podemos afirmar – ficamos na dependência dos físicos, nas especulações científicas. Mas que há um modo de viajar no tempo, inclusive para outros universos, isso não se pode negar.

Acompanhe, a seguir, algumas dessas viagens:



www.oraculartree.com

1ª VIAGEM

CANÇÃO DE MUITO LONGE

Foi-por-cau-sa-do-bar-quei-ro

E todas as noites, sob o velho céu arqueado
de bugigangas,

A mesma canção jubilosa se erguia.

Acanooovirou

Quem fez elavirar? Uma voz perguntava.

Os luares extáticos...

A noite parada...

Foi por causa do barqueiro,
Que não soube remar.

Mário Quintana



■ Givan. Crianças na ciranda, s/d. Arte Naif, 24x34 cm. Galeria Jacques Ardies, São Paulo.

www.ardies.com



ATIVIDADE

- Com relação à viagem no tempo, compare o primeiro verso com o penúltimo. Que significado pode-se atribuir às diferenças entre eles?
- Que outros versos têm a mesma intenção do primeiro verso?
- Que sentido podemos atribuir à expressão “velho céu arqueado de bugigangas”?
- Distribua os versos do poema de Mário Quintana no esquema do Buraco de verme, de acordo com a passagem de um tempo ao outro, marcando o ponto de mudança de uma realidade à outra.

A ilustração do Buraco de verme se encontra na página 202.

2ª VIAGEM

CANTIGA DE RECORDAR

Doce lembrança orvalhada
De madrugadas antigas.

Fumaça de chaminé
subindo na manhã fria.

Florescida malva-rosa
debruçada no jardim.

Uma revoada de sonhos
na vida que amanhecia.

Cantiga de recordar...
Ai que saudade de mim!

Helena Kolody



ATIVIDADE

- Por que os poetas utilizaram as palavras “canção” e “cantiga” nos títulos dos poemas?
- Em Cantiga de recordar, descreva, em prosa, o cenário para onde a saudade levou a poeta.
- Com o mesmo procedimento utilizado no poema de Mário Quintana, distribua, no buraco de verme, presente na página 203, o poema de Helena Kolody.

3ª VIAGEM

Entro na vida ao entrar na história.

“O discurso histórico [...] objetiva trazer o passado ao presente. Revive ou ressuscita o passado, procurando restaurá-lo através das marcas que ele deixou. Mas essa restauração do passado será feita através de um discurso realizado no presente, por um homem do presente. O discurso histórico será a imbricação do discurso do passado, do acontecido, com o discurso do presente, de quem relata.

Nesse sentido, a história vai caminhar imbricando em seu discurso tanto o esclarecimento de sua própria atividade produtiva como a sua inserção no conjunto e na sucessão de produções principalmente históricas, mas também não históricas, das quais ela própria é um efeito.” (BACCEGA, 2003, p. 88)

O discurso literário também se alimenta de outros discursos, literários ou não, já que todos se utilizam da matéria-prima palavra, cuja verdadeira substância é o fenômeno social da interação verbal, quando se estabelece um verdadeiro diálogo entre os discursos. Você viu este diálogo nos poemas de Quintana e de Helena Kolody. Do ponto de vista da História da Literatura, no entanto, talvez não se devesse falar de uma restauração do passado, mas de uma ressurgência do passado no ato da leitura. Por exemplo, a ação do descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral é um fato histórico do passado e não ocorreu senão naquele 21 de abril de 1500; já a **Carta do Achamento do Brasil** é um texto do passado que se atualiza a cada leitura.



ATIVIDADE

- Relate um fato de sua vida, entrelaçando discursos que marcaram o seu passado e que, de alguma forma, se refletem no seu presente.

4ª VIAGEM

TELECO, O COELHINHO

– Moço, me dá um cigarro?

A voz era sumida, quase um sussurro. Permaneci na mesma posição em que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas lembranças.

O importuno pedinte insistia:

– Moço, oh! Moço! Moço, me dá um cigarro?

Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei:

– Vai embora, moleque, senão chamo a polícia.

– Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor, saia da minha frente, que eu também gosto de ver o mar.

Exasperou-me a insolência de quem assim me tratava e virei-me, disposto a escorraçá-lo com um pontapé. Fui desarmado, entretanto. Diante de mim estava um coelhinho cinzento, a me interpelar delicadamente:

– Você não dá é porque não tem, não é, moço?

O seu jeito polido de dizer as coisas comoveu-me. Dei-lhe o cigarro e afastei-me para o lado, a fim de que melhor ele visse o oceano. Não fez nenhum gesto de agradecimento, mas já então conversávamos como velhos amigos. Ou, para ser mais exato, somente o coelhinho falava. Contava-me acontecimentos extraordinários, aventuras tamanhas que o supus com mais idade do que realmente aparentava.

Ao fim da tarde, indaguei onde ele morava. Disse não ter morada certa. A rua era seu pouso habitual. Foi nesse momento que reparei nos seus olhos. Olhos mansos e tristes. Deles me apiei e convidei-o a residir comigo. A casa era grande e morava sozinho – acrescentei.

A explicação não o convenceu. Exigiu-me que revelasse minhas reais intenções:

– Por acaso, o senhor gosta de carne de coelho?

Não esperou pela resposta:

– Se gosta, pode procurar outro, porque a versatilidade é o meu fraco.

Dizendo isto, transformou-se numa girafa.

– À noite – prosseguiu – serei cobra ou pombo. Não lhe importará a companhia de alguém tão instável?

Respondi-lhe que não e fomos morar juntos.

Chamava-se Teleco.

[...]

■ (Murilo Rubião)



ATIVIDADE

- Procure, na biblioteca da escola, o livro de Murilo Rubião, *O Pirotécnico Zacarias*, leia integralmente o conto *Teleco, o coelhinho* e analise:
- Que elementos estabelecem o universo da realidade fantástica?
- Qual é a realidade concreta espelhada por esse universo fantástico?
- Produza um texto narrativo em que uma realidade fantástica espelhe uma realidade concreta.

5ª Viagem



ATIVIDADE

- Leia a epígrafe do livro que está na biblioteca da sua escola chamado Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis.
- Responda: que diferença há entre buraco de verme e buraco do verme?
- Como o capítulo sete desse livro pode se relacionar com estas viagens sobre as quais estamos falando?

SUGESTÃO

Na literatura brasileira, temos muitos livros de memórias, que constituem viagens no tempo:

- Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis (é claro, não poderia faltar);
- Alegres Memórias de um Cadáver, de Roberto Gomes;
- Quase Memória, de Carlos Heitor Cony;
- Memorial de Maria Moura, de Rachel de Queiroz;
- Memórias de Um Sargento de Milícias, de Manuel Antônio de Almeida;
- O Ateneu, de Raul Pompéia;
- Memórias do Cárcere, de Graciliano Ramos.

Referências Bibliográficas:

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso**: história e literatura. São Paulo: Ática, 2003.

KOLODY, H. **Sinfonia da Vida**. Curitiba: D.E.L./Letraviva, 1997.

MARTIN CLARET. (Coord. Editorial). **O Pensamento vivo de Einstein**. São Paulo: Martin Claret, 1984.

RUBIÃO, M. **O Pirotecnico Zacarias**. São Paulo: Ática, 1974, p.21-22.

QUINTANA, M. Canção de muito longe. In: **80 anos de poesia**. 4 ed. São Paulo: Globo, 1995.



ESTRATÉGIAS DE MANIFESTAR OPINIÃO

■ Rosana Guandalin¹



Leitura



Escrita



Oralidade

Que país deve controlar o mar subterrâneo que é o Aquífero Guarani? Por quê?

Se o cão é uivante

A lua vira

Quarto-minguante.

(Millôr Fernandes)

■ Aquífero Guarani: reserva de preocupação

Muitos conflitos têm acontecido ao longo da história da humanidade devido a disputas de poder e domínio sobre territórios, rotas comerciais, sobre regiões produtivas (agrícolas, minerais), conquistas espaciais. Segundo especialistas, o conflito do futuro será pelo domínio da água potável do planeta. A questão da água já é fonte de discórdia entre países como Israel e Palestina.

Menos de 1% da água doce disponível no mundo provém de fontes renováveis. Uma parte considerável dessa porcentagem está sob os pés de brasileiros, argentinos, uruguaios e paraguaios. Na região que engloba o centro-sul do Brasil, o nordeste argentino, o Uruguai e o Paraguai, localiza-se o Aquífero Guarani, um gigantesco manancial de bilhões de litros de águas subterrâneas ainda pouco aproveitado. Ainda não se sabe com exatidão quanto desses recursos pode ser explorado e de que forma, mas já há polêmica em relação ao assunto. Ambientalistas preocupam-se com a sustentabilidade do aquífero e com a soberania em relação a ele, enquanto os recursos já estão sendo utilizados nos quatro países.

■ <http://www.uniagua.org.br/website/default.asp?tp=3&pag=aquifero.htm#aquifero2>

Essa preocupação é justificada pela importância estratégica da água na atualidade. O consumo de água no planeta está aumentando enquanto as fontes estão secando.

Outra preocupação é a presença estrangeira. O Aquífero Guarani localiza-se no Centro-Leste do Continente Sul-Americano, abrangendo uma área próxima de 1,2 milhão de km². Já existe um batalhão do exército dos EUA na fronteira entre o Brasil, Argentina e Paraguai, que faz fotos do Aquífero atualizadas a cada minuto, o que lhes permite saber mais a respeito do Aquífero do que os países sob os quais ele se encontra. A área de distribuição do Aquífero se estende por quatro países:

Brasil: 840 mil km²,
Argentina: 225 mil km²
Paraguai: 71,7 mil km²
Uruguai: 58,5 mil km²

No Brasil ocorre em 8 Estados:
Mato Grosso do Sul: 213,2 mil km²
Rio Grande do Sul: 157,6 mil km²
São Paulo: 155,8 mil km²
Paraná: 131,3 mil km²
Goiás: 55 mil km²
Minas Gerais: 51,3 mil km²
Santa Catarina: 49,2 km²
Mato Grosso: 26,4 mil km²

■ <http://www.ambientebrasil.com.br>



■ Aquífero Guarani.
www.cnpma.embrapa.br



ATIVIDADE

Na seqüência, você terá dois comandos para a produção textual. Escolha um deles e mãos à obra.

- Suponha, a partir dessas informações, que se vá decidir, internacionalmente, quem deve exercer o controle sobre o aquífero, e que você foi selecionado para manifestar sua opinião num texto a ser veiculado num jornal. Escreva esse texto.
- Como foi visto no primeiro parágrafo, “segundo especialistas, o conflito do futuro será pelo domínio da água potável do planeta”. Faça um texto expressando sua opinião como resposta à seguinte pergunta: se o homem sabe de um risco futuro de um conflito por causa da água, e não faz nada para evitá-lo, o homem é um animal racional?

■ Estratégias de manifestar opinião

Numa conversa entre amigos, opinando sobre algum assunto da atualidade, como a questão do Aquífero Guarani, por exemplo, ou sobre a presença de bases militares estrangeiras fora de seus países de origem, as pessoas normalmente se portam de maneira muito diferente daquela que adotam quando devem manifestar opiniões por escrito, especialmente se esse texto destinar-se à publicação.



ATIVIDADE

- Que diferenças há entre falar sobre o Aquífero Guarani numa conversa entre amigos e num texto escrito? Essas diferenças acontecem somente quando falamos do Aquífero ou podemos generalizá-las para outros temas?

■ Siga esta tática e evite riscos de “encher lingüiça”:

1. Não deixe suas opiniões se esgotarem logo nas primeiras linhas: deve-se dar uma idéia clara de para onde as coisas estão indo, mas se você disser tudo de uma vez, não terá como continuar.
2. Não fique preso às suas próprias opiniões, mas caminhe com a ajuda de opiniões diferentes. Rebater, criticar, mostrar desconfiança frente a determinadas idéias, diferentes das suas, é mais fácil do que ficar explicando o que já disse.

3. Parta de um detalhe, de uma questão menos importante, do assunto abordado, para chegar aos poucos até o aspecto central que você quer abordar. Isso torna o texto mais concreto, podendo criar um certo suspense no leitor, sem parecer que está enchendo lingüiça. Pois encher lingüiça, num texto argumentativo, é quase sempre inevitável. O importante é você fingir que não está enchendo lingüiça.

■ (Adaptado de Marcelo Coelho. Folha de S. Paulo)



ATIVIDADE

Para avaliar a adequação dos textos produzidos pela turma, troque o texto com um colega e analise-o. Formule um parecer abordando os seguintes aspectos:

- Qual o tema/assunto do texto?
- Identifique os argumentos que o colega utilizou para defender a opinião sobre a gerência do Aquífero.
- Sugira a retirada do que você julgar “encheção de lingüiça”, justificando.

Na verdade, se você parar para pensar, perceberá que o tempo todo estamos emitindo nossas opiniões e pontos de vista sobre os mais variados assuntos, seja em conversa com amigos, com a família, na escola, etc. Também estamos expostos aos textos veiculados pela mídia (escrita e falada), que a título de nos manter atualizados, despejam informações sobre nossas cabeças. As notícias, as resenhas, os artigos, os editoriais dos jornais e revistas, além de apresentarem os fatos, veiculam opiniões e pontos de vista de seus enunciadores (autores, diretores, proprietários) implicitamente, e é preciso estar atento a esses detalhes para podermos formar a nossa opinião e não nos deixarmos ser persuadidos por opiniões alheias. Todo texto tem poder de persuasão, mesmo os textos jornalísticos/opinativos, pois o que se pretende é convencer o leitor da veracidade dos argumentos apresentados, fazer com que acreditemos neles.

■ Como descobrir as estratégias utilizadas nos textos opinativos?

Para entender um texto, uma boa leitura é fundamental. Para falar, opinar sobre alguma coisa, é preciso ser um bom leitor. É através da leitura que você identifica opiniões e argumentos empregados pelo enunciador, e as informações implícitas no texto (algo que está envolvido naquele contexto, mas não é revelado, é deixado subentendido, é apenas sugerido). Já aconteceu de você ler um texto

BUSCA

De tão longe estar
lamento e meu pensamento
corre a te buscar.

(Delores Pires)

ou ouvir uma piadinha e não entender nada? Isso acontece porque, muitas vezes, não lemos as informações implícitas, ou seja, fazemos uma leitura superficial, literal do texto.



ATIVIDADE

Você já deve ter ouvido a expressão “ler nas entrelinhas”. Já parou para pensar no que isso quer dizer? Argumente.

Sobre as entrelinhas, leia o texto abaixo e veja o equívoco que ocorreu, segundo o autor Cláudio de Moura e Castro.

DA ARTE BRASILEIRA DE LER O QUE NÃO ESTÁ ESCRITO

Terminando os poucos anos de escola oferecidos em seu vilarejo nas montanhas do Líbano, o jovem Wadi Haddad foi mandado para Beirute para continuar sua educação. Ao vê-lo ausente de casa por um par de anos, a vizinha aproximou-se cautelosa de sua mãe, jurou sua amizade à família e perguntou se havia algum problema com o rapaz. Se todos os coleguinhos aprenderam a ler, por que ele continuava na escola? Anos depois, Wadi organizou a famosa Conferência de Jontiem, “Educação para Todos”, mas isso é outro assunto.

Para a vizinha libanesa, há os que sabem ler e há os que não sabem. Não lhe ocorre que há níveis diferentes de compreensão. Mas infelizmente temos todos o vício de subestimar as dificuldades na arte de ler, ou, melhor dito, na arte de entender o que foi lido. Saiu da escola, sabe ler.

O ensaio de hoje é sobre cartas que recebi dos leitores de VEJA, algumas generosas, outras iradas. Não tento rebater críticas, pois minhas farpas atingem também cartas elogiosas. Falo da arte da leitura.

É preocupante ver a liberdade com que alguns leitores interpretam os textos. Muitos se rebelam com o que eu não disse (jamais defendi o sistema de saúde americano). Outros comentam opiniões que não expressei e nem tenho (não sou contra a universidade pública ou a pesquisa).

Há os que adivinham as entrelinhas, ignorando as linhas. Indignam-se com o que acham que eu quis dizer, e não com o que eu disse. Alguns decretam que o autor é um horrendo neoliberal e decidem que ele pensa assim ou assado sobre o assunto, mesmo que o texto diga o contrário.

Não generalizo sobre as epístolas recebidas – algumas de lógica modelar. Tampouco é errado ou condenável passar a lições sobre o autor ou sobre as conseqüências do que está dizendo. Mas nada disso pode passar por cima do que está escrito e da sua lógica. Meus ensaios têm colimado assuntos candentes e controvertidos. Sem uma correta participação da opinião pública educada, dificilmente nos encaminharemos para uma solução. Mas a discussão só avança se a lógica não for afogada pela indignação.

(Cláudio de Moura e Castro)



Vale a pena ilustrar esse tipo de leitura com os comentários a um ensaio sobre nosso sistema de saúde (abril de 1997). A essência do ensaio era a inviabilidade econômica e fiscal do sistema preconizado pela Constituição. Lantejoulas e meandros à parte, o ensaio afirmava que a operação de um sistema da saúde gratuito, integral e universal consumiria uma fração do PIB que, de tão alta (até 40%), seria de implantação inverossímil.

Ninguém é obrigado a aceitar essa afirmativa. Mas a lógica impõe quais são as possibilidades de discordar. Para destruir os argumentos, ou se mostra que é viável gastar 40% do PIB com saúde ou é necessário demonstrar que as contas que fiz com André Medici estão erradas. Números equivocados, erros de conta, hipóteses falsas, há muitas fontes possíveis de erro. Mas a lógica do ensaio faz com que só se possa rebatê-lo nos seus próprios termos, isto é, nas contas.

Curiosamente, grande parte das cartas recebidas passou por cima desse imperativo lógico. Fui xingado de malvado e desalmado por uns. Outros fuzilaram o que inferem ser minha ideologia. Os que gostaram crucificaram as autoridades por negar aos necessitados acesso à saúde (igualmente equivocados, pois o ensaio critica as regras e não as inevitáveis conseqüências de sua aplicação).

Meus comentaristas escrevem corretamente, não pecam contra a ortografia, as crases aparecem assiduamente e a sintaxe não é imolada. Contudo, alguns não sabem ler. Sua imaginação criativa não se detém sobre a lógica aborrecida do texto. É a vitória da semiótica sobre a semântica.

■ (Veja, 8 de outubro, 1997, p.142)



ATIVIDADE

- Qual é o tema do texto?
- O que teria motivado a escrita desse texto?
- Qual é a crítica implícita no texto?
- Que intenções há no texto e que estratégias foram utilizadas para alcançá-las?
- "É preocupante ver a liberdade com que alguns leitores interpretam os textos." Qual a relação dessa frase com o tema tratado no texto?
- Que sentido você atribui à frase que dá título ao texto: "Da arte brasileira de ler o que não está escrito"?

Nos meios de comunicação, escrita, como jornais e revistas, encontramos textos específicos para manifestar opiniões. Quando nos deparamos com esses textos, já sabemos que vamos encontrar opiniões.



ATIVIDADE

- Pesquise, em jornais e revistas, textos escritos que possam ser caracterizados como opinativos.
- Em parceria com um colega, leia um dos textos que vocês selecionaram e analise-o, procurando identificar o tema tratado no texto, o ponto de vista veiculado e os argumentos selecionados para a defesa da opinião apresentada.

Mas há, também, textos que fogem do modelo tipicamente opinativo e que fazem um trabalho interessante com a linguagem e com a forma. Rompendo com formatos pré-estabelecidos, utilizam-se de estruturas completamente diferentes daquelas consagradas para aquele tipo de texto (opinativo).

Leia e analise os textos abaixo:

Receita de Governo

Comida, educação, trabalho, saúde, arte, todo dia, toda hora, de graça, em todos os lugares. Mais educação, livro, música, teatro em todos os lugares, mais comida, mais trabalho, dança de graça, arte, mais cinemas e teatros, museu, mais escolas, livro e comida, tudo de graça, todo dia, em todos os lugares. Social, social, social. E, se sobrar alguns centavos, paguem parte da dívida externa.

■ (Sérgio Andreoli. Carta de leitor: Caros Amigos, ano VIII nº 85/04/2004)



ATIVIDADE

- O texto foge do modelo tradicional de um texto argumentativo. É possível perceber a opinião do enunciador? Qual foi a estratégia empregada nesse texto para expressar um ponto de vista sobre o tema abordado?
- Qual o texto base empregado para criar um novo sentido, expressando opinião?
- Que elementos desse texto base você precisa acionar para atribuir sentido ao texto "Receita de Governo"?



ATIVIDADE

- Qual o sentido do "...AH!" no último quadrinho?
- Qual é a opinião implícita da personagem a respeito da política e dos políticos?
- Quais são os indícios que podem permitir essa interpretação por parte do leitor?
- E você, o que pensa sobre o assunto?

Leia este outro texto e analise que estratégia específica o autor utilizou para defender uma opinião.

FILME DA CAMPANHA DO AGASALHO ACENTUA APARTHEID

O apartheid social brasileiro está no ar e não em imagens de telejornal. O comercial da campanha do agasalho, promovida pelo Fundo Social de Solidariedade do Estado, reforça sob as boas intenções a distância que os abastados procuram manter dos miseráveis. Distância, anote-se, que ultrapassa os limites da prudência.

No filme, um menino de classe média vai pela calçada, acompanhado da mãe, quando depara com um garoto pobre, sujo e tiritando de frio. O carente aparece em preto e branco a acentuar sua lastimável condição. Os dois se olham por breve instante e é só. Na cena seguinte, o primeiro aparece em seu quarto. Sua atenção é despertada para um barulho que vem da rua. Ele corre até a janela e espia o que acontece lá embaixo, na frente do seu prédio.

Trata-se de uma minipasseata em prol da campanha do agasalho, composta por jovens saudáveis e ricos. Em contribuição, o menino joga pela janela um moletom vermelho. A imagem final mostra o garoto pobre do início, vestido com o agasalho atirado pelo menino. Antes em preto e branco, agora o pequeno miserável é apresentado com todas as cores. Cores da felicidade, que não bateu à sua porta, mas despencou do alto.

É o caso de verificar que tipo de solidariedade e caridade o comercial vende. Ou melhor, é caso de perguntar se o filme realmente retrata um ato solidário, caridoso. Tudo leva a crer que não, ao contrário do que imaginam seus criadores e patrocinadores.

Solidariedade ou caridade implicam vínculo. Somos solidários quando tomamos como nossas causas alheias as dificuldades de um concidadão. Somos caridosos quando, ao imaginar a dor do próximo, oferecemos conforto, calor. Nada disso está no filme. Não existe contato algum entre os dois garotos. Eles não estão, não são próximos em nenhum momento. Ao jogar seu moletom pela janela, o menino de classe média parece fazê-lo apenas como forma de integração com seus iguais.



A pobreza de um não “contamina” a riqueza do outro. A distância higiênica é mantida, a consciência dos bem-nascidos é apaziguada. O calor da fibra sintética substitui o calor humano. E tudo podia ser tão simples, bastava um gesto. Mas esse gesto não existe mais.

■ (SABINO, Mário. O Estado de S. Paulo, 8 jun. 1994.)



ATIVIDADE

- O que se manifesta no título? Que expectativa o título possibilita?
- Analise a posição do autor no primeiro parágrafo.
- Qual a intenção do segundo e terceiro parágrafos?
- No quarto e quinto parágrafos, que discussão é proposta?
- O último parágrafo conclui o texto. A que outro parágrafo este se refere, especificamente?
- Qual o modelo de sociedade que produz a situação veiculada no texto?

As imagens também são recursos de comunicação eficazes para emitir opiniões. Um bom exemplo disso são as tirinhas, as charges dos jornais e as obras de arte.

Ao ALCAnce



<http://www.andes.org.br/imprensa/charges>



ATIVIDADE

- O que representa a figura satirizada?
- Que leitura você faz dessa imagem?
- Qual a importância do título para a leitura / interpretação desse texto?
- Procure um texto opinativo escrito que fuja ao modelo padrão e um texto opinativo que trabalhe com imagens. Verifique, nesses textos, que recursos foram empregados para expressar opiniões, pontos de vista. Analise as estratégias e avalie a eficácia do texto de acordo com a intenção que ele tem.

O texto de opinião é fundamentalmente um texto persuasivo, uma vez que a intenção é convencer o leitor/outro da veracidade de nossas opiniões, que são demonstradas através dos argumentos selecionados.

Sempre que produzimos um texto, seja ele verbal ou visual, estamos, na verdade, emitindo pontos de vista e desejamos convencer os nossos interlocutores a concordarem e aceitarem a nossa opinião. Por isso, os argumentos são tão importantes, pois são eles que tornarão plausível ou não a crítica que fazemos.

Os textos que circulam nos veículos de comunicação nem sempre apresentam opiniões e pontos de vista de maneira explícita, clara, direta. As estratégias de convencimento são muito criativas e sutis, e podem, por vezes, nos enganar, não nos permitindo ver claramente o que está por trás do discurso. Assim, é preciso estar atento para perceber as ideologias implícitas por detrás das palavras, evitando que nos tornemos vítimas de manipulações.



ATIVIDADE

Para finalizar, retome o texto produzido no início das atividades e avalie sua produção, analisando as “táticas” empregadas para a construção da argumentação na defesa de sua opinião sobre a administração do Aquífero Guarani:

- O que faltou ?
- O que precisa ser melhorado? Como?
- Que partes podem ser descartadas?
- O que pode ser acrescentado para dar maior qualidade à sua produção?
- As observações de seu colega contribuíram para melhorar o seu texto?

Referências Bibliográficas:

CASTRO, C. M. Da Arte Brasileira de ler o que não está escrito. **Revista Veja**. 08 out. 2007. p. 142.

SABINO, M. Filme de Campanha do Agasalho acentua Apartheid. **O Estado de São Paulo**. 05 Jun. 1994

Obras consultadas *ONLINE*

Aquífero Guarani. Disponível em: <www.ambientebrasil.com.br> Acesso em: 05 de nov. 2005

BORGES, R. Ao ALCAnce. in: Disponível em: <<http://www.andes.org.br/impressao/charges/default.asp>> Acesso em: 10 nov. 2005

Disponível em: <www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/obrasCompl.asp?notacao=2744&ind=25&NomeRS=rsObras&Modo=c> Acesso em: 02 dez. 2005



QUEM CONTA UM CONTO...

■ Rosa Elena Bueno¹



Leitura



Escrita



Oralidade



ocê é um bom detetive?

■ Entrevista (Rubem Fonseca)

M – Dona Gisa me mandou aqui. Posso entrar?

H – Entra e fecha a porta.

M – Está escuro aqui dentro. Onde é que acende a luz?

H – Deixa assim mesmo.

M – Como é o seu nome mesmo?

H – Depois eu digo,

M – Essa é boa!

H – Senta aí.



Tem alguma coisa para beber? Eu estou com vontade de beber. Ah, estou tão cansada!

H – Nesse armário aí tem bebida e copos. Sirva-se.

M – Você não bebe?

H – Não. Como foi que você veio para o Rio?

M – Peguei carona num fusca.

H – São mais de quatro mil quilômetros, você sabia?

M – Demorei muito, mas cheguei. Só tinha a roupa do corpo, mas não poderia perder tempo.

H – Por que você veio?

M – Há, há, há, ai meu Deus! Que coisa... só rindo.

H – Por quê?

M – Você quer saber?

H – Quero?

M – Meu marido. Vivemos quatro anos felizes, felizes até demais. Depois acabou.

H – Como acabou?

M – Por causa de outra mulher. Uma garota que andava com ele. Eu estava grávida. Há, há, só rindo, ou chorando, sei lá...

H – Você estava grávida...

M – No dia 13 de outubro jantávamos no restaurante, quando surgiu essa garota, que ele andava namorando. Meu marido estava bêbado e olhava para ela de maneira debochada, e então ela não agüentou mais e se aproximou de nossa mesa, falou em segredo no ouvido dele e eles se beijaram na boca, como se estivessem sozinhos no mundo. Eu fiquei louca; quando dei conta de mim, estava com um caco de garrafa na mão e tinha arrancado a blusa dela, uma dessas camisas de meia que deixa o busto bem destacado.

H – Sei... Continua.



M – Dei vários golpes com o caco de garrafa no peito dela, com tanta força que saiu um nervo para fora, de dentro do seio. Quando viu aquilo, meu marido me deu um soco na cara, bem em cima do olho; só por um milagre não fiquei cega. Fugi correndo para casa. Ele atrás de mim. Eu gritava por socorro para ver se os meus parentes ouviam, eles moravam perto de mim. Porque eu não sou cão sem dono, ouviu? Ainda ontem eu dizia na casa de dona Gisa, para uma moça, que não posso dizer que seja minha amiga, nesta vida ninguém tem amigo, nós apenas fazemos programas junto, eu dizia para ela, eu estou aqui mas não sou cão sem dono, quem encostar um dedo em mim vai ter que se ver com minha família.

H – Mas agora eles estão lá no norte, muito longe...

M – Parece que estou num teatro, há, há,...

H – Você fugiu gritando por socorro. Continue.

M – Eu me tranquei dentro do quarto, enquanto meu marido quebrava todos os móveis da casa. Depois ele arrombou a porta do quarto e me jogou no chão e foi me arrastando pelo chão enquanto me dava pontapés na barriga. Ficou uma mancha de sangue no chão, do sangue que saiu da minha barriga. Perdi nosso filho.

H – Era um menino?

M – Era.

H – Continue.

M – Meu pai e meus cinco irmãos apareceram na hora em que ele estava chutando a minha barriga e deram tanto nele, mas tanto, que pensei que ele ia ser morto de pancada; só deixaram de bater depois que ele desmaiou e todos cuspiram e urinaram na cara dele.

H – Depois disso você não o viu mais?

M – Uma vez, de longe, no dia em que vim embora. Ele veio me ver de muletas, com as pernas engessadas, parecia um fantasma. Mas eu não falei com ele, saí pela porta dos fundos, eu sabia o que ele ia dizer.

H – O que é que ele ia dizer?

M – Ele ia pedir perdão, pedir para voltar, ia dizer que os homens eram diferentes.

H – Diferentes?

M – É, que podiam ter amantes, que é assim a natureza deles. Eu já tinha ouvido aquela conversa antes, não queria ouvir novamente. Eu queria conhecer outros homens e ser feliz.

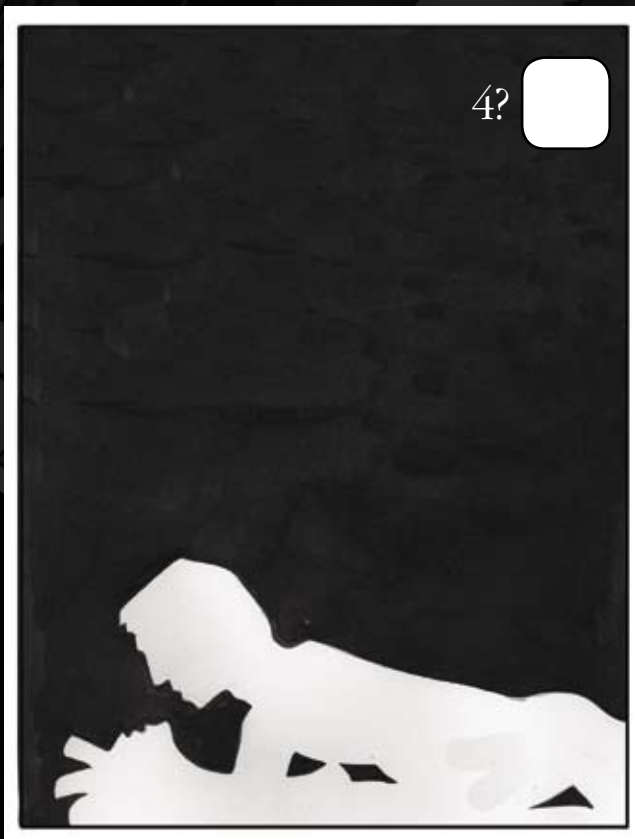
H – E você conheceu outros homens?

M – Muitos e muitos.

H – E é feliz?

M – Sou, você pode não acreditar, levando a vida que eu levo, mas sou feliz.



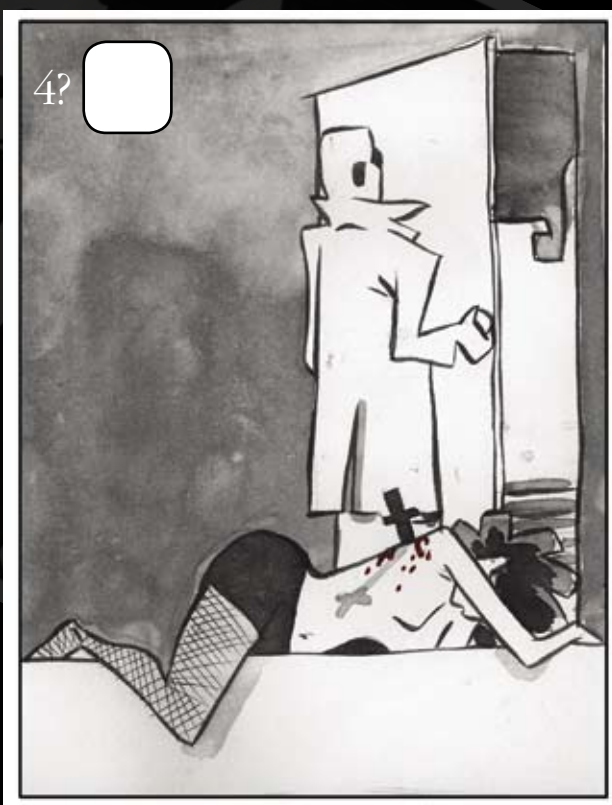


H – E não se lembra mais do seu marido?

M – Lembro dele apoiado nas muletas... Me disseram que ele anda atrás de mim e carrega um punhal para me matar. Posso acender as luzes?

H – Pode. E você não tem medo de ser achada por ele?

M – Já tive, agora não tenho mais... Vamos, que é que você está esperando?





ATIVIDADE

- Seguindo o estilo do autor, narre, em um parágrafo, o desfecho do conto.

Esse é um conto de suspense. O predomínio de uma certa escuridão, ao longo da narrativa, não deixa evidentes algumas ações dos personagens.



ATIVIDADE

- Qual é o efeito de se identificarem os personagens, no texto, apenas pelas letras **H** e **M**?
Criar o suspense é trabalhar com recursos de linguagem para enredar o leitor numa trama, causando-lhe estranheza e despertando sensações.
- Aponte os recursos utilizados nesse conto de Rubem Fonseca.
- Busque uma definição de conto e analise “Entrevista” à luz dessa definição.
- Qual o efeito do uso de reticências nesse conto?

A trama que envolve o leitor acaba por provocar expectativas. Leia o poema de Antônio Gedeão, poeta português:

Lição sobre a água

Este líquido é água.
Quando pura
É inodora, insípida e incolor.
Reduzida a vapor,
Sob tensão e a alta temperatura,
Move os êmbolos das máquinas, que, por isso,
Se denominam máquinas de vapor.

É um bom dissolvente.
Embora com exceções mas de um modo geral,
Dissolve tudo bem, ácidos, bases e sais.
Congela a zero graus centesimais
E ferve a 100, quando a pressão normal.
[...]



ATIVIDADE

- Justifique o título e escreva a estrofe final, com quatro versos.
- Que expectativa é gerada pelo título e pelas primeiras estrofes?
- Identifique os conceitos mencionados nas duas primeiras estrofes e a ciência que trabalha com esses conceitos.
- A que exceções refere-se o segundo verso da segunda estrofe?

No texto Procurando firme, outras estratégias de quebra de expectativa são utilizadas.

PROCURANDO FIRME

- Esta é uma história de um príncipe e de uma princesa.
- Outra história de príncipe e princesa? Puxa vida! Não há quem agüente mais essas histórias! Dá um tempo!
- Espera um pouco, ô! Você não sabe ainda como a história é.
- Ah, isso eu sei! Aposto que tem castelo!
- Ah, tem, castelo tem.
- E tem rei e rainha.
- Ah, rei e rainha também tem.
- Vai me dizer que não tem dragão!
- Bom, pra falar a verdade tem dragão!
- Puxa vida! E você vem dizer que não é uma daquelas histórias chatíssimas, que a princesa fica a vida inteira esperando o príncipe encantado?
- Ah, vá, deixa eu contar. Depois você vê se gosta. Que coisa! Desde que o Osvaldinho inventou essa de “não li e não gostei” você pegou a mesma mania...
- Então tá! Conta logo, vai!

“Era uma vez um castelo, com rei, rainha, príncipe, princesa, muralha, fosso em volta, ponte levadiça e um terrível dragão na frente da porta do castelo, que não deixava ninguém sair.”

– Mas como não deixava?

– Sei lá. A verdade é que ele parecia muito perigoso.

“E cada pessoa via um perigo no dragão.

Uns reparavam que ele tinha unhas compridas, outros reparavam que ele tinha dentes pontudos, um tinha visto que ele tinha um rabo enorme, com a ponta toda cheia de espi-

nhos... tinha gente que achava que ele era verde, outros achavam que era amarelo, roxo, cor-de-burro-quando-foge... E saía fogo do nariz dele. Saía, sim! Por isso ninguém se atrevia a cruzar o pátio para sair de dentro das muralhas.”

“Mas o príncipe, desde pequeno, estava sendo treinado para sair um dia do castelo e correr mundo, como todo príncipe que se preza faz.

Ele tinha professor de tudo: professor de esgrima, que ensinava o príncipe a usar a espada; professor de berro...”

– Professor de berro? Essa eu nunca ouvi!

– Ouviu sim. Nos filmes de Kung Fu, ou nas aulas de Karatê, os caras dão sempre uns berros, que é pra assustar o adversário.

“Tinha aula de berro. Tinha aula de corrida, que era para atravessar bem depressa o pátio e chegar logo no muro... tinha aula de alpinismo, que é a arte de subir nas montanhas e que ele praticava nas paredes do castelo; tinha aula de tudo quanto é língua, tudo era para quando ele saísse do castelo e fosse correr mundo pudesse falar com as pessoas e entender o que elas diziam...Tinha aula de andar a cavalo, de dar pontapés...Tinha aula de natação, que era para atravessar o fosso quando chagasse a hora, tinha aula do uso de cotovelo...”

– Ah, essa não! Você está inventando tudo isso. Nunca ouvi falar no uso do cotovelo!

– Pois o príncipe tinha aula. Ensinavam pra ele esticar o braço dobrado, com cotovelo bem espetado e cutucar quem ficasse na frente.

“E tinha aula de cuspir no olho... e ele até esfregava o joelho no chão, que é para o joelho ficar bem grosso e não machucar muito quando ele caísse. E ele aprendia a não chorar toda hora, que às vezes chorar é bom, mas chorar demais pode ser uma bruta perda de tempo. E quem tem que fugir de dragão, espetar dragão, enganar dragão, não tem tempo para ficar choramingando pelos cantos.”



www.xtec.es/~aguiu1/cataix/058castells.htm

“Enquanto isso, a princesinha, irmã do príncipe, que era linda como os amores e tinha os olhos mais azuis que o azul do céu, e tinha os cabelos mais dourados do que as espigas do campo e que tinha a pele branca como as nuvens nos dias de inverno [...]”

■ (Ruth Rocha)



ATIVIDADE

- “Procure firme” e dê continuidade à história...
- O que caracteriza este texto como conto de fadas? E o que o torna diferente?
- Qual é o tempo verbal característico dos contos de fadas? Qual o sentido do uso desse tempo verbal?
- No trecho que você leu, quem são os interlocutores nos diálogos que acontecem no conto?

Mais um conto, que vai gerar outras expectativas:

HISTÓRIA DE PASSARINHO

(...)

“Era uma vez uma mocinha muito bonita, que morava num lugar chamado Copacabana. Era uma mocinha muito prendada e com muito jeito para as coisas. Estudiosa e obediente. (...)

Todos elogiavam a beleza da mocinha. Ela tinha cara bonita, olhos bonitos, pele bonita, corpo bonito, pernas bonitas, figura bonita. Era toda bonita. Apesar disso, não era feliz a mocinha. Ela sonhava com uma coisa desde pequena – queria entrar para o teatro. Sua mãe sempre dizia que não valia a pena, que ela podia ser feliz de outra maneira, mas não adiantava. O sonho da mocinha bonita era entrar para o teatro. (...)

Um dia, a mocinha estava muito triste, porque não conseguia ver realizado o seu ideal, quando um passarinho chegou perto dela e perguntou:

– Por que é que você está triste, mocinha? Você é tão bonita. Não devia ser triste.

– Eu estou triste porque quero entrar para o teatro e não consigo – respondeu a mocinha.

O passarinho riu muito e disse que, se fosse só por isso, não precisava ficar triste. Ele havia de dar um jeito. E de fato, no dia seguinte, passou voando pela janela do quarto da mocinha e deixou cair um bilhete que trazia no bico. Era um bilhete que dizia: “Fila 4, Poltrona 16”.

A mocinha foi e num instante conheceu o empresário do teatro que, ao vê-la, se entusiasmou com sua beleza. Foi logo contratada e, já nos primeiros ensaios, todos elogiavam seu desembaraço. Ela ensaiou muito, mas não contou nada pra mãe dela. Somente na noite de estréia é que, antes de sair, chegou perto da mãe e contou tudo. A mãe ficou triste ao ver a filha partir para o estelato, mas ela estava tão feliz que não a quis contrariar.

E foi bom porque a sua filha fez sucesso. (...) todo mundo aplaudiu. Ela voltou para casa contentíssima e, quando ia metendo a chave no portão, ouviu uma voz dizer:

– Meus parabéns. Você é um sucesso.

Aí ela olhou pro lado espantada e viu o passarinho que a ajudara, pousado numa grade. Ela notou que o passarinho dissera aquilo em tom amargo e quis saber:

– Passarinho, você agora é que está triste. Por quê?

Foi aí que o passarinho explicou que não era passarinho não. Era um príncipe encantado, que uma fada má transformara em passarinho.

– Oh, coitadinho! – exclamou a mocinha que acabara de estreitar com tanto sucesso. – O que é que eu posso fazer por você?

O passarinho então contou o resto do encantamento. A fada má fizera aquilo com ele só de maldade. Para ele voltar a ser príncipe outra vez, era preciso que uma mocinha bonita e feliz o levasse para sua casa e o colocasse embaixo do travesseiro. No dia seguinte, o encanto findava.

– Mas eu sou uma mocinha feliz. E foi você mesmo, passarinho, que disse que eu era bonita. Você e todo mundo.

E dizendo isso, apanhou o passarinho e entrou em casa com ele. Ajeitou-o bem, debaixo do travesseiro e, cansada que estava das emoções do dia, adormeceu.

No outro dia de manhã [...]

■ Stanislaw Ponte Preta



ATIVIDADE

- Após a leitura do texto, reúnam-se em grupos e, oralmente, elaborem um desfecho para o conto. Um dos integrantes do grupo deverá contar este final para a turma.
- Analisem as diferenças entre os desfechos criados. Discutam o porquê dessas diferenças.
- Esse conto também dialoga com os contos de fadas. Indique as pistas do texto que indicam essa relação.
- Na descrição da mocinha, onde há o rompimento com o conto de fadas tradicional? Explique este rompimento
- Conforme vimos discutindo até aqui, há várias estratégias, nos textos, para conseguir prender a atenção. Identifique, em “Procurando Firme” e “História de Passarinho”, as estratégias utilizadas para provocar o leitor.

Os textos lidos até agora relacionaram-se, de uma forma ou de outra, ao comportamento feminino. Leia, agora, um texto diferente:

PRECONCEITO E EVOLUÇÃO

Quando Lawrence Summers, o presidente de Harvard, fez seu famoso discurso em janeiro sobre a sub-representação das mulheres nos departamentos de ciência e engenharia, ele expressou de maneira enfática a idéia de que essa desigualdade persistente se baseia em diferenças inatas.

http://www.go.dlr.de/wtr/dv/ig/ficons/funef/ocdd4.gif



Diz-se que Summers tirou suas idéias de um capítulo do livro muito aplaudido de Steven Pinker, “The Blank Slate” [A lista em branco]. Nesse livro, Pinker usa uma miscelânea de observações sobre a cultura atual e alegações sobre os efeitos dos genes e hormônios para afirmar que os homens e as mulheres são programados de modo muito diferente para fazer coisas muito diferentes na vida.

Infelizmente para Pinker, enquanto suas observações sobre as muitas diferenças no comportamento de homens

e mulheres na cultura atual são verdadeiras – as mulheres prestam mais atenção no choro de seus bebês e os homens são melhores em atirar coisas –, ele precisa ser muito seletivo com as evidências para ligar essas muitas diferenças à atividade de genes e hormônios, e não à criação e às expectativas sociais.

Pinker afirma que as diferenças intelectuais entre homens e mulheres são tais que “o fato de um número maior de homens que de mulheres ter capacidades excepcionais em raciocínio matemático e manipulação mental de objetos em três dimensões é suficiente para explicar que não haja uma proporção equivalente de ambos os sexos entre engenheiros, físicos, químicos e professores de alguns ramos da matemática”.

O que realmente irritou os cientistas dessa área foi que, embora Summers não tenha levado em conta os fatores sociais que podem atrapalhar as mulheres, existe um grande volume de pesquisa que mostra os efeitos negativos persistentes da socialização e dos estereótipos no desempenho das mulheres em muitos campos.

Mas em toda parte encontra-se a mesma insistência de que a cultura que nos cerca se baseia no comportamento de nossos genes, nas estruturas evoluídas de nossos cérebros e na influência de nossos hormônios.

■ (Adaptado de Natasha Walter. Especial para a Revista Prospect. Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/prospect/2005/07/01/ult2678u21.jhtm>. Acesso em: 25 maio 2006.)



ATIVIDADE

- Em que a leitura que você fez deste texto foi diferente da leitura dos textos anteriores?
- Qual é o estereótipo, feminino e masculino, presente em cada um dos contos: Entrevista, Procurando Firme e História de Passarinho?
- Como Summers e Pinker explicam as “diferenças inatas”?
- Qual é o argumento utilizado pela autora para contrapor-se às idéias de Summers e Pinker?

**BLĀ, BLĀ,
BLĀ, BLĀ...**



VOCÊ É UM CHATO?

■ Suely Marcolino Peres¹



*P*elo sim ou pelo não,
argumente!

Pelos caminhos que ando
um dia vai ser

só não sei quando

(Paulo Leminski)

O veludo

Tem um perfume

Mudo.

(Millôr Fernandes)

■ Teste para reconhecer-se um chato

Só existem dois meios de identificar o chato: 1- pela fama, conceito, reputação; 2 - pela experiência própria. O chato não permite reconhecimento pelo biótipo, estrutura física ou fâcies lombrosiano.

A notoriedade não obriga a qualquer esforço de reconhecimento. O nome e a fisionomia já pertencem ao nosso universo conhecido. A simples menção do nome e o simples aparecimento da fisionomia nos põem em alarma e inútil sobreaviso.

Dentro das condições estabelecidas na definição, chega-se a um postulado (não se esqueça de procurar o significado desta palavra) importante: todo chato é bonzinho. Não o fosse, não teria tempo de ser chato. Há uma exceção: o chato agressivo, que é o desesperado de ser bonzinho ou que deseja converter-nos, por coação física, à sua bondade. Ou destruir fisicamente nossa maldade. Mas bonzinho ou agressivo, o chato ataca sempre por um ângulo que julga ser o da afetividade. O chato, bonzinho ou agressivo, imagina-se amigo. E, por piedade, inércia, temor ou burrice, nós, às vezes, o deixamos nessa ilusão.

Na classificação geral dos bonzinhos, encontramos os seguintes:

1. CATALÍTICOS: também chamados *subliminares*. Os que agem por ação de presença, sem falar, sem mover-se mesmo, emitindo apenas ondas de partículas imponderáveis que nenhum computador, a não ser a própria vítima, consegue captar.
2. LOGOTÉCNICOS: subdivididos em diversas espécies: *pronominais*, *proparoxítonos*, *filoxenos* (atacados de filoxenia, isto é, o acendrado amor à palavra, citações e expressões estrangeiras), os *trocadilhistas*, os *charadistas*, os *cefaloclastas* (amantes de quebra-cabeça), os *sideropígijs* (CDF).

■ Adaptado de: Figueiredo, Guilherme. Tratado geral dos chatos. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.



www.bbc.co.uk

■ Quebra-cabeça – chatos LOGOTÉCNICOS.

3. **HAMLETIANOS**: atacados de idéia fixa, mas indecisos no comportamento para alcançar o fim que almejam. Pertencem a esta categoria os desastrados, respingadores de molho, derrubadores de jarra e os tropeçadores de tapete. Matam involuntariamente Polonius, levam Ofélia à loucura, assassinam amigos e a própria mãe, tudo “por bem”.

Felicidade

Helena Kolody

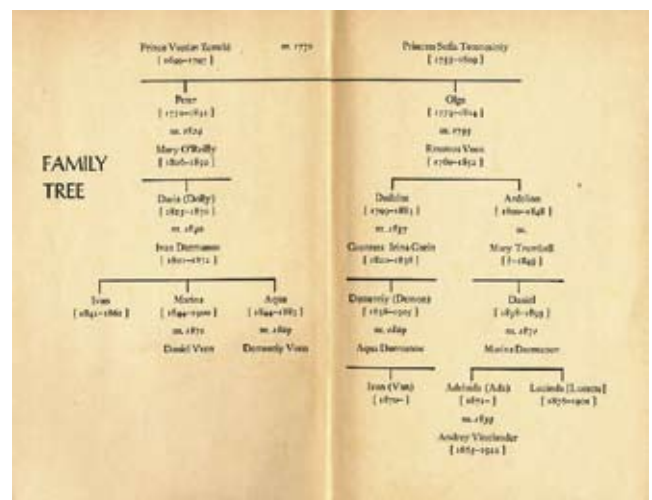
Os olhos do amado
Esqueceram-se nos teus,
Perdidos em sonho.



academart.com/nedzvetckaya.htm

■ Hamlet e Ofélia – chatos HAMLETIANOS.

4. **PIROTÉCNICOS**: nessa categoria estão os que dão e cobram parabéns, os contadores de anedotas manjadas que festejam com a melhor gargalhada, os oradores de festa e os que fazem gracinhas, primeiros-de-abril, os conhecidos “sujeitos gozados”.
5. **VIVISSECTÓLOGOS**: que nos cortam a carne viva com o bisturi das palavras. Eles cultivam a digressão; suas narrativas são cheias de afluentes, subafluentes, árvores genealógicas, retificações cronológicas.



■ Árvore Genealógica – chatos VIVISSECTÓLOGOS.

www.libraries.psu.edu/nabokov

6. TARTUFOCLOCLOS: (da personagem de Molière (Tartufo) e da personagem Clo-Clo, de Jean de la lune de Marcel Achard) são os que se instalam em casa alheia, os parentes do interior, os que chegam sem prevenir (ectoplásmicos), os que mexem na geladeira (self-serviçais). Há um subtipo: os esparadrápicos ou aglutinantes, também chamados “empatas”, de que o tipo mais comum é o que anda de copo na mão, servindo-se de mesa em mesa.
7. CATEQUÉTICOS: o nome o diz, procuram converter-nos a qualquer coisa: religião, política, bridge, Flamengo, ioga, sauna, Roberto Carlos, maconha. A sua chatice não se dirige a uma só pessoa, mas a todos quantos não estejam convertidos ao seu proselitismo.
8. POSTULANTES: os que têm sempre um pedido a fazer. Os postulantes em dose máxima são os curios, os que realmente conseguem tudo à força de pedir.

Há ainda outros tipos de chatos bonzinhos:

Os OFERTANTES, os CONFIDENCIAIS, os DOM-JUANESCOS...



ATIVIDADE

- Uma lista de chatos nunca está completa. Defina os chatos dos três tipos acima e acrescente mais dois à lista.

■ Formação de palavras

Na linguagem científica e técnica muitas vezes se recorre ao uso de palavras formadas por prefixos, sufixos ou radicais de origem grega e latina. O sentido dessas palavras é esclarecido pelo contexto, mas em certas situações pode ser necessário conhecer esses elementos.

ELEMENTO (PREFIXO, SUFIXO OU RADICAL)	SENTIDO	EXEMPLO
al (plural ais)	noção de coletivo	areal, pombal
agon		Luta
ano	origem, característica	sergipano, atleticano
ante	anterioridade	antebraço, antepor
cata	de cima para baixo	catálise,
céfalo	cabeça	Acéfalo
alasta	que quebra	Iconoclasta
Dom Juan	personagem conquistador	don-juanismo

ecto	fora, exterior	Ectoparasito
esco	referência, qualidade	Quixotesco
etil	em química indica um grupo que contém etila (álcool)	etílico, destilado
filia	amizade	Filosofia
Hamlet	personagem de Shakespeare	Hamletiano
ico	participação, referência	geométrico, melancólico
ista	Partidário, ocupação	realista, dentista
logia	discurso, tratado, ciência	Arqueologia
logo	que fala ou trata	Diálogo
meta	mudança, transcendência	Metalinguagem
morfo	que tem a forma	Polimorfo
pigídium	parte traseira, anca	Pigídio
piro	fogo	Piromaníaco
secto	separado, segmentado	Bissecto
sidero	ferro	Siderurgia
sofia	sabedoria	Filosofia
xeno	estrangeiro	Xenofobia



ATIVIDADE

A partir destas observações, analise o sentido dos nomes que classificam nossa lista de chatos: **catalíticos** (subliminares); **logotécnicos** (pronominais, proparoxítonos, filoxenos trocadilhistas, charadistas, cefaloclastas); **hamletianos** (não se esqueçam de pesquisar quem são Polonius e Ofélia); **pirotécnicos**, **vissectólogos**, **tartufocloclos** (ectoplasmicos, esparadrápicos, quem seriam Tartufo e Clo-Clo?); catequéticos (o que é proselitismo?) e **postulantes**. Observe como a formação ou escolha daquelas palavras faz parte do contexto que dá significado a elas.

Os chatos agressivos

Os chatos mencionados, embora se chamem *bonzinhos*, contêm sempre uma dose de agressividade, a de sua própria natureza de chatos. Os agressivos puros levam o assalto físico além da simples presença, do atracar pelo cotovelo ou pela lapela, do barrar na rua até que o paciente perca a condução, do obrigá-lo a sentar-se para ouvir e do uso de outros pequenos recursos contra o corpo humano que não chegam a ser mencionados no *Código Penal* como agressão. Quando muito, não vão além da figura do “cárcere privado”, como, por exemplo, os anfitriões de *weekend*. O chato que nos gruda o braço não violou propriamente a lei penal; quando muito transgrediu

o artigo da Constituição Federal, no que estabelece que somos livres de ir e vir.

Os agressivos são polêmicos ou *etilometamórficos*. Os primeiros se identificam imediatamente pelas expressões “Nada disto!”, “Cê é besta”, “Uma ova!”, “Sai daí...”, com que preparam a agressão. Às vezes, a ação não passa de argumentos em contradição, silêncio de irônica superioridade, riso zombeteiro, ou mesmo apartes. São polêmicos não no sentido helênico da palavra, no sentido de luta; mais propriamente deveriam se chamar *agonistas*, disputadores de torneio, provocadores de agonia.



ATIVIDADE

- Defina, agora, os chatos etilometamórficos, os polêmicos e os agonistas, a partir do significado das palavras, como você já fez anteriormente.

Os *etilometamórficos* começam a agressividade após certa dose de álcool, ou como se a tivessem bebido. No primeiro estágio da embriaguês efetiva, permanecem bonzinhos, ficam tristes, fazem confidências, dormem ou tornam-se eufóricos. Mas o álcool ou o calor da controvérsia produz, às vezes, uma exaltação de confiança, de promessa de empreendimentos de planos, de que o indivíduo sai para outro estágio perigoso, a ressaca. Ou para a agressividade total, o quebra-quebra.

■ Exercícios de classificação dos chatos:

Na vida real, os tipos de chato não se apresentam em estado de absoluta pureza. O indivíduo chato, salvo honrosas exceções, é uma mescla. Só a observação acurada do chato poderá permitir a sua análise completa, determinados os componentes elementares. Dado o caso concreto, o classificador tem que atentar para todas as particularidades do analisado. Qualquer pessoa poderá, mediante engenho e experiência, elaborar outros esquemas, o que é mesmo aconselhável, como exercício espiritual contra a chatice e simpática vingança contra a chateação alheia.

Analisando suficientemente o indivíduo, alistam-se um a um seus componentes puros, assim:

Fulano de tal – pirotécnico com vestígios de vivissectólogo, mal-dançante axilar, na infância, provavelmente curió.

Fulana de tal – logotécnica, com dose considerável de catequética e tendências a etilometamórfica, na infância, pirotécnica.

NOTURNO

Juro, nunca vi
uma estrela assim tão bela,
semelhante a ti!

(Delores Pires)



ATIVIDADE

- Narre duas cenas, uma para a Fulana de Tal e outra para o Fulano de Tal.
- Classifique o chato presente no soneto Sete anos de pastor, de Camões.

Sete anos de pastor Jacob servia
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;
 Mas não servia ao pai, servia a ela,
 E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
 Passava, contentando-se com vê-la;
 Porém o pai, usando de cautela,
 Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

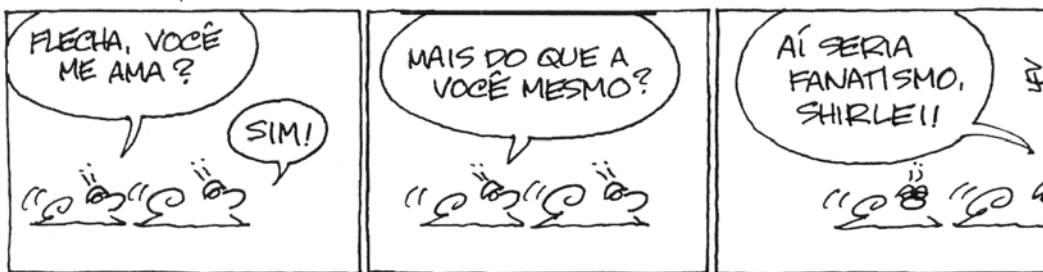
Vendo o triste pastor que com enganos
 Lhe fora assim negada a sua pastora,
 Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,
 Dizendo: – Mais servira, se não fora
 Para tão longo amor tão curta a vida!

- Agora faça o mesmo com o poema “O caso do vestido”, de Carlos Drummond de Andrade, do livro Antologia poética, que está na biblioteca de sua escola.

Uma análise de caso: qual dos dois é mais chato?

AS COBRAS/Luis Fernando Verissimo



O Estado de S. Paulo. 16/4/94.



ATIVIDADE

- Classifique os chatos presentes nessa tira e analise o grau de chateação que um pode provocar no outro.

■ O amor não precisa ser chato

A bem da verdade, apenas o amor platônico pode ser classificado de amor chato. Traços de outras chateações podem ser desenvolvidos pelos enamorados, mesmo assim o envolvimento emocional causado por uma paixão pode livrar o sujeito de sua chatice por um breve momento. Muitas vezes, porém, os dois pombinhos podem se tornar uma única massa de chatice. Contra a chatice e o lugar-comum do amor, há as tiradas cômicas ou a relativização do próprio amor.



ATIVIDADE

Escreva um texto analisando em que grau de (des)chateação se encontra o eu-lírico do poema abaixo, do poeta paranaense Paulo Leminski:

Merda e Ouro

Merda é veneno.
 No entanto, não há nada que seja mais bonito
 Que uma bela cagada
 Cagam ricos, cagam padres,
 Cagam reis e cagam fadas
 Não há merda que se compare
 À bosta da pessoa amada.

■ O amor é uma chateação?

Esse caso intriga os estudiosos da chatologia (estudo da chateação). Recorremos mais uma vez ao Tratado geral dos chatos, de Guilherme Figueiredo, que define o que é chatear-se:

“A sensação de “estar sendo chateado” (que, aceita pela vítima, leva ao estado de “chatisfação”) provém de um cerceamento da liberdade, com o concomitante desejo de escapar à causa da chateação. Quanto mais a causa da chateação atua contra o livre arbítrio, a capacidade de ir e vir, a possibilidade de fazer ou deixar de fazer, de estar presente ou ausentar-se, de dizer ou calar, mais intensa é a sensação. O perigo não reside unicamente no enleamento provocado pelo chato, mas uma possibilidade de domesticação do paciente. [...] Há esposos que jamais pensam em separar-se, homens que jamais deixam o emprego, crianças que nunca abandonam o lar, cães que só saem com os donos. A dependência de um chato torna o paciente, também, um chato passivo e solidário com a chateação do próximo.” (FIGUEIREDO, s/d)

Compare esse trecho com as primeiras linhas de uma definição do conceito de paixão do filósofo francês Gérard Lebrun, que viveu no Brasil:

“Lemos nos Novos ensaios de Leibniz: “Prefiro dizer que as paixões não são contentamentos ou desprazeres nem opiniões, mas tendências, ou antes, modificação da tendência, que vêm da opinião ou do sentimento, e que são acompanhadas de prazer ou desprazer”. Esta definição da paixão está em conformidade com nossos hábitos de espírito. Paixão, para nós, é sinônimo de tendência – e mesmo de uma tendência bastante forte e duradoura para dominar a vida mental. Ora, é digno de nota que esse significado da palavra paixão traga em sua franja o sentido etimológico de passividade (paschein, pathos), sentido lembrado por Descartes no começo do Tratado das paixões: “Tudo o que se faz ou acontece de novo é geralmente chamado, pelos filósofos, de paixão relativamente ao sujeito a quem isso acontece, e de ação relativamente àquele que faz com que aconteça.” (LEBRUN, 1987)



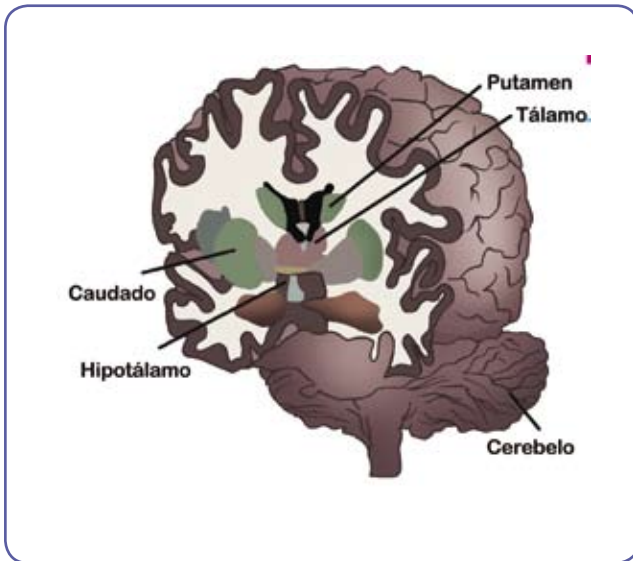
ATIVIDADE

- Sim ou não? O amor é uma chateação? Escreva um texto provando seu posicionamento, leve em conta os argumentos filosóficos apresentados.

■ O amor no cérebro

O cérebro constitui um universo extremamente complexo e apenas recentes inovações tecnológicas permitem, ainda com elevado grau de incerteza, saber como se processam as sensações amorosas.

Com o auxílio de métodos de diagnóstico por imagens, como a tomografia nuclear ou a tomografia por emissão de pósitrons, cientistas identificaram quatro pequenas regiões cerebrais que apresentaram intensa atividade em sujeitos apaixonados. Essas regiões localizam-se espelhadas nas duas metades do cérebro no chamado sistema límbico, que controla as emoções em geral. Vários estados de euforia ativam as quatro regiões e, inclusive, o uso de drogas, que, no entanto, afeta



indiscriminadamente essas e outras extensas áreas do cérebro. Essas zonas também distinguem o amor da pura excitação sexual. O desejo sexual estimula regiões do hipotálamo, que não é ativado no caso do amor não-erótico. Ao mesmo tempo, o amor sensual parece ativar o núcleo caudado e o putâmen, regiões onde estão dois de nossos módulos de amor. Talvez eles tragam o elemento erótico para o amor romântico.

É surpreendente que regiões tão pequenas do cérebro provoquem uma sensação tão poderosa e inspiradora como o amor. Estudos anatômicos mostraram que as pequenas regiões do amor estão ligadas a, praticamente, todas as

outras regiões do cérebro. Porém, essas ligações são utilizadas de modo sempre diverso por cada um de nós. Seria esse o fato responsável por tornar o amor único.

■ Adaptado de BARTELS, Andréas; ZEKI, Semir. *Imagens de um cérebro apaixonado*. In: **Viver mente e cérebro** n. 141. Outubro, 2004, p. 58-59.

Veja o que a ciência diz sobre cérebro e amor:

Faz muito tempo que sabemos que as emoções têm uma base química, mas ninguém se preocupou muito em analisar a base química do amor.



O fato é que ao se perceber uma estimulação sexual há uma verdadeira pirotecnia química.

Os neurotransmissores levam a mensagem erótica e vão despertando toda uma cadeia de substâncias químicas.

Na fase de atração e enamoramento, é a feniletilamina que orchestra a secreção de substâncias como a dopamina, uma anfetamina cerebral que produz desassossego. Todo apaixonado está nas nuvens, e sem saber, em nuvens carregadas de feniletilamina e dopamina.

Dos neurotransmissores, é a dopamina a que guarda a maior relação com a emoção amorosa. Quando um indivíduo está enamorado, o nível de dopamina cerebral está muito alto e, quanto mais intensa é a paixão, mais alto será o nível de dopamina.

A euforia, a insônia, a perda de apetite, o pensamento obsessivo de quem ama estão diretamente relacionados com os níveis de dopamina.

O desejo sexual é incentivado pela dopamina e inibido pela prolactina, que é o hormônio responsável pela produção do leite. Provavelmente, no plano da natureza, é conveniente que as mães completem o desmame de seus filhos antes de conceberem outro. E embora a prolactina não interfira nos orgasmos da mulher que amamenta, nada melhor para evitar uma gravidez do que reduzir o desejo sexual.

A dopamina também, de alguma forma, está relacionada com as endorfinas, que são morfina naturais fabricadas pelo cérebro. Elas são as drogas do prazer, seja ele o prazer sexual, seja o prazer da emoção amorosa. Quando uma pessoa sente orgasmo, as endorfinas, por assim dizer, explodem na cabeça dela.

Há vários tipos de endorfinas, sendo a beta-endorfina a mais conhecida e de maior eficiência eufórica.

Quando estamos apaixonados, o cérebro produz um determinado tipo de endorfina que dá origem àquela sensação que todos nós conhecemos.

■ (Ricardo Cavalcanti: Flores e Chocolate - uma introdução à biologia do Amor.) Fonte: http://www.cesex.org.br/tema_clinica.htm



ATIVIDADE

- Os sofrimentos do amor, amar como um louco, amar até a insanidade. O vínculo entre o amor e a loucura teria algum fundamento neurobiológico ou seria apenas um mito?
- Com base nesse texto, argumente de que forma essas informações se articulam com a idéia de amor eterno, cara-metade, homem/mulher da minha vida.

Referências Bibliográficas:

BARTELS, A.; ZEKI, S. Imagens de um cérebro apaixonado. In: **Viver mente e cérebro**. Nº 141, p. 58-59, Out./ 2004.

FIGUEIREDO, G. **Tratado geral dos chatos**. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.

LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: CARDOSO, Sérgio (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 17.

LEMINSKI, P. **Distraídos Venceremos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

VERÍSSIMO, L. F. As cobras. **O Estado de São Paulo**. Caderno H, 16 abril 1994.

Obras consultadas ONLINE

CAVALCANTE, R. **Flores e Chocolate - Uma introdução à biologia do amor**. Disponível em: <http://www.cesex.org.br/tema_clinica.htm> Acesso em: 02 fev. 2006



LINGUAGEM CIENTÍFICA E LINGUAGEM COTIDIANA - MANEIRAS DE DIZER

■ Maria de Fátima Navarro Lins Paul¹



A Terra tem solução?

Jornada

Helena Kolody

Tão longa a jornada.

E a gente cai, de repente,

No abismo do nada.

Como a maioria interpretou o termo “solução”?

Quais foram as respostas mais recorrentes? A que se deve essa recorrência?

Há outras possibilidades. Leia a tira a seguir:



ATIVIDADE

- Explique o desfecho da situação.

Mas... você poderá estar se perguntando: o que isso tudo tem a ver com um texto que deveria ser da disciplina de Língua Portuguesa? Claro que tem! Falar das maneiras de dizer as coisas é falar do uso da língua materna que, em nosso caso, é a Língua Portuguesa.

Assim, voltemos à pergunta inicial: A Terra tem solução?



ATIVIDADE

- Escreva uma nova resposta para essa pergunta e compare com as respostas da turma, para ver se há novas recorrências.

Pense numa resposta para essa mesma pergunta, após a leitura do texto transcrito a seguir:

*Na crosta da Terra, além da crosta, existem oceanos, lagos e rios, que, com a água retida em fendas e fissuras do solo e das rochas próximas à superfície, constituem a **hidrosfera**.*

Apesar de ocupar dois terços da superfície terrestre, a hidrosfera representa apenas 0,025% da massa total da Terra. A água é, sem dúvida, o recurso da hidrosfera mais importante para o homem. Mas os oceanos, que ocupam 70,8% da superfície do planeta, com profundidade média de 4 quilômetros, constituem importante fonte de recursos vitais. Eles atuam como coletores de muitos materiais dissolvidos dos continentes que, através do tempo,

deram origem a uma imensa solução com 3,5% em peso de sólidos dissolvidos. Essa solução é homogênea, o que torna a composição dos oceanos praticamente constante. Sódio e cloro, os dois elementos que constituem o sal de cozinha (NaCl), são os mais abundantes e, com o magnésio, enxofre, cálcio e potássio, constituem 99,5% da massa total dos sólidos dissolvidos no mar.

■ (Machado, A. H. & Mortimer, E. F., 2003)

E então, qual é a solução da Terra?

A resposta, aqui, seria outra, não é mesmo? Precisamos buscá-la e reelaborá-la em textos com uma linguagem diferente daquela que usamos, cotidianamente, em nossa vida. Temos que buscar essa resposta em um espaço onde se constitui uma linguagem específica: a linguagem científica.

Teríamos, assim, que pensar *solução* como algo que diz respeito a um conhecimento científico, especificamente.



ATIVIDADE

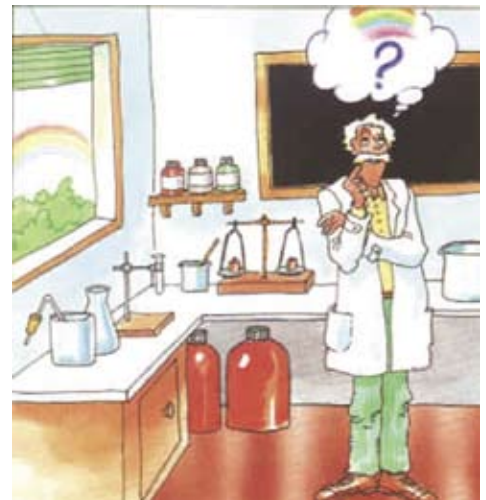
- De que ciência estamos falando, no caso da solução do planeta Terra? Que marcas, presentes no fragmento do texto citado, identificam esta ciência?

É bastante freqüente as pessoas, especialmente os alunos, reclamarem da dificuldade que sentem na leitura de textos científicos. Por que será que isso acontece?

Em primeiro lugar, porque temos dificuldade maior com enunciados, com textos que não fazem parte de nosso fazer rotineiro, dos nossos diálogos cotidianos.

Depois, porque a linguagem científica tem certas particularidades, sobre as quais podemos refletir. A primeira delas é que o enunciado se concretiza num determinado campo da atividade humana, ou seja, é uma linguagem que vai se constituindo quando pessoas estão interagindo numa determinada atividade que, neste caso, chamamos de Química.

Veja o exemplo a seguir, citado pelos mesmos autores do fragmento acima:



www.feiradeciencia.com.br

Ao nos referirmos ao modo como o aumento de temperatura afeta a dissolução de açúcar em água no nosso cotidiano, normalmente falamos: quando colocamos açúcar em água e aquecemos, conseguimos dissolver uma maior quantidade do que em água fria. Na linguagem científica, expressaríamos este mesmo fato de uma forma diferente: o aumento da temperatura provoca um aumento da solubilidade do açúcar. (Machado, A. H. & Mortimer, E. F., 2003)

meiodia três cores
eu disse vento
e caíram todas as flores
(Paulo Leminski)

Os dois autores citados, da disciplina de Química, dizem que, na linguagem cotidiana, os eventos são narrados da seguinte forma: normalmente há um agente (sujeito), que faz algo; os verbos indicam ações efetuadas por esse sujeito e os fatos são apresentados numa sequência temporal. Vejamos o que acontece com o fenômeno da dissolução do açúcar, quando o narramos em linguagem cotidiana: nós (o agente ou sujeito) *primeiro colocamos açúcar na água, depois aquecemos, e finalmente observamos que, na água quente, a quantidade de açúcar dissolvido pode ser maior do que quando o processo acontece com água fria.*

Na linguagem científica, o agente/sujeito desaparece e em vez de usarmos verbos que indicam ações, damos nomes aos processos que vão acontecendo. Isto de dar nomes, chamamos nominalização. Vejamos o mesmo fato da dissolução do açúcar dito em linguagem científica:

- **O aumento de temperatura** (quando colocamos o açúcar em água e aquecemos)
- **provoca** (o verbo, aqui, mostra uma relação)
- **o aumento da solubilidade do açúcar** (conseguimos dissolver uma maior quantidade de açúcar)

Observe, agora, outro exemplo, de outra ciência, de outro campo de atividade humana:



ATIVIDADE

Para falar da eficiência da panela de pressão, responda:

- O que acontece quando colocamos no fogo uma panela qualquer com água?
- E se a panela for de pressão?
- Descreva o processo de cozimento de alimentos na panela de pressão.
- Elabore o conceito.
- E nesse último processo, de que ciência estamos falando? Justifique sua resposta.
- O que acontece na linguagem científica para que tenhamos, às vezes, dificuldades para compreender o que lemos?



<http://www.cbim.al.gov.br>

Vamos continuar a reflexão considerando que todo texto, ou todo enunciado, é produzido num momento histórico, em determinadas circunstâncias, com determinadas intenções e, para fazer sentido, é preciso que nós o associemos à sua origem, isto é, associá-lo às suas condições de produção, ao campo de atividades em que este texto ou

enunciado foi produzido. É por isso que, às vezes, nós até reconhecemos as palavras de um texto, mas como não sabemos o que está por trás delas, temos dificuldade para compreender o texto. E é assim mesmo, quanto maior for o grau de “especialização” de um texto, maior poderá ser a dificuldade de compreensão para o leitor que desconhece a “atividade humana” onde aquele texto se originou.

Parece difícil compreender? Veja só um exemplo: imagine a dificuldade para um pai ou mãe de 40 ou 50 anos, de vida pacata e interiorana, compreenderem um texto divulgado numa revista especializada de surf ou de skate. Ou a dificuldade que você mesmo pode ter na leitura do texto de uma complexa receita culinária.

Retornando ao texto científico, há alguns detalhes interessantes para analisarmos.

Podemos dizer que a linguagem cotidiana é ponto de partida para a linguagem científica. Com a linguagem cotidiana nós queremos narrar os fatos, dizer, explicar como vemos o mundo. É a linguagem da nossa vida, do nosso dia-a-dia, das nossas experiências. A linguagem científica quer descrever os fatos na forma de conceitos, leis, princípios. Não importa quem coloque açúcar na água quente ou fria, ou quem esteja cozinhando na panela de pressão, nem quando isto acontece. Importa que existe um grau de solubilidade para o açúcar e que o ponto de ebulição varia com a pressão. Estes conceitos valem no Brasil, na China e no interior do deserto do Saara, ou seja, universalmente.

Concluindo: as palavras e as frases que conhecemos, bem como a prática de textos que adquirimos, aprendemos nas relações concretas entre as inúmeras situações que vivenciamos. O texto científico pede leitores que tenham uma certa familiaridade com as condições de produção do texto, com o campo de atividades onde o texto se originou.

Os enunciados, os textos, são produzidos em situações de interação. Leia o que diz o Dicionário Houaiss (2001, p.1632) da Língua Portuguesa:

Interação: [...] 3. Atividade ou trabalho compartilhado, em que existem trocas e influências recíprocas.[...]

Em nossa vida cotidiana, é fácil perceber como nossa língua vai se constituindo na interação. Mas pense: um cientista, por exemplo, dentro de um laboratório, ou mesmo você, dentro de seu quarto, estudando, lendo um texto, ou agora, na sala de aula, lendo este texto, estão interagindo.

CENTENÁRIO

Sementes de luz...

Girassóis sonham Van Gogh
em sua homenagem.

(Delores Pires)



ATIVIDADE

- Como acontece essa interação?
- A seguir, leia um texto que brinca com as diferenças entre a linguagem científica e a linguagem cotidiana. Observe e comente os ambientes de interação sugeridos pelo texto.

Como simplificar um texto científico

[...]

Texto original

O dissacarídeo de fórmula $C_{12}H_{22}O_{11}$, obtido através da fervura e da evaporação de H_2O do líquido resultante da prensagem do caule da graminea *Saccharus officinarum*, Linneu, isento de qualquer outro tipo de processamento suplementar que elimine suas impurezas, quando apresentado sob a forma geométrica de sólidos de reduzidas dimensões e arestas retilíneas, configurando pirâmides truncadas de base oblonga e pequena altura, uma vez submetido a um toque no órgão do paladar de quem se disponha a um teste organoléptico, impressiona favoravelmente as papilas gustativas, sugerindo a impressão sensorial equivalente provocada pelo mesmo dissacarídeo em estado bruto que ocorre no líquido nutritivo de alta viscosidade, produzindo nos órgãos especiais existentes na *Apis mellifica*, Linneu.

No entanto, é possível comprovar experimentalmente que esse dissacarídeo, no estado físico-químico descrito e apresentado sob aquela forma geométrica, apresenta considerável resistência a modificar apreciavelmente suas dimensões quando submetido a tensões mecânicas de compressão ao longo do seu eixo em consequência da pequena deformidade que lhe é peculiar.

Agora, leia o texto “trabalhado”:

Primeiro Estágio

A sacarose extraída da cana de açúcar, que ainda não tenha passado pelo processo de purificação e refino, apresentando-se sob a forma de pequenos sólidos tronco-piramidais de base retangular, impressiona agradavelmente ao paladar, lembrando a sensação provocada pela mesma sacarose produzida pelas abelhas em um peculiar líquido espesso e nutritivo.

Entretanto, não altera suas dimensões lineares ou suas proporções quando submetida a uma tensão axial em consequência da aplicação de compressões equivalentes e opostas.

Segundo Estágio

O açúcar, quando ainda não submetido à refinação e, apresentando-se em blocos sólidos de pequenas dimensões e forma tronco-piramidal, tem o sabor deleitável da secreção alimentar das abelhas, todavia não muda suas proporções quando sujeito a compressão.

Terceiro Estágio

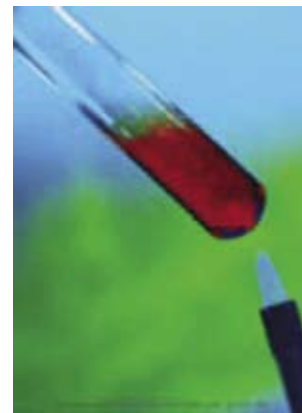
Açúcar não refinado, sob a forma de pequenos blocos, tem o sabor agradável do mel. Porém não muda de forma quando pressionado.

Quarto Estágio

Açúcar mascavo em tijolinhos tem o sabor adocicado, mas não é macio ou flexível.

Quinto Estágio

Rapadura é doce, mas não é mole.



■ Brincando com a linguagem erudita



ATIVIDADE

Teste seus conhecimentos: descubra a que provérbio cada proposta se refere:

1. A substância inodora e incolor que já se foi não é mais capaz de comunicar movimento ou ação ao engenho especial para triturar cereais.
2. Aquele que se deixa prender sentimentalmente por criatura inteiramente destituída de dotes físicos, de encanto, ou graça, acha-a extraordinariamente dotada desses mesmos dotes que outros não lhe vêem.
3. De unidade de cereal em unidade de cereal, a ave de crista carnuda e asas curtas e largas, da família das galináceas, abarrotava a bolsa que existe nesta espécie por uma dilatação do esôfago e na qual os alimentos permanecem algum tempo antes de passarem à moela.
4. Quando o sol está abaixo do horizonte, a totalidade dos animais domésticos da família dos Felídeos são de cor mescla entre branco e preto.
5. A criatura canonizada que vive em nosso próprio lar não é capaz de produzir feito extraordinário que vá contra as leis fundamentais da natureza.

FILOSOFAR É PRECISO!

As frases abaixo são máximas do filósofo alemão Immanuel Kant. Reescreva as três máximas de Kant em linguagem cotidiana.

1. Age como se a máxima de tua ação devesse ser erigida por tua vontade em lei universal da Natureza;
2. Age de tal maneira que trates a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de outrem, sempre como um fim e nunca como um meio;
3. Age como se a máxima de tua ação devesse servir de lei universal para todos os seres racionais.

■ Referências Bibliográficas:

CASTRO, G. Especialização Temática e Lexical dos Gêneros Textuais e Dificuldades de Leitura. In: **Programa de Educação à Distância**. Curitiba: Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, s/d.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.


MACHADO, A. H.; MORTIMER, E. F. **Assessoria Pedagógica – Química para o ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2003, p14/15.

_____. **Química para o ensino médio**. São Paulo: Scipione, 2003, p.31

■ Documentos consultados *ONLINE*

HOLSEL, B. **Como simplificar um texto científico**. Disponível em: <<http://www.humorciencia.hgp.ig.com.br/laboratorio/simple.htm>> Acesso em: 25 maio 2005.

Imagem do Planeta Terra. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Bolinha_Azul> Acesso em: 25 maio 2005



DAÍ, A SINHA SIMPLIÇA DISSE:
-EU VÔ USÁ DE FRANQUEZA
CUM VANCÊS. A DUENÇA DESTA
CRIANÇA É EMPRESAMENTO E ISTO
NÃO É DUENÇA PRÁ DOTÓRI DA
CIDADE CURÁ.

PRAIA
DA JOAQUINA
2 km

VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA

■ Rosana Guandalin¹



Leitura



Escrita



Oralidade

O que é “empresamento”?

Na poça da rua
O vira-lata
Lambe a lua.

(Millôr Fernandes)

Contando um caso!

“Um certo dia a filhinha de um pescador apareceu com o corpo crivado de manchas roxas, forte diarreia, trazendo as mãos e os pés sempre cruzados.

Seu Diolindo, o pai da criança, após haver dialogado com a mulher, resolveu procurar um doutor da cidade, para saber do que é que a criança estava sofrendo. Aconteceu que a vizinha do casal, a Sinhá Simpliça, chegou na ocasião do diálogo e, como não podia deixar de ser, apresentou o seu palpite clínico bruxólico e comentou:

– Sô Diolindo, vancê me adescurpe, mági eu quero pidi licença sua e da sua muié, prá móde dá o mô parecê neste caso. Prô qui eu sê o senhôri vai gastá o seu tempo e dinheiro prá móde chegá intê na Vila Capitáli prá pidi consurta do dotóri de lá. Ele vai arreceitá rumédo de butica pró móde que ele não tem cunhecimento desta duença que a sua filhia tá sofrendo. Eu vô usá de franqueza cum vancês. A duença desta criança é empresamento e isto não é duença prá dotóri da cidade curá. Só se cura cás palavra que o Nosso Sinhôri insinô quando andô aqui pela terra. Memo ansim é perciso que a pessoa que tenha a virtude de usá as palavra Dele seja munto boa. Se não, não adienta nada. O sinhôri tome um cavalo e vá intê a Freguesia da Lagoa e traga aqui, prá móde curá a sua filhia, a Chica do Mané Pedro Maré Seca. Aquela, sim, como binzidera arrecebeu toda graça do podê das palavra santa da santa binzidura que Deus dexô cá na terra. Vá, sô Diolindo, vá num pre-ca tempo.”

“Seu Diolindo, então, foi buscar a Sinhá Chica. Chegaram no fim da tarde. Sinhá Chica iniciou imediatamente o tratamento, lançando um desafio:

– Ah! Antão estás aí assentada no canto da casa, sua discarada. Cumigo tu não tiras farinha não, sua mula-se-cabeça. Eu, cás minha santa palavra, vô currê cuntigo desta casa prá sempre. Vô te jogá no fundo do mári sagrado, onde o boi preto não berra, nem criança de peito chora.”



ATIVIDADE

- Sinhá Simpliça disse que “rumédo de butica” não serviria para tratar da doença da filhinha do pescador. Para ela, o que salvaria a vida da menina seria um “binzimento”, uma “reza”. Dentre as rezas abaixo, alguma serve para a cura da menina? Explique o porquê.

1. Homem bom, muié má.
Peixe miúdo pro véio ceá.
Esteira véia pro véio deitá.
Oh, meu São Brás, tire esse engasgo,
prá frente ou prá trás.

2. Pela cruz de são Saimão

Que te benzo com a vela benta
Na Sexta-Feira da Paixão

Treze raios tem o sol,
Treze raios tem a lua
Salta demônio para o inferno
Pois esta alma não é tua

Tosca marosca
Rabo de rosca
Aguilhão nos teus pés
E freio na tua boca

Por cima do silvado
São Pedro, São Paulo e São Fontista
Dentro da casa São João Batista

Bruxa tatara bruxa
Tu não me entres nesta casa
Nem nesta comarca toda

Por todos os santos dos santos – Amém.



3. Servindo-se de um retalho de fazenda na cor vermelha e novo, linha vermelha e agulha, põe-se a benzedeira a “cosê-lo”, enquanto pronuncia as seguintes palavras:

- Que eu coso?
 - Carne rasgada, nervo torto (responde o paciente).
 - Assim mesmo eu coso, em nome de Deus e de São Virtuoso;
- Se for carne rasgada, torne a soldar,
Se for nervo rendido, torne a seu lugar.
Terminada a benzedura, aplica-se à região breu com cachaça.



4. Passa, passa cavaleiro

Por cima deste outeiro,
Vai pedir a Nossa Senhora
Que te tire este cisco.
Santa Luzia
Passou por aqui
Com seu cavalinho
Comendo capim.
Pedi pão
lhe disse que não.
Pedi vinho;
lhe disse que sim,
lhe disse que sim.



ATIVIDADE

- Se você acha que esses benzimentos não são adequados, em grupos, crie uma reza para ajudar a Sinhá Chica a curar a criancinha do “empresamento”?
- Pesquise, na sua família e na sua comunidade, se há pessoas que conheçam outras rezas ou fórmulas de benzimento, para esses ou outros males. Traga para organizarem um registro coletivo a ser disponibilizado na biblioteca da escola.

Um dos benzimentos começa com a pergunta: **Que eu coso?**

Pesquisando em um dicionário e/ou em uma Gramática, você encontrará os verbos **coser** e **cozer**. Anote o significado no seu caderno. Essas duas letras s e z mudam completamente o significado das palavras, não é mesmo?



ATIVIDADE

Entre as palavras abaixo, qual seria o significado do verbo coser ?

- a) cozinhar b) curar c) costurar d) benzer

As palavras da Língua Portuguesa que apresentam pronúncia semelhantes, mas significados e grafia diferentes são chamadas **palavras homófonas**, como no caso de **coser** (costurar) e **cozer** (cozinhar).



ATIVIDADE

- De que outros homófonos você é capaz de se lembrar? Relacione-os em seu caderno, depois troque com os colegas para ver quantos e quais eles conseguiram encontrar.

Como você deve ter percebido, nas partes do texto em que aparecem as falas das personagens, há o uso de linguagens diferentes quanto à flexão de modo, tempo e número nos verbos; quanto à concordância nominal (gênero e número) em algumas palavras e, por fim, quanto à colocação dos pronomes.



ATIVIDADE

Observe:

- Veja que há duas formas diferentes de linguagens no texto. Quais são?
- Como você explica essa distinção?
- O que significa a expressão “**prá mode**”, “**pro móde**”?

O texto de Franklin Cascaes apresenta o registro de uma variedade lingüística própria do maior grupo colonizador europeu da Ilha de Santa Catarina – os açorianos, portugueses procedentes do Arquipélago dos Açores, foram os primeiros colonizadores do litoral catarinense. Trata-se, portanto, de um modo de falar que se tornou característico de uma região específica, a partir de uma época determinada e utilizada até hoje por um grupo social também determinado.

A língua varia constantemente, não está pronta e acabada, fechada, a não ser que esteja morta. Ela se transforma em relação ao meio social, ao passar dos tempos, e em relação ao espaço geográfico, onde estão inseridas as comunidades e, por isso, está sempre em mutação.

A forma como falamos, hoje, não é a mesma de alguns séculos atrás, nem será igual à língua falada daqui a algumas décadas.

Essas variações da língua podem ser classificadas como **diatópicas**, **diastráticas** e **diacrônicas**.

Vamos entender melhor o que essas palavras querem dizer, fazendo uma análise morfológica dos termos que as compõem. **Morfologia** é o nome que se dá à parte da gramática que estuda a origem, formação e a significação das palavras.

Observando-as, é possível perceber que todas possuem em comum o elemento “**dia-**” em sua formação, que significa “**através de, por meio de, ao longo de**”.



ATIVIDADE

Vejam

- Dividindo as palavras diastrática, diacrônica e diatópica temos:
do grego: **dia** (através de) + **stratus** (nível, camada, grupo social)
dia + **kronos** (tempo)
dia + **topos** (lugar)
- Analisando a formação destas palavras, qual significado é possível atribuir a elas?

A DAMA DO PÉ DE CABRA

Este dom Diego Lopez era mui booo monteiro, e estando ûu dia em sa armada atendendo quando verria o porco, ouviu cantar muita alta voz ûa molher em cima de ûa pena. E el foi pera la e vio-a seer mui fermosa e mui bem vistida, e namorou-se logo dela mui fortemente, e perguntou-lhe quem era. E ela lhe disse que era ûa molher de muito alto linhagem. E el lhe disse que pois era molher d'alto linhagem que se casaria com ela se ela quisesse, ca ele era senhor daquela terra toda. E ela lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca se santificasse. E ele lho outorgou, e ela foi-se logo com ele. E esta dona era mui fermosa e mui bem feita em todo seu corpo, salvando que havia ûu pee forcado como pee de cabra. E viverom gram tempo, e houverom dous filhos, e ûu houve nome Enheguez Guerra e a outra foi molher e houve nome dona.

E quando comiam de suum dom Diego Lopez e sa molher, asseentava el a par de si o filho, e ela asseentava a par de si a filha da outra parte. E ûu dia, foi ele a seu monte e matou ûu porco mui grande o trouxe-o pera sa casa e pose-o ante si u siia comendo com sa molher e com seus filhos. E lançaram ûu osso da mesa, e veerom a plejar ûu alão e ûa podenga sobr'ele em tal maneira que a podenga travou ao alão em sua garganta e matou-o.

E dom Diego Lopez, quando esto vio, teve-o por milagre, e sinou-se e disse: Santa Maria val, quem vio nunca tal cousa! E sa molher, quando o vio assi sinar, lançou mão na filha e no filho, e dom Diego Lopez travou do filho e nom lho quis leixar filhar. E ela recudio com a filha por ûa freesta do paaço, e foi-se pera as montanhas, em guisa que a nom virom mais, nem a filha.



Alexandre Herculano

O texto traz um registro da Língua Portuguesa bastante distante da forma que usamos hoje. Este conto pertence ao “Livro de Linhagens do Conde D. Pedro de Barcelos” – filho natural/bastardo do rei D. Dinis – e foi escrito, provavelmente, entre 1340 e 1344, em português arcaico, medieval. Mesmo estando escrito em português medieval, é possível compreender que se trata de uma narrativa.

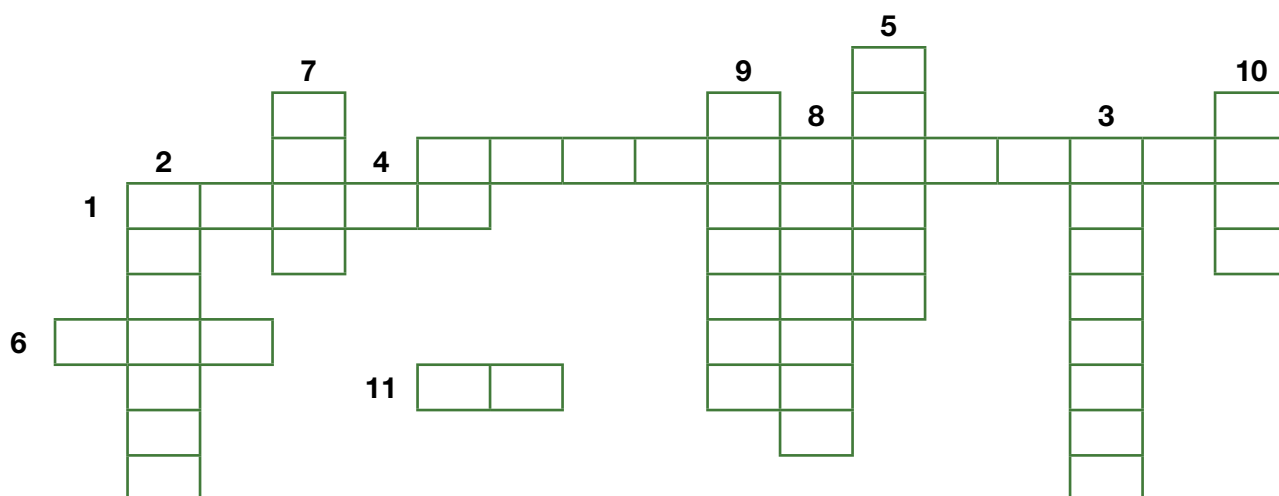


ATIVIDADE

- Para entender melhor o texto, preencha a cruzadinha, pesquisando as palavras no texto.

Palavras Cruzadas

- 1-Palácio (5 letras).
- 2-Cadela de pequeno porte (7 letras).
- 3-Caçada; estar na espera durante uma caçada (2 + 6 letras).
- 4-Benzer-se (12 letras).
- 5-O mesmo que deixar, permitir (6 letras).
- 6-Pé (3 letras).
- 7-Cão de caça de grande porte, semelhante ao mastim (4 letras).
- 8-Bonita, formosa (7 letras).
- 9-O mesmo que “fez o sinal da cruz”, benzeu-se (5 + 2 letras).
- 10-O mesmo que despenhadeiro, penhasco (4 letras).
- 11-Artigo indefinido masculino (2 letras).



O próximo texto também apresenta uma variedade lingüística diferente da que utilizamos:

Tem aí meia dúzia de urnigos(1), na calada da noite, arquitetando um plano pra “unificação” da língua portuguesa. Escrevi o trecho abaixo em português de Portugal pra vocês verem como será fácil essa unificação.

(1. Palavra portuguesa que significa o que significa.) [...]

UNIFICAÇÃO LINGÜÍSTICA, QUE CLAREZA!

Estava a conduzir meu automóvel numa azinhaga com um borracho muito gira ao lado, quando dei com uma bossa na estrada de circunvalação que um bera teve a lata de deixar. Escapei de me espalhar à justa. Em havendo um bufete à frente, convidei a chavala a um copo. Botei o chiante na berma e ordenamos ao criado de mesa, uma sande de fiambre em carcaça eu, e ela um miau. O panasqueiro, com jeito de marialva paneleiro, um chalado da pinha, embora nos tratando nas palminhas, trouxe-nos a sande com a carcaça esturrada (e sem caganitas!), e, faltando-lhe o miau, deu-nos um prego duro.”

■ (Millôr Fernandes)



ATIVIDADE

- De qual variação trata o texto?
- Como talvez vocês não tenham entendido alguma coisa, divididos em grupos, apresentem (cada grupo) uma versão para o texto. Depois leiam/apresentem para a classe para ser escolhida a melhor versão, ou seja, a que ficar mais convincente.

O texto a seguir fala de outro tipo de variação.

TORRE DE BABEL

É cada vez mais difícil entrar em acordo numa sociedade que mistura tantas gírias. Surfistas, skatistas, rappers, economistas, cada grupo tem seu dialeto.

Vou te mandar um papo reto. Quando o swell entrar, eu vou dropar mesmo se tiver crowd. Vai ser um tylon arrepiante, tá ligado?” Pra entender um filho que abusa de expressões como estas, o pai ou a mãe devem ser surfistas, skatistas e rappers. Até amigos da mesma faixa etária ficam sem entender uns aos outros. Diálogos entre integrantes de “tribos” diferentes tomam-se, muitas vezes, verdadeiros desafios. Enquanto o skatista diz que uma manobra foi “pegada”, o surfista fala que foi “o bicho” e o rapper acha “respon-sa”. O leigo, quando consegue, entende como radical. As gírias sempre foram comuns entre os jovens, mas nunca estiveram tão fatiadas e inacessíveis aos menos enturma-

dos. Para complicar, os socioletos – dialetos praticados por grupos específicos – invadem o mundo digital e confundem, por exemplo, a vida de quem tenta investigar o correio eletrônico dos filhos. Um pai dificilmente saberia o que pensar ao se deparar com a seguinte frase: “Ko é kr, vou lá no fds, cm smp, vw?”. A mãe da estudante carioca Lívia Gomes Silvestre, 17 anos, certamente precisaria que a filha traduzisse: “Qual é cara, vou lá no fim de semana, como sempre, valeu?”.

O lingüista Ricardo Salles explica o uso de socioletos como um código de identificação dos grupos. “Algumas tribos usam uma linguagem própria como uma espécie de



carteira de identidade. Um surfista não precisa dizer que pega onda. O modo de falar o identifica”, diz. Ao contrário da língua, os socioletos são excludentes. “Quem não fala daquela forma está fora da galera”, completa Salles. Para o estudante de direito Paulo Alberto Galarti, 22 anos, surfista há quatro, as gírias são indispensáveis para a prática do esporte.

“Sem sabê-las, como vou entender a rapaziada e a previsão das ondas na *internet*? O chato é quando algum amigo não entende o que eu falo. Tem gente que debocha e pede para eu apertar a tecla SAP”, brinca. Galarti gaba-se de conquistar muitas garotas – as denominadas Marias-Parafinas – com seu jeito de falar, mas lembra que já levou um fora pelo mesmo motivo. “Ela era supercarenta e disse que não tinha como me entender”, conta.

Os skatistas também têm seu dialeto. Palavras como tylon e bazon são alguns dos termos incompreensíveis. “Em diversas entrevistas, eu nem sabia explicar o significado das coisas que havia falado e o repórter ficava sem entender nada”, conta o paulista Sandro Dias, 29 anos, campeão mundial de skate vertical em 2003 e conhecido como Mineirinho. Sempre na turma do fundo da sala, Sandro era figura carimbada na coordenação da escola e entrava em apuros na hora de se explicar: “Eu tentava me redimir e acabava me complicando ainda mais”, lembra.

Às vezes, o uso de socioletos chega a despertar preconceito. Quem vê de fora acha ruim. Quem pratica acaba atuando em defesa da própria linguagem. Enquanto divulga a realidade das favelas, os rappers, por exemplo, propagam também o seu jeito de falar. O empresário Leonardo Lanzillotti, 23 anos, foi “conquistado”. Aprendeu a gostar de hip hop e, claro, a usar o linguajar. “Escuto rap e leio sobre o assunto há algum tempo. Passei a conviver com pessoas que curtem e fui me acostumando”, diz. Leonardo já pagou caro por falar tanta gíria. “Não me controlava nem em entrevistas de trabalho. Acredito já ter sido desqualificado em umas três por falar informalmente”, diz. Afinal, são poucos os clientes capazes de entender expressões como pá e papo reto.

Nas entrevistas de recrutamento, gírias – e até mesmo palavrões – viraram elementos corriqueiros. Para a maioria dos profissionais de recursos humanos, são indicativos de que o candidato ainda não está preparado para assumir as responsabilidades do mundo do trabalho. “Entrevistei um rapaz que aspirava a uma vaga de representante comercial. Criatividade e iniciativa eram características marcantes de sua personalidade, mas, quando abria a boca, parecia se comunicar por meio de um dialeto. Foi eliminado na hora”, lembra Ana Lúcia Corrêa Pires, uma das gerentes do grupo Catho Consultoria de RH.

Em outros grupos, é a própria profissão que impõe o vocabulário. Bater um papo em uma mesa de economistas ou de médicos não costuma ser uma experiência agradável para quem não é do ramo. Quanto maior a habilidade para lidar com o socioleto, melhor. O estudante de economia Felipe Gazal sentiu a saia-justa no início da faculdade. “No meu primeiro dia de aula ouvi um professor falando com um aluno mais adiantado. Era um tal de joint-venture pra cá, de viés pra lá, de break-even pra acolá. Não entendi nada”, lembra. Hoje, mais estudado, ele domina os antigos enigmas. O dicionário já pode voltar para a gaveta.

■ Revista Istoé – 28/07/04.

Uma ajudazinha para quem não está “ligado na parada”.

Bazon: um bom skatista

Break-even: ponto de equilíbrio



■ <http://i.timeinc.net/skate>

- Crowd:** cheio de gente, multidão
- Dropar:** descer a onda
- Joint-venture:** associação de empresas
- Pá:** muito, uma porção
- Papo reto:** falar diretamente a uma pessoa
- Swell:** ondulação que precede a onda
- Tylon:** um estilo bonito de andar de skate
- Viés:** tendência de mercado



ATIVIDADE

- Considere os pontos positivos e negativos que o uso da gíria apresenta.
- Qual o tipo de variação abordado no texto “Torre de Babel”?
- Dê outros exemplos de socioletos.
- Qual é a explicação mitológica que a Bíblia traz sobre a existência dos diferentes falares? (Verifique em Gên 11, 1-10)
- Como essa história bíblica dialoga com o conto de Murilo Rubião intitulado “O Edifício” que está no livro “O Pirotécnico Zacarias”?

Observe a variação presente na tira a seguir:



ATIVIDADE

- Qual a intenção do autor ao fazer uso da variação diastrática da maneira como fez?

Luís Fernando Veríssimo consegue um efeito de humor ao abordar a variação lingüística, mas, ao mesmo tempo, faz uma crítica. Leia o texto para resolver a atividade a seguir:



ATIVIDADE

- Preencha as lacunas do texto com a possível tradução da fala do entrevistado, segundo a expectativa do entrevistador.
- Qual é a crítica subentendida no texto?

AÍ, GALERA

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo “estereotipação”? E, no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

– Como é?

–

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturacão momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

–

– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?

– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?

– Pode.

– Uma saudação para a minha progenitora.

– Como é?

–

– Estou vendo que você é um, um ...

– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?

– Estereoquê?

– Um chato?

– Isso.

■ Luís Fernando Veríssimo

Os textos que você leu apresentam diferentes variedades da língua. Como já foi discutido, a língua sofre constantes transformações pela ação do tempo, pela influência dos grupos sociais e também pela localização das comunidades lingüísticas em certas regiões, as quais, por várias razões históricas e sociais, sofreram influência de povos, de culturas e línguas diferentes.

Assim, encontramos diferentes modos de falar em uma mesma região devido às constantes migrações das populações, que acontecem por diferentes motivos. Na sua comunidade, não é diferente.



PESQUISA

Para trabalhar com exemplos mais concretos nas aulas de Língua Portuguesa, é importante conhecer as variedades lingüísticas praticadas na sua região. Reúnam-se em grupos e façam uma pesquisa de campo para identificar/descobrir as variedades que constituem o modo de falar da sua comunidade.

Para que o trabalho seja produtivo, é necessário a elaboração de um projeto de pesquisa e de um roteiro com as perguntas que serão usadas para coletar as informações mais relevantes. O produto final será a elaboração de um gráfico com as informações obtidas com a pesquisa.

Veja o que Marcos Bagno diz a respeito de projetos de pesquisa:

“Fazer um projeto é lançar idéias para a frente, é prever as etapas do trabalho, é definir aonde se quer chegar com ele – assim, durante o trabalho prático, saberemos como agir, que decisões tomar, qual o próximo passo que teremos de dar na direção do objetivo desejado.”

■ Pesquisa na Escola, Marcos Bagno.

O primeiro passo é elaborar o projeto de pesquisa. Aqui estão sugestões de itens para serem analisados pela classe; porém, nada impede que outros sejam acrescentados, modificados ou substituídos, de acordo com o que a classe achar mais pertinente.

- **Título:** tudo o que fazemos precisa de um nome. Discutam e escolham um nome para o projeto.
- **Objetivo:** fazer o registro das variedades lingüísticas encontradas na região.
- **Justificativa:** o enriquecimento das aulas de Língua Portuguesa.
- **Metodologia:** coleta de informações através de entrevistas (gravadas em áudio ou registradas por escrito) ou questionário.
- **Produto final:** relatório de sistematização dos dados coletados.

Saldo

Helena Kolody

Na página adolescente
deste mundo em flor,
sou um saldo anterior.

O planejamento coletivo do projeto é muito importante, pois é a partir dele que o trabalho de pesquisa será posto em prática. É preciso organizar as idéias antes de pô-las em prática, ter clara(s) a(s) meta(s) que deseja alcançar, para chegar, então, a um resultado satisfatório.

■ Referências Bibliográficas:

ASMAR, T. Torre de Babel. **Revista Isto É**, São Paulo, 28 jul. 2004.

BAGNO, M. **Pesquisa na Escola**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

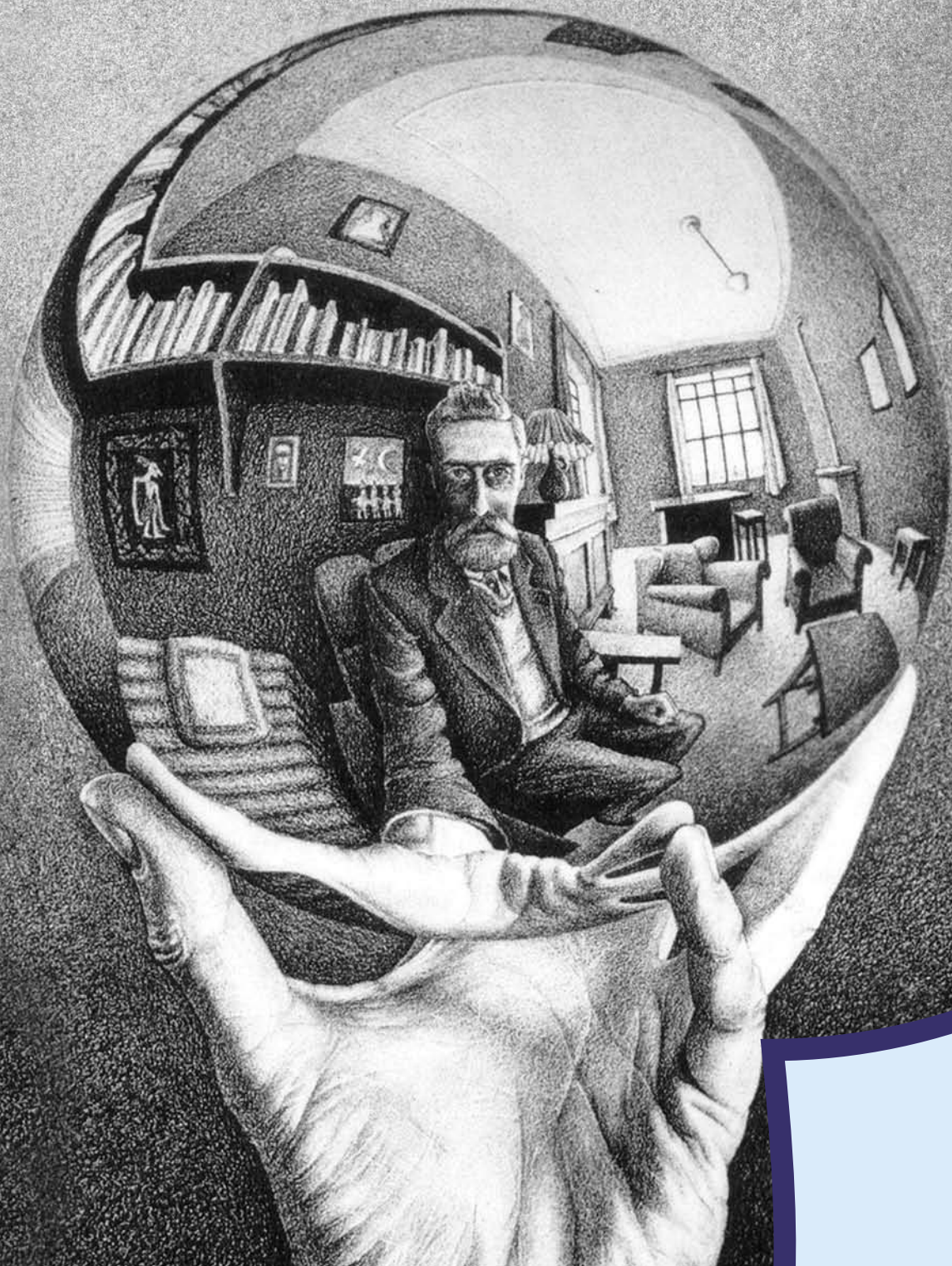
CASCAES, F. **Bruxas atacam um pescador**. O Fantástico na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1989.

FERNANDES, M. Unificação Lingüística, que Clareza! **Isto É / Senhor**, São Paulo, 19 jun.1991, p.8.

ANGELI. Chiclete com banana. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 06. nov. 2005.

Conde D. Pedro de Barcelos. Quarto Livro de Linhagens ou Nobilário do Conde D. Pedro de Barcelos. **A Dama do pé de cabra**. 1340.

VERÍSSIMO, L. F. **Aí, Galera**. **Correio Brasiliense**, Brasília, 13 maio 1998.



MÚTIPLAS SIGNIFICAÇÕES

■ Carmen Rodrigues Fróes Pedrão¹



Leitura



Escrita



Oralidade

Suspensão

Fica suspenso o aluno K, por três dias, devido à escolha da música "A Feira" para cantar no show de talentos da escola.

Em 15 de junho de 2005.

Gabinete do Diretor

Quais os problemas dessa notificação?

essa idéia

ninguém me tira

matéria é mentira

(Paulo Leminski)

Como providência, com a ajuda de sua turma, os colegas de K. decidiram elaborar um abaixo-assinado, solicitando revisão da penalidade.

Primeiro passo: conhecer a letra da música “A Feira”, do Rappa. Procurem a letra integral.

FEIRA

É dia de feira
 Quarta-feira, sexta-feira
 Não importa a feira
 (...)
 Quem quiser pode chegar
 (...)
 Tô vendendo ervas
 Que curam e acalmam
 (...)
 Porque os remédios normais
 Nem sempre amenizam a pressão
 Amenizam a pressão
 Amenizam a pressão

■ (O Rappa)



Segundo passo: analisar o teor da acusação.



ATIVIDADE

- Qual é a acusação principal?
- Em que palavras ou expressões o diretor se baseou para considerar a letra merecedora de punição?
- Cada expressão dessas deve ser refutada, apresentando-se uma razão que não permita ao diretor atribuir o sentido que justificou a punição.

Com base nessa análise, já pode ser elaborado o abaixo-assinado em defesa de K. Mãos à obra!



ATIVIDADE

- Reúnam-se em grupos e elaborem o teor do abaixo-assinado.

A elaboração da defesa de K. exigiu que se entrasse no campo da polissemia.



ATIVIDADE

- Qual o significado de polissemia?

Denotação e conotação

Observe:

- 1- Comprei um bracelete de ouro.
- 2- A Chiquinha é uma menina de ouro.



ATIVIDADE

- A que idéias a palavra ouro é associada em cada um dos casos acima?

Na primeira frase, dizemos que a palavra ouro está empregada no sentido denotativo. Já na segunda, está no sentido conotativo.



ATIVIDADE

- Pesquise em dicionários o significado das expressões “denotativo” e “conotativo”.

Ainda no tema da polissemia, leia o cartaz abaixo.





ATIVIDADE

- A frase do cartaz é dividida em duas partes, deliberadamente. Qual é a intenção desta divisão?

A polissemia é muito explorada por poetas, músicos, escritores, profissionais de propaganda e marketing, entre outros.



ATIVIDADE

- Pesquise e traga exemplos de polissemia nas atividades citadas acima.

Caso não pudéssemos atribuir diversos sentidos a uma palavra, nossa memória teria uma sobrecarga excessiva, “entraria em parafuso”, já que teria que criar e lembrar de termos diferentes para tudo o que quiséssemos falar. Sendo assim, a polissemia torna a língua mais flexível, fazendo com que possamos empregar a mesma palavra em diferentes situações.

Mecanismos que geram a polissemia

A polissemia é resultado do processo em que o interlocutor, ao interagir com os diferentes textos, atribui-lhes sentido.

Uma grande parte dos casos de polissemia é obtida através das figuras de linguagem conhecidas como metáforas e metonímias.

**Comerás o pão com o suor do teu rosto.
Esse pão custará lágrimas.**

Eis aí um exemplo de metonímia. Na época em que essa máxima foi aplicada, os trabalhos mais conhecidos eram aqueles em que se empregava força física. Conseqüentemente, essa força desprendida faria com que a pessoa transpirasse, dessa forma, suor é o efeito do trabalho. A partir da atribuição do significado de trabalho à palavra suor, devemos interpretar pão como alimento e lágrimas como efeito do sofrimento. Metonímia, portanto, é a mudança de sentido de uma palavra ou expressão quando, entre o sentido que uma palavra tem e o que ela adquire, existe uma relação de inclusão ou de implicação.

**No norte do Paraná, os grandes e doces mares verdes tornam-se amargos
nas mãos dos que extraem dele o açúcar.**

No período acima, a palavra mar é tirada de seu lugar comum cujo significado é grande massa e extensão de água salgada para o sentido de grande ou extensa plantação de cana-de-açúcar. Esse tipo de mudança é possível porque existe, entre o significado próprio da palavra e o novo que se atribuiu a ela, um cruzamento onde ambos se encontram apresentando traços comuns. Canavial e mar possuem em comum os seguintes traços: posição horizontal e grande extensão, o mar, às vezes, passa a ter coloração esverdeada, exatamente como a visão de uma plantação de cana-de-açúcar do alto. A esta mudança de significado dá-se o nome de metáfora.

Metáfora é uma operação lingüística baseada numa relação que o falante vê entre o significado habitual da palavra e o significado novo a ela atribuído. Essa relação permite dar a um termo o significado de outro.



ATIVIDADE

- No exemplo em que se analisou a presença da metáfora, há também uma outra figura de linguagem caracterizada pelo uso das palavras *doce* e *amargo*. Que figura é essa e que sentido ela permite atribuir ao texto?

Poesia e polissemia

A poesia é um texto polissêmico por natureza.



ATIVIDADE

- Leia o poema “História” e faça o levantamento dos recursos geradores de polissemia.

História

Nossa história é assim:

Vamos pras Índias!

Dias e dias os horizontes se repetem

– Olha! Melhor mesmo é buscar vento mais pro

[fundo

Uma tarde um marujo disse:

– Ué! Que terra é essa?

Velas baixaram e desembarcaram

–Terra como é teu nome?

Cortaram o pau. Saiu sangue

– Isso é Brasil!

No outro dia

O sol do lado de fora assistiu missa

Terra em que Deus anda de pés no chão!

Outros chegaram depois Outros Mais outros

–Queremos ouro!

A floresta não respondeu

Então

Eles marcharam por uma geografia-do-sem-lhe-achar-fim

Rios enigmáticos apontavam o Oeste

A água obediente conduziu o homem

Começou daí um Brasil sem-história-certa

A terra acordou-se como alarido de caça

De animais e de homens

Mato-grande foi cúmplice nas novas plantações de

[sangue

Mulher foi espremer filho no escondido

E veio o negro

Trouxe o sol na pele

E uma alma de nunca-mais carregada de vozes

Foi desbeijar terra

Alargaram-se as lavouras

Brasil encheu-se de queixas de monjolo

Sol espalhou verão nos canaviais das fazendas

O mato escondeu escravos

Com inscrições de chicote no lombo

Em noite rural
 Os bruxos reuniram-se para experimentar forças
 contra
 [o branco
 Deus montou num trovão que se quebrou na floresta
 Árvores tinham medo que o céu caísse
 Brasil-nenê foi crescendo...
 O sol cozinhou o homem
 E a geografia determinou os acontecimentos
 Um dia
 O capitão Pedro Teixeira com 1000 canoas ô ô
 Entrou águas-arriba no Amazonas
 Acordando aquela imensidão sem dono
 O Brasil embarrigou para o Oeste.

■ (Raul Boop)



■ <http://pt.wikipedia.org/wiki/Imagem>



ATIVIDADE

- Identifique os acontecimentos de nossa história presentes na poesia de Raul Bopp.
- Que diferenças você aponta entre o poema e o discurso tradicional da História?
- Destaque algumas metáforas e metonímias e explique seus sentidos, buscando a relação com o fato histórico.

Polissemia como recurso para liberdade de expressão

Houve uma época, no Brasil, em que os artistas se valeram muito dos mecanismos de polissemia para que pudessem se expressar. Isso ocorreu durante a ditadura militar, que teve início em 1964. O país passou a ser governado por militares cujo controle era constante e a liberdade a que os cidadãos tinham direito era vigiada. Para melhor monitorar o país, os militares criaram o AI-5 – Ato Institucional núme-

ro 5 – que lhes dava plenos poderes para censurar programas de tv e rádio, proibir publicação de livros e letras de música de serem cantadas em público, principalmente nos festivais de canção, muito comuns na época.

A letra da música abaixo é um exemplo de como um texto pode ter elementos que desvelam sentidos não presentes na sua superfície, revelando uma outra realidade.

Apesar de você

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão
A minha gente hoje anda
Falando de lado
E olhando pro chão, viu
Você que inventou esse estado
E inventou de inventar
Toda a escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar
O perdão
Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar
[...]

■ Chico Buarque



ATIVIDADE

- Quais significados possíveis podem ser atribuídos à letra da música “Apesar de você”? Justifique essas leituras apontando trechos da música.
- Organizem um debate sobre o problema do início desse Folhas. Depois de terem aprofundado seus conhecimentos sobre a polissemia e o duplo sentido que as palavras podem ter, argumentem se o diretor tinha ou não razão para fazer a leitura que fez, e se a letra de “A Feira”, afinal, pode ou não ser lida como apologia ao uso de drogas.

Referências Bibliográficas:

BOPP, R. **Cobra Norato**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

CEGALLA, D. P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 17 ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1977.

CORREIA, M. Homonímia e Polissemia – contributos para delimitação de conceitos. In: **Palavras, número 19**. Lisboa: Associação dos Professores de Português, s/d, pág.57-75

FIORIN, J. L.; FRANCISCO, P. S. **Para entender o Texto - Leitura e Redação**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2002.

HOLANDA, F. B. **Letra e Música**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989, p. 92.

YUKA, M. **A Feira**. CD O Rappa-Mundi. São Paulo: Warner Music, 1996.

■ Foto: Gonçalo Afonso Dias. Pensador 2 s/d.
Angola, 2004.



■ <http://alerce.pntic.mec.es>

MERCADO DE TRABALHO: QUE BICHO É ESSE?

■ Suely Marcolino Peres¹



*N*este momento da sua vida, qual é o problema? Por quê?

No aeroporto, puxa-sacos
Trocam adeuses
Com velhacos.

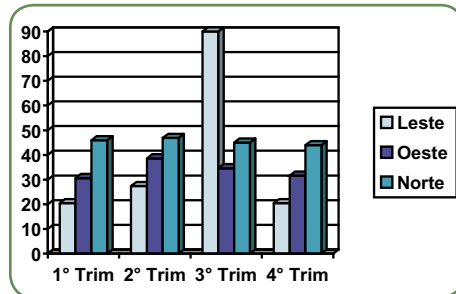
(Millôr Fernandes)



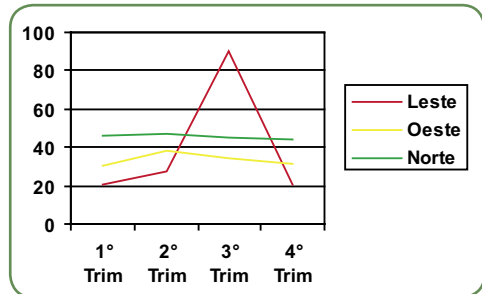
ATIVIDADE

- Faça um levantamento dos problemas que mais afligem a galera da sua sala. De posse desses dados, é necessário organizá-los de forma que eles mostrem a situação da turma.

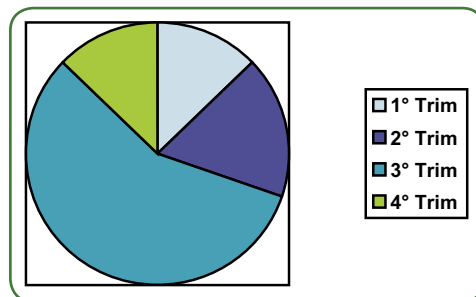
Os gráficos são ótimos instrumentos para transmitirem esses dados. Eles possibilitam transmitir informações de uma forma mais eficiente e mais simples. Existem vários tipos de gráficos:



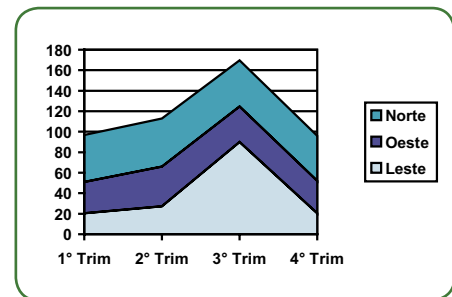
■ Gráfico colunas



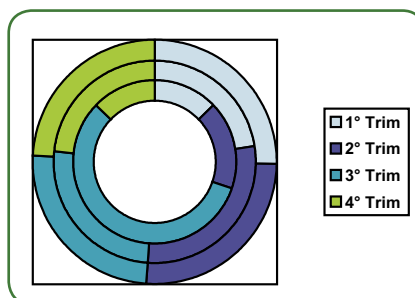
■ Gráfico de linhas



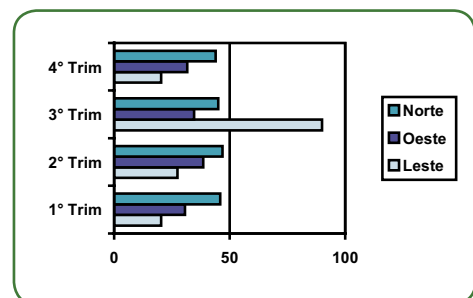
■ Gráfico pizza



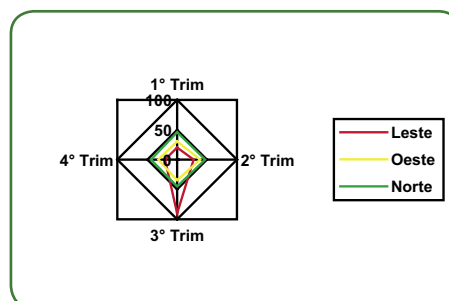
■ Gráfico de área



■ Gráfico rosca



■ Gráfico de barras

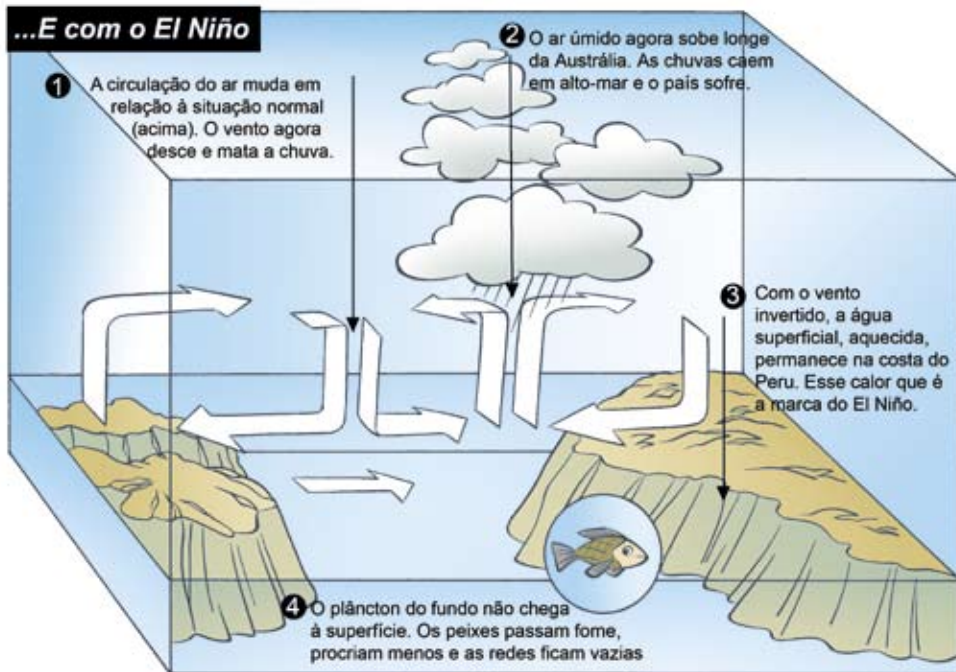


■ Gráfico radar

PRESENÇA

Esbanjando cores na mata, junto à cascata, ipês sedutores.

(Dolores Pires)



■ Infográfico

abrindo um antigo caderno
foi que eu descobri
antigamente eu era eterno
(Paulo Leminski)



ATIVIDADE

- Observando os tipos de gráficos, escolha qual você considera mais atrativo para organizar/apresentar a sua pesquisa.
- Agora que vocês construíram o gráfico e fizeram a leitura dele, responda qual é, na sua opinião, o maior problema do Brasil.
- Dos problemas descritos abaixo, qual você acredita ser o que mais afeta a população brasileira? Justifique sua resposta.
 - desemprego
 - saúde
 - reforma agrária
 - moradia
 - educação

Escolha um dos problemas citados acima, pesquise em jornais e revistas uma notícia que retrate este problema. Leia e comente com a turma.

Veja o resultado de uma pesquisa publicada no site <http://www.spcidades.com.br/resultadoenquetes.htm>. Acesso em: 10 de dezembro de 2005.

segurança	■	23,1% (5269 votos)
desemprego	■	39,3% (8966 votos)
saúde	■	20,1% (4598 votos)
educação	■	17,5% (3986 votos)

Total: 22.819 votos.



ATIVIDADE

- Compare as conclusões dos gráficos anteriores, incluindo o que você construiu.

Os gráficos estampados nos últimos anos, nos meios de comunicação, refletem uma séria contingência do Brasil: o desemprego, uma das maiores preocupações do brasileiro, atualmente. De fato, inserir-se no mercado de trabalho é uma tarefa bastante árdua. Muitos jovens, iguais a você, já estão buscando o primeiro emprego e já perceberam que não é nada fácil essa conquista. No Brasil, é grande a preocupação dos trabalhadores, dos sindicatos, das autoridades e dos estudiosos dos problemas sociais com a questão do desemprego.

Tânia é uma adolescente que está cursando o Ensino Médio e precisa muito trabalhar para ajudar sua família. Leu um anúncio no jornal, ficou muito interessada e respondeu imediatamente ao anúncio. A empresa que está à procura de um empregado é a multinacional ANDEZA - Companhia Italiana de Telefonia Móvel. Tânia enviou uma carta de apresentação para o departamento de recursos humanos da empresa. Passado alguns dias, recebeu a resposta:

Andeza Companhia Italiana de Telefonia Móvel

São Paulo, 23 de novembro de 2005.

Ofício nº 0001/2005

Prezada Senhora,

Utilizamos-nos desse expediente para informá-la que a sua carta de apresentação foi submetida à avaliação pelo departamento de recursos humanos da empresa e não atende às exigências da mesma, uma vez que a sua nacionalidade desabona significativamente o seu perfil profissional.

Destacamos que o critério que sustenta esse procedimento é a matéria publicada em jornais de grande circulação, da qual enviamos síntese em anexo.

Sendo o que havia para o momento, agradecemos.

Atenciosamente,

Carlos Henrique Brezscyski
Diretor dos Recursos Humanos

Veja a síntese da matéria citada na carta...

O quanto (não) se trabalha neste país.

365 dias tem o ano.

Subtraia

52 domingos

52 sábados

12 dias entre feriados e feriados

10 dias de atestado

126 dias não trabalhados.

Some

30 dias de férias

156 dias não trabalhados.

De

365 dias do ano

Subtraia os 156

209 dias trabalhados.

População produtiva do país: 38 milhões.

População total do país: 180 milhões.

→ 30% da população trabalha.

209 dias = aproximadamente 7 meses.

7 meses trabalhados = 13 salários recebidos.

Some 33% de encargos sociais

+ 17 salários mensais pagos em um ano.

Daí a baixa produtividade deste país:

- 1) a produtividade do brasileiro é gritantemente baixa:
 - a) em relação ao número de horas ociosas;
 - b) em relação ao número de pessoas que estão aparentemente ociosas para cada trabalhador;
- 2) o produto desse brasileiro é brutalmente sobrecarregado de encargos por força da relação 7 por 13 mais 33%, ou seja, trabalha 7 mas recebe por 17 meses.

Agora é com você...



ATIVIDADE

- Responda ao ofício 0001/2005 da Cia Italiana. Utilize para sua resposta a mesma estratégia, ou seja, a sua argumentação deve ter como base o cálculo matemático.

Você já deve ter percebido que o perfil profissional do trabalhador é muito observado nos processos de recrutamento e seleção de pessoal. Esse perfil vem sofrendo alterações radicais, fazendo surgir uma nova postura profissional e novas relações de trabalho com o objetivo de atender às novas demandas postas pelo mercado. O perfil profissional exigido pelo mercado de trabalho reflete as alterações que estão ocorrendo no cenário econômico global. Essas mudanças são fortemente percebidas a partir do final do século XX e início do século XXI, quando as empresas traçam um perfil de profissional pautado nas competências e habilidades que um trabalhador deve ter.



ATIVIDADE

- Para termos mais claro quais são as habilidades que um trabalhador deve ter, façam, em grupos, uma pesquisa e definam um perfil com as características do profissional moderno, exigido pelas empresas. Vocês podem consultar revistas especializadas, jornais, *Internet*, entre outras fontes que acharem necessárias. Após a realização da pesquisa, criem um infográfico para mostrar as características exigidas pelo mercado de trabalho.

E havia o antes...

Como era o profissional antes das mudanças do final do século XX e início do século XXI?



ATIVIDADE

- A charge abaixo nos dá um rápido perfil do profissional desse período. Como você o define com base nas informações contidas na charge? Escreva um parágrafo comentando o profissional representado na charge.
- Relacione a charge ao texto que vem a seguir.



Há algum tempo havia uma divisão social e técnica do trabalho claramente demarcada. Nesse contexto, o trabalho era fragmentado e o trabalhador detinha apenas parte do processo de produção e não o todo, ou seja, instituiu-se a divisão social do trabalho em físico e intelectual. Esse divórcio entre trabalho físico e intelectual gerou um modo de produção denominado organização científica do trabalho, que tinha por objetivo tornar o trabalhador mais produtivo sem esgotar-lhe a resistência. Nessa divisão, havia os que pensavam e controlavam o processo e aqueles que executavam o processo, construindo, assim, um sujeito trabalhador compartimentado e, conseqüentemente, alienado, que não detinha a totalidade em relação ao processo produtivo. A organização da produção em série expressa esse princípio da divisão do processo produtivo em pequenas partes, em que os tempos e os movimentos são padronizados e rigorosamente controlados por inspetores de qualidade, e as ações de planejamento são separadas da produção. O trabalhador era valorizado pela sua competência em memorizar e repetir as ações típicas de sua tarefa.

Essa forma de conceber trabalho e trabalhador tinha como finalidade atingir metas de produção e de lucro cada vez mais elevadas. Para isso, o sistema utilizou a repressão e a rotatividade no emprego. Isso tudo, somado à exigência de produzir cada vez mais, provocou, no trabalhador, sérios problemas de saúde. Esse modo de produção entrou em crise no final da década de sessenta e início dos anos setenta.

A crise financeira mundial, as mudanças no comportamento dos mercados e a ação contestadora e combativa dos trabalhadores fragilizaram o sistema. A fase industrial do capitalismo foi superada pela sociedade informacional, que expressa, atualmente, uma nova etapa de expansão das economias de mercado.

No quadro atual de exigências profissionais, veja o que aconteceu com Fabiana, que, dentre muitos candidatos, foi admitida por uma empresa.

À nossa vida
A morte alheia
Dá outra partida.

(Millôr Fernandes)

Excesso de Capacitação

Vamos supor que, após uma duríssima competição com outros candidatos tão bem preparados quanto ela, a Fabiana conseguisse ser admitida como gestora de atendimento interno. E um de seus primeiros clientes fosse o seu Borges, gerente da contabilidade.

- Fabiana, eu quero três cópias deste relatório.
- In a hurry!
- Saúde.
- Não, isso quer dizer “bem rapidinho”. É que eu tenho fluência em inglês. Aliás, desculpe perguntar, mas por que a empresa exige fluência em inglês se aqui só se fala português?
- E eu sei lá? Dá para você tirar logo as cópias?

- O senhor não prefere que eu digitalize o relatório? Porque eu tenho profundos conhecimentos de informática.
- Não, não. Cópias normais mesmo.
- Certo. Mas eu não poderia deixar de mencionar minha criatividade. Eu já comecei a desenvolver um projeto pessoal visando eliminar 30% das cópias que tiramos.
- Fabiana, desse jeito não vai dar!
- E eu não sei? Preciso urgentemente de uma auxiliar.
- Como assim?
- É que eu sou líder, e não tenho ninguém para liderar. E considero isso um desperdício do meu potencial energético.
- Olha, neste momento, eu só preciso das três có...
- Com certeza. Mas antes vamos discutir meu futuro...
- Futuro? Que futuro?
- É que eu sou ambiciosa. Já faz dois dias que eu estou aqui e ainda não aconteceu nada.
- Fabiana, eu estou aqui há 18 anos e também não me aconteceu nada!
- Sei. Mas o senhor é hands on?
- Hã?
- Hands on. Mão na massa.
- Claro que sou!
- Então o senhor mesmo tira as cópias. E agora com licença que eu vou sair por aí explorando minhas potencialidades. Foi o que me prometeram quando eu fui contratada.

■ Max Gehringer



ATIVIDADE

- Onde está a graça do texto?
- Discuta com seus colegas como vocês imaginam que foi elaborado o anúncio de emprego que solicitava um profissional: gestor de atendimento interno.

■ Referências Bibliográficas:

ALBORNOZ, S. **O que é trabalho**. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1988.

EHRENBERG, R. G ; SMITH, Robert. **A moderna economia do trabalho**. São Paulo: Makron Books, 2000.

OLIVEIRA, C. R. de. **História do trabalho**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1995.

POCHMANN, M. **O trabalho sob fogo cruzado**. São Paulo: Contexto, 1999.

■ Obras consultadas *ONLINE*

GEHRINGER, M. Excesso de Qualificação Profissional. **Revista Exame On-line**. Artigo publicado em 18 set. 2003. Disponível em: <<http://porta-le-xame.abril.com.br>> Acesso em: 04 fev. 2004



www.moma.org

■ Marc Chagall. Eu e a vila, 1911. Óleo sobre tela, 192.1 x 151.4 cm. Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, Estados Unidos.

VÍRGULAS E SIGNIFICADO

■ Maria de Fátima Navarro Lins Paul¹



Leitura



Escrita



Oralidade

Um fazendeiro tinha um bezerro e a mãe do fazendeiro era também o pai do bezerro.

Como dar um sentido para essa frase?

ESCONDE-ESCONDE

No azul de verão
sol e nuvem, distraídos,
brincam de esconder.

(Delores Pires)

■ Ora, vírgulas!

A palavra **gramática** vem do grego *Grammatikê* – a ciência ou a arte de ler e escrever.

Para resolver nosso problema, tivemos que utilizar um recurso importante para a linguagem escrita: a pontuação.

Uma pesquisa nas gramáticas nos levará a explicações bastante parecidas a respeito da pontuação. Mas, antes de iniciar a pesquisa, você sabe o que é uma gramática?

No estudo da Língua Portuguesa (e de todas as línguas), encontramos diferentes tipos de gramática. Alguns exemplos: a Gramática Descritiva, que descreve os fatos da língua, sem preocupação de julgar ou determinar certo ou errado; a Gramática Histórica, que estuda as mudanças que acontecem com uma língua através do tempo; a Gramática Natural/Universal, definida como o estado inicial da mente humana, que permite ao homem, na interação social, adquirir sua língua materna.

O que nos interessa, neste estudo, é a gramática que mais afeta as aulas de Língua Portuguesa e que é a causa de muita gente dizer que não sabe português. Estamos falando da **Gramática Normativa**: conjunto de regras, normas que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada. Convém lembrar, aqui, que a partir desta definição da gramática normativa, passou-se a usar o termo **gramática** significando o conjunto de regras de uma arte, de uma ciência ou de qualquer técnica. Diz-se, então, gramática da Música, gramática da Pintura, etc.



ATIVIDADE

Vamos à pesquisa: consultem Gramáticas (ou livros didáticos, que se baseiam, normalmente, nas gramáticas normativas) e verifique o que o autor fala a respeito da pontuação. Na seqüência, comparem o que diferentes autores dizem a este respeito.

Pense só numa expressão simples, como a resposta que damos a quem nos pergunta como estamos: “Tudo bem!”. Ora, existem inúmeras entonações e gestos que podem acompanhar nossa resposta, de acordo com nosso estado de espírito, de saúde, nossa disposição naquele momento. Isto acontece em todas as situações de fala: nossas palavras são acompanhadas de olhares, expressões faciais, gestos, enfim, recursos que deixam claro o que estamos dizendo.



ATIVIDADE

Tente fazer a experiência: converse alguns segundos com seu colega, sem utilizar-se de nenhum gesto, nenhuma expressão facial e sem mudar a entonação da voz.

Observar os recursos da fala é uma atividade que você, como aluno, costuma fazer – às vezes com uma certa dose de malícia – quando observa e imita a fala de seus professores. Esta é uma atividade que pode ser interessante e produtiva, e você pode realizá-la analisando a fala de seus professores, colegas, autoridades, políticos, familiares, apresentadores de programas televisivos, etc.

Estes recursos todos, que acompanham a fala, são praticamente impossíveis de serem registrados na escrita. Mas há alguns sinais que nos ajudam a escrever nossos textos e aqui começamos a desvendar a finalidade maior da pontuação, que é dar clareza ao texto escrito. E o que é a clareza de um texto? É a característica textual que permite ao leitor construir um significado para o texto que lê.

Dentre os sinais de pontuação, vamos destacar a utilização da vírgula.

Na elaboração do texto que você está lendo, foram necessárias informações sobre a história da vírgula.

Há, via Internet, uma lista de discussões (um grupo que troca mensagens sobre assuntos de interesse comum) chamada CVL – Comunidade Virtual da Linguagem. Uma das participantes do grupo, a Professora Aira Suzana Ribeiro Martins, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, mostrou, numa mensagem ao grupo, que a vírgula é muito mais antiga do que podemos imaginar:

o mar o azul o sábado
liguei pro céu
mas dava sempre ocupado
(Paulo Leminski)

----- Original Message -----

From: Professora Aira Suzana Ribeiro Martins

Sent: Saturday, March 13, 2004 8:44 PM

Subject: Re: *CVL* - vírgula

No séc. II a.C, ao organizar os 50.000 volumes da Biblioteca de Alexandria, Aristófanos de Bizâncio, a fim de tornar as obras do grego antigo, especialmente as de Homero, mais claras, introduziu sinais que indicavam pausas respiratórias. Um ponto no alto indicava enunciado completo, um ponto no meio correspondia à necessidade de respirar e o ponto embaixo mostrava que o enunciado estava incompleto. Podemos reconhecer nesses sinais as funções desempenhadas pelo ponto final, pelos dois pontos e pela vírgula. A partir desse sistema, os gregos criaram outra forma de pontuar: um ponto no alto da letra era usado para representar sentido incompleto, o ponto no pé da letra indicava sentido completo e a vírgula, com a mesma função que desempenha atualmente. Esse sistema permaneceu um pouco esquecido até o séc. VIII d.C, quando foram criados os espaços em branco entre as palavras. O sistema de pontuação criado por Aristófanos de Bizâncio é reintroduzido no séc. IX, juntamente com outras marcas.

No site <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/antiga/2002/10/31/002.htm>, você encontrará informações interessantes sobre a Biblioteca de Alexandria.

Sobre Aristófanes de Bizâncio, você poderá consultar os sites <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/momentos/museu/poesia.htm>, <http://www.sobiografias.hpg.ig.com.br/AristofB.html>. Neste último, você encontrará, também, algo sobre a história da pontuação.

Atenção: É importante lembrar que esses sites foram acessados em maio de 2004, nem sempre as páginas da Internet permanecem abertas e disponíveis por tempo indeterminado. Entretanto, se não conseguir acesso a uma dessas páginas, é só acessar um site de buscas e digitar o nome Aristófanes de Bizâncio.

Uma observação: o símbolo da vírgula (,) é uma convenção. Isto quer dizer que poderíamos usar qualquer outro símbolo.

O que se quer ressaltar, aqui, é a relação deste sinal de pontuação com o sentido dos textos, das frases. A colocação da vírgula estabelece um tipo específico de relações entre palavras e orações e seu uso tem que ser adequado ao sentido que queremos dar ao texto.



ATIVIDADE

Veja o exemplo destas frases:

1. Só ele chorou.
2. Só, ele chorou.
 - Qual a diferença de significado entre elas? O que determina esta diferença?
 - E nos exemplos a seguir, qual o significado de cada frase?
3. Maria, nossa aluna foi aprovada nos exames.
4. Maria, nossa aluna, foi aprovada nos exames.

Não é difícil perceber que o significado, nesses casos, está estreitamente ligado à colocação das vírgulas no corpo da frase.



ATIVIDADE

Vamos analisar outros exemplos concretos: qual o papel da vírgula nas frases abaixo? Que tipo de relação ela define entre as palavras, frases ou números?

5. O professor chegou à sala, pediu silêncio, aguardou alguns minutos e começou a aula.
6. Precisa-se de pedreiros, serventes, mestre-de-obras.
7. Acordei, tomei meu banho, comi algo e saí para o trabalho.
8. R\$ 2321,30
9. 4,06

Surpreso com a inclusão de símbolos da linguagem matemática? À primeira vista, pode parecer estranho, mas uma observação mais atenta vai nos mostrar que a vírgula tem a mesma função nos exemplos 5, 6, 7, 8 e 9 (essas vírgulas daqui também se explicam da mesma forma).

O estreito relacionamento da vírgula com o significado aparece, também, como acabamos de ver, em outros contextos de linguagem, notadamente na linguagem matemática.

A história da vírgula na Matemática é interessante.

Vejamos: como nosso sistema de numeração é posicional e com base 10, podemos representar as frações, na notação decimal, como número decimal.

JASMIM II

Será sempre assim
o perfume que resume
a flor de jasmim!

(Delores Pires)

“Para tanto, foi necessário que se criasse uma forma de diferenciar a parte inteira de um número de sua parte fracionária. Ainda hoje, não existe um único símbolo para esta representação: nós usamos a vírgula (,) e os países anglo-saxões utilizam o ponto (.), assim como muitas de nossas calculadoras. Nossa vírgula (matemática) foi o neerlandês Wibord Snellius que a inventou (ou a importou da língua), no início do século XVII.”

■ (Centurión, 1994)



ATIVIDADE

Analise o que acontece nos seguintes registros:

3,45 / 34,5 / 345

O que se está dizendo em cada uma dessas situações?

A vírgula funciona, aí, como marca de coordenação assindética aditiva (que era o caso dos exemplos 8 e 9, lembra?). Como no registro de R\$ 34,50 (trinta e quatro reais e cinquenta centavos). Aqui, é importante saber o que significa esta **coordenação assindética aditiva**:

Coordenar - organizar de forma estruturada, encadear.

Assindética: Veja, “sín-deto” (palavra que vem do latim) é o conectivo, o elemento de ligação. Então, sindético quer dizer com a presença do sín-deto, do tal elemento de ligação (que, no caso da matemática, é a palavra “e”). Assindético significa a ausência deste elemento (o prefixo “a” colocado antes da palavra significa a negação).

Aditiva: porque o significado é de adição: 3,45 quer dizer três inteiros e (mais) quarenta e cinco centésimos.

Você pode enriquecer esta explicação consultando a gramática, dicionários e dicionário etimológico (que trata da origem das palavras).

A vida é um saque
Que se faz no espaço
Entre o tic e o tac.

(Millôr Fernandes)

A coordenação assindética, portanto, é aquela que se faz entre palavras, frases ou números sem a presença do elemento de ligação, sem a palavra que tem esta função de ligar que é, então, substituída pela vírgula. E dizemos, no nosso exemplo de números decimais, que esta coordenação é aditiva porque é este o significado que o elemento de ligação (na coordenação sindética) ou a vírgula (na coordenação assindética) coloca na frase, ou no enunciado: o significado de adição.

O que importa é que não importa (que trocadilho!) o sinal que convençamos usar. O fato é que, para exprimir aquele determinado significado matemático, o sinal convençionado deve estar posicionado em determinado local.

Para que se consiga, portanto, (qual será o objetivo destas vírgulas?) garantir o sentido daquilo que queremos expressar através da linguagem escrita, é necessário obedecer algumas regras.



PESQUISA

Pesquise, em diferentes autores, as regras de utilização da vírgula. O resultado da pesquisa será organizado num quadro único, que vamos elaborar coletivamente.

Você percebeu que as regras talvez assustem pela quantidade, pelos nomes, por aquilo que parecem exigir de nós. Mais adiante, voltaremos a elas. Agora, há outras considerações a fazer.

■ Vírgulas: ruim com elas, pior sem elas?



ATIVIDADE

Analise a pontuação e o efeito de sentido que ela tem nos fragmentos abaixo. O primeiro é do poeta e escritor brasileiro Haroldo de Campos, em sua obra Galáxias. O segundo é do romance Ensaio sobre a Cegueira, do escritor português José Saramago, ganhador do prêmio Nobel de Literatura de 1998.

“... um umbigodolivromundo um livro de viagem onde a viagem seja o livro o ser do livro é a viagem por isso começo pois a viagem é o começo e volto e revolto pois na volta recomeço reconheço remeço um livro é o conteúdo do livro e cada página de um livro é o conteúdo do livro” (Campos, 1984)



http://www.eso.org/outreach

Galáxia

“Vai ficar cego, Não, logo que a vida estiver normalizada, que tudo comece a funcionar, opero-o, será uma questão de semanas, Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem”.

■ (Saramago, 1999)

E agora? O que pensar de textos como esses, que desobedecem todas as regras da gramática? De que maneira lidamos com textos que não trazem algumas marcas de pontuação, ou não trazem nenhuma delas? Como construir um sentido para esses textos?

Precisamos recorrer ao conhecimento que já temos ou à nossa intuição das estruturas da língua, ou seja, aquilo que sabemos intuitivamente sobre o funcionamento da língua. É um exercício que nos desafia, pois estamos lidando com textos que transgridem as estruturas “normatizadas” ou ditadas pela gramática e fogem ao senso comum, isto é, fogem daquela linguagem que estamos acostumados a ler e que julgamos “correta” ou “normal”. Vale a pena tentar!

Se o texto literário (caso dos dois fragmentos que você acabou de ver) permite transgredir – esta é a sua característica – as regras ditadas pela gramática, esta transgressão é feita por quem conhece a norma. Não é o caso de “fazer de qualquer jeito”. O autor do texto literário infringe a norma conscientemente, porque conhece as regras.

Esta subversão consciente às regras postas acontece, também, em outras áreas, com outras “gramáticas”: Observe a reprodução ao lado, do quadro *Les Femmes d'Alger*, que foi pintado em 1907 e está no Museu de Arte Moderna de New York.

Pablo Picasso pintou este quadro numa fase denominada cubista. Veja o que significa o cubismo: “movimento na pintura, desenvolvido por Picasso e Braque por volta de 1907. O cubismo constituiu um corte radical na descrição realista da natureza que dominava a pintura e a escultura europeia desde o



■ Pablo Picasso. *As moças de Avignon*, 1907. Óleo sobre tela, 243.9 x 233.7 cm. Museu de Arte Moderna, Nova Iorque, Estados Unidos. www.moma.org



■ Leonardo Da Vinci. Mona Lisa ou La Gioconda, 1503 - 06. Óleo sobre madeira de álamo, 77 x 53 cm. Museu do Louvre, Paris. www.louvre.fr

Renascimento, uma vez que Picasso e Braque desejavam revelar a estrutura permanente dos objetos, em vez da sua aparência em determinado momento ou lugar.”(Enciclopédia Ilustrada Folha)

Observando uma pintura renascentista podemos perceber o “corte radical” que o cubismo fez, subvertendo as normas de uma gramática da pintura que vigorava desde o Renascimento.

Leonardo da Vinci, considerado um dos maiores gênios da humanidade, pintou a Mona Lisa, quadro que está no Museu do Louvre e que constitui um marco da pintura renascentista. É um dos quadros mais conhecidos e reproduzidos do mundo.



ATIVIDADE

- Comente as diferenças entre as duas pinturas e o sentido de cada uma delas, observando como elas podem estar relacionadas com a realidade.

Voltando ao texto escrito, há transgressões, porém, que comprometem textos que precisam ser claros, como o texto jurídico. Veja o exemplo de um artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente:



ATIVIDADE

Art. 59. Os Municípios, com apoio dos Estados e da União, estimularão e facilitarão a destinação de recursos e espaços para programações culturais, esportivas e de lazer voltadas para a infância e a juventude.

O que acontece com o sentido deste artigo, se tirarmos a vírgula colocada após a palavra Município?

“(…) os sinais de pontuação cumprem a tarefa ingrata – e difícil – de representar graficamente os recursos entonacionais da linguagem oral. A rigor, uma tarefa impossível. Basta observar que podemos fazer uma pergunta de mil modos diferentes, mas dispomos apenas do discreto (?) para transcrevê-la. Bem, podemos duplicar ou triplicar o sinal (???) para indicar, por exemplo, grande perplexidade... mas, mesmo assim, é muito pouco diante da riqueza da linguagem oral. A pontuação é, portanto, uma convenção redutora, que não se destina simplesmente a imitar a fala, mas ordenar a escrita de acordo com um código padrão específico do texto escrito. Eventualmente esse código até contraria a entonação da fala.”

■ (Faraco e Tezza, 1992)

Depois, precisamos ter consciência de que aprendemos a escrever, escrevendo. E lendo. Não nos basta, para aprendermos o uso eficiente da vírgula – e de toda a pontuação – nem decorar regras, nem alegar que usamos o bom senso, porque este, sozinho, não dá conta do problema. É importante conhecer alguma coisa das regras e construir uma atitude de bom senso. Mas é fundamental que aprendamos a estar atentos à pontuação, nos jornais e revistas que lemos, nos textos que escrevemos. A reflexão é um ótimo exercício. Além disso, “muita leitura em voz alta, se você não domina a pontuação, procurando a consciência das entonações requeridas e o estabelecimento das relações entre os diferentes segmentos marcados pela pontuação.” (Faraco e Mandryk, 1994)

■ Algumas atividades para você pensar, pontuar e/ou “virgular”



ATIVIDADE

1. Coloque as vírgulas no seguinte texto, da Revista Época:

Arqueologia

Um Homem de 700 anos

Na semana passada duas múmias foram encontradas em ótimo estado de conservação na província de Islay no Peru. Uma é de um homem de 35 anos e a outra de um menino. Elas estavam enterradas havia cerca de 700 anos mas ainda conservam cabelos e órgãos internos.

2. Observe, agora, este parágrafo:

Ontem pela manhã, um grupo de pessoas encontrou-se na rua XV de Novembro, em Curitiba. O grupo era constituído por adolescentes e crianças. O grupo se encaminhava para uma apresentação de ginástica ao ar livre, mas foi surpreendido por uma chuva repentina.

Compare este parágrafo com aquele que você pontuou e formule a regra para a utilização das vírgulas.

3. Construa a regra para a utilização da vírgula, a partir da leitura e observação das seguintes frases:
- Corra, José.
José, venha até aqui!
 - Vilma, esposa de Fred, usava o cabelo preso.
Na praça, ele encontrou Maria, dona do cachorro.
4. Os dois parágrafos a seguir referem-se a fatos acontecidos em Portugal e no Brasil. Leia atentamente e procure reescrevê-los, de modo a garantir a clareza das notícias veiculadas:
- O forçado Pedro Bela Corsa, que contava 22 anos, elemento do Grupo de Forçados de Portalegre, que morreu, na quinta-feira, em Lisboa, é enterrado, hoje, em Portalegre.”
(Não se esqueça de procurar o significado da palavra “forcado”. Posso lhe dizer que está relacionado com as touradas que acontecem em Portugal).
 - A favor 255 X Contra 206 o projeto foi o resultado do placar na votação eletrônica anulada na semana passada na Câmara dos Deputados.
5. Os parágrafos a seguir são brincadeiras com a linguagem. Brincando, você irá perceber como o uso da pontuação (e da vírgula, logicamente) pode ser fundamental. Reescreva estes parágrafos conforme as indicações, fazendo uso da pontuação adequada:
- “Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres.”
Você é a irmã:
Você é o sobrinho:
Você é o alfaiate:
Você é um dos pobres:
 - “Morte ao Presidente não faz falta à nação”
Você é contra o Presidente:
Você é a favor do Presidente:
 - Coloque a capa no local adequado:
“Vimos uma menina com um livro sem capa na chuva”
 - Deixe a Maria tomar banho frio:
Maria não toma banho quente porque sua mãe diz ela tomarei frio.
6. Vírgula e Religião: observe o versículo 43 do capítulo 23º do Evangelho de São Lucas, que será transcrito sem pontuação:
“Em verdade te digo hoje estarás comigo no paraíso.”
Que implicações decorrem da localização da vírgula antes e depois da palavra **hoje**?
7. O fragmento de texto que transcrevemos abaixo é da Revista Caros Amigos, de março de 2004, e está transcrito sem as vírgulas. Sua tarefa será a de colocar as vírgulas, refletindo sobre esta colocação e sobre o papel dela na compreensão do texto.

“Em abril de 2003 durante a 59ª Sessão da Comissão de Direitos Humanos das Nações Unidas (CDHNU) em Genebra por iniciativa da delegação brasileira foi proposta uma resolução que proíbe a discriminação por orientação sexual. Até aí nada de novo pois foi através de medidas como essa que importantes avanços foram dados não só quanto ao reconhecimento de que mulheres crianças e refugiados entre outros grupos sofriam constantemente com a falta de proteção aos seus direitos – com a discriminação e o preconceito sistemáticos – mas também pelo estabelecimento de mecanismos que visam garantir-lhes a necessária proteção. Na verdade o que se buscou foi exatamente ressaltar a igualdade e inalienabilidade de direitos bem como a dignidade inerente a todos os membros da espécie humana sem distinções de qualquer natureza reafirmando que na Declaração Universal dos Direitos do Homem está presente o princípio da inadmissibilidade da discriminação proclamando que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e que todos são titulares de direitos e liberdades sem discriminação de qualquer natureza. Como se pode depreender o objetivo básico da proposta brasileira é apenas a confirmação de tudo isso.”

■ Referências Bibliográficas:

CAMPOS, H. **Galáxias**. São Paulo: Ex-libris, 1984.

CENTURIÓN, M. **Conteúdo e Metodologia de Matemática**. São Paulo: Scipione, 1994.

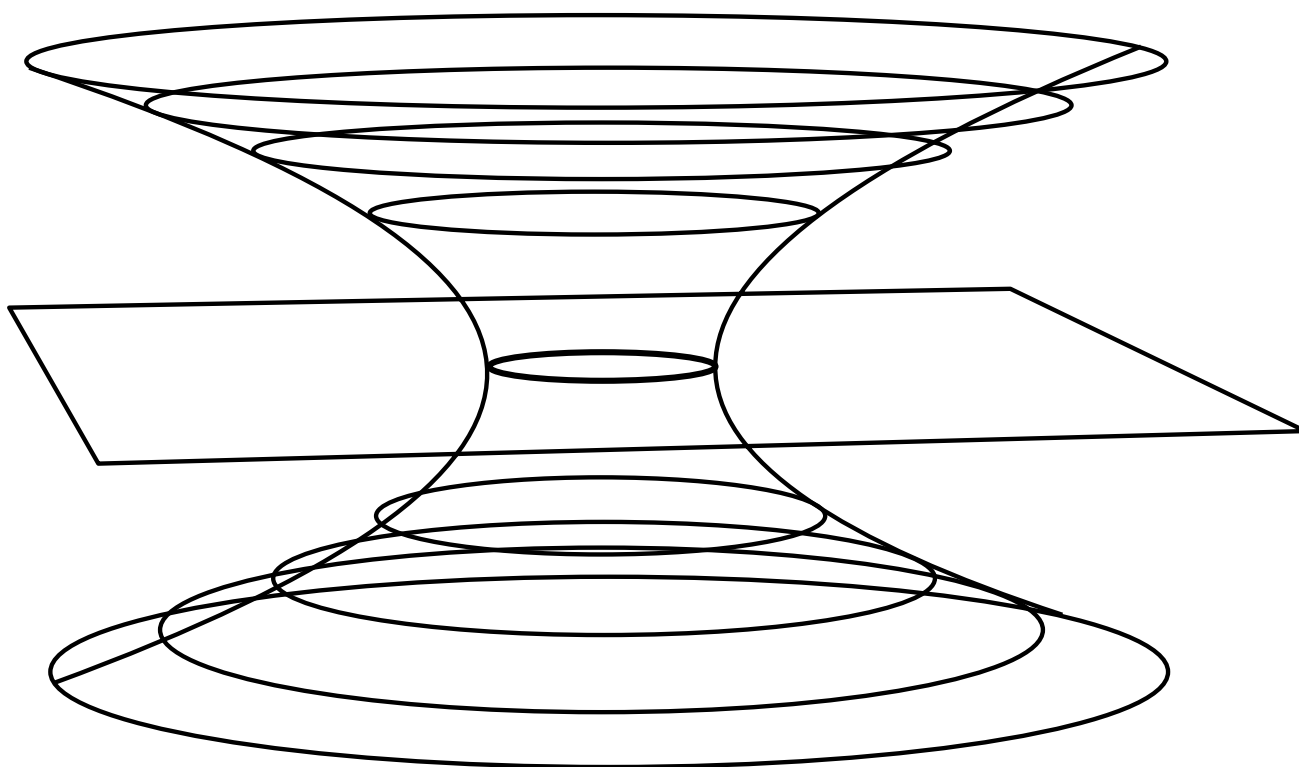
FARACO, C. A.; Mandryk, D. **Língua Portuguesa Prática de redação para estudantes universitários**. Petrópolis: Vozes, 1994.

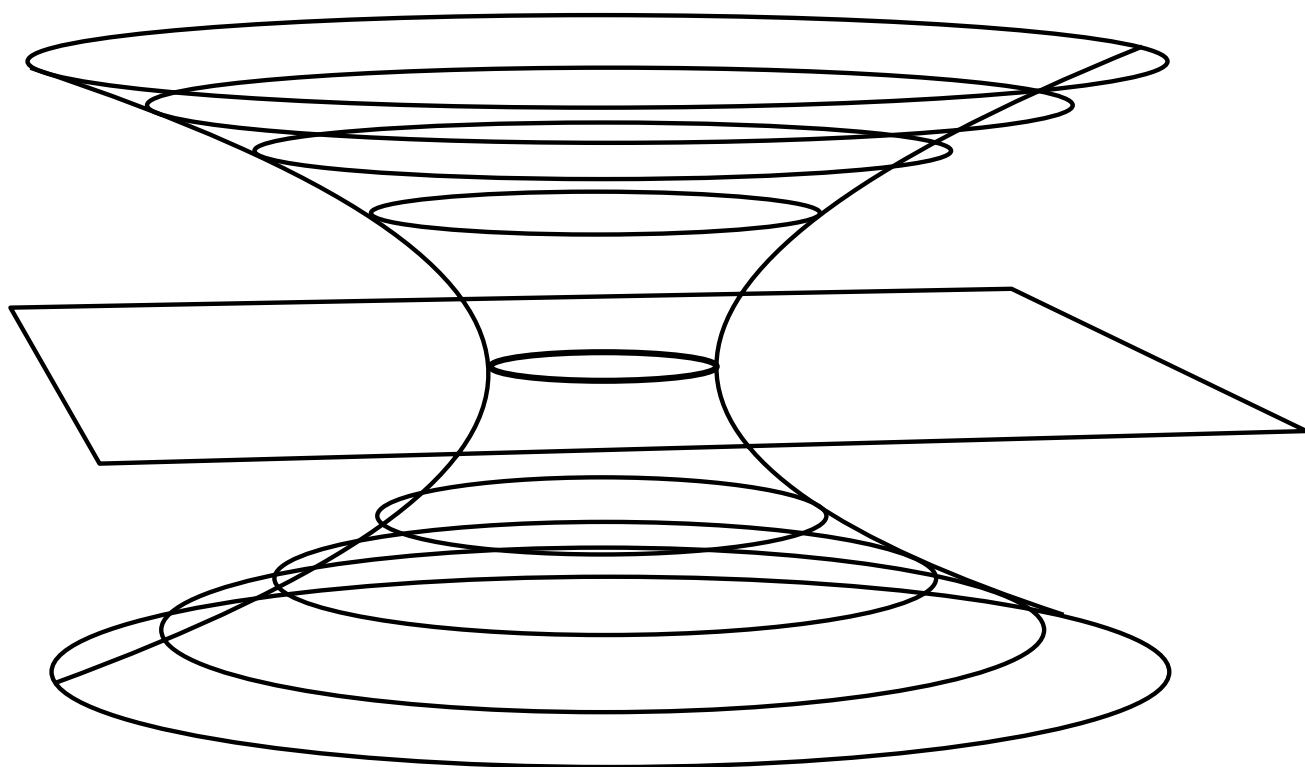
FARACO, C. A.; CRISTÓVÃO, T. **Prática de texto Língua Portuguesa para nossos estudantes**. Petrópolis: Vozes, 1992.

GUIMARÃES, A. Direitos humanos para todos ou somente para alguns?. **Revista Caros Amigos**, São Paulo, março de 2004.

Revista Época, nº 302, de 01 março 2004.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.





Rios sem Discurso

João Cabral de Melo Neto

Quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água que ele fazia; cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água parálitica. Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária: isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada; e mais: porque assim estancada, muda e muda porque com nenhuma comunica, porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria.

O curso de um rio, seu discurso-rio, chega raramente a se reatar de vez; um rio precisa de muito fio de água para refazer o fio antigo que o fez. Salvo a grandiloquência de uma cheia lhe impondo interina outra linguagem, um rio precisa de muita água em fios para que todos os poços se enfrasem: se reatando, de um para outro poço, em frases curtas, então frase e frase, até a sentença-rio do discurso único em que se tem voz a seca ele combate.

■ Referência: MELO NETO, João Cabral de. In: **A educação pela pedra**. Rio de Janeiro: José Olympio. 1979, p.26.



Língua Portuguesa

Olavo Bilac

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,
Em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

■ BILAC, Olavo. **Poesias**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964, pág. 262.



O Lutador

Carlos Drummond de Andrade

Lutar com palavras
 é a luta mais vã.
 Entanto lutamos
 mal rompe a manhã.
 São muitas, eu pouco.
 Algumas, tão fortes
 como o javali.
 Não me julgo louco.
 Se o fosse, teria
 poder de encantá-las.
 Mas lúcido e frio,
 apareço e tento
 apanhar algumas
 para meu sustento
 num dia de vida.
 Deixam-se enlaçar,
 tontas à carícia
 e súbito fogem
 e não há ameaça
 e nem há sevícia
 que as traga de novo
 ao centro da praça.
 Insisto, solerte.
 Busco persuadi-las.
 Ser-lhes-ei escravo
 de rara humildade.
 Guardarei sigilo
 de nosso comércio.
 Na voz, nenhum travo
 de zanga ou desgosto.
 Sem me ouvir deslizam,
 perpassam levíssimas
 e viram-me o rosto.
 Lutar com palavras
 parece sem fruto.
 Não têm carne e sangue
 Entretanto, luto.
 Palavra, palavra
 (digo exasperado),
 se me desafia,
 aceito o combate.
 Quisera possuir-te
 neste descampado,
 sem roteiro de unha
 ou marca de dente
 nessa pele clara.
 Preferes o amor
 de uma posse impura
 e que venha o gozo
 da maior tortura.
 Luto corpo a corpo,
 luto todo o tempo,
 sem maior proveito
 que o da caça ao vento.
 Não encontro vestes,
 não seguro formas,
 é fluido inimigo
 que me dobra os músculos
 e ri-se das normas
 da boa peleja.
 Iludo-me às vezes,
 pressinto que a entrega
 se consumará.
 Já vejo palavras
 em coro submisso,
 esta me ofertando
 seu velho calor,
 outra sua glória
 feita de mistério,
 outra seu desdém,
 outra seu ciúme,
 e um sapiente amor
 me ensina a fruir
 de cada palavra
 a essência captada,
 o sutil queixume.
 Mas ai! é o instante
 de entreabrir os olhos:
 entre beijo e boca,
 tudo se evapora.
 O ciclo do dia
 ora se consoma
 e o inútil duelo
 jamais se resolve.
 O teu rosto belo,
 ó palavra, esplende
 na curva da noite
 que toda me envolve.
 Tamanha paixão
 e nenhum pecúlio.
 Cerradas as portas,
 a luta prossegue
 nas ruas do sono.

■ Referência: ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 17.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. p.172-175.)



De Bernardo Soares, heterônimo de Fernando Pessoa:

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie - nem sequer mental ou de sonho -, transmudou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintáctica, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

Como todos os grandes apaixonados, gosto da delícia da perda de mim, em que o gozo da entrega se sofre inteiramente. E, assim, muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina ao colo delas. São frases sem sentido, decorrendo mórbidas, numa fluidez de água sentida, esquecer-se de ribeiro em que as ondas se misturam e indefinem, tornando-se sempre outras, sucedendo a si mesmas. Assim as idéias, as imagens, trémulas de expressão, passam por mim em cortejos sonoros de sedas esbatidas, onde um luar de idéia bruxuleia, malhado e confuso.

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa selecta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. «Fabricou Salomão um palácio...» E fui lendo, até ao fim, trémulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das idéias nas palavras inevitáveis, correr de água porque há declive, aquele assombro vocálico em que os sons são cores ideais - tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei: hoje, lembrando, ainda choro. Não é - não - a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfónica.

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, não quem não sabe sintaxe, não quem escreve em ortografia

simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bata, a ortografia sem ípsilon, como o escarro directo que me enjoa independentemente de quem o cuspiisse.

Sim, porque a ortografia também é gente. A palavra é completa vista e ouvida. E a gala da transliteração greco-romana veste-ma do seu vero manto régio, pelo qual é senhora e rainha.

■ Referência: PESSOA, Fernando. **Livro do Desassossego**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

